

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade De Letras
Programa De Pós-graduação Em Estudos Linguísticos

Marília Lacerda Mendonça da Silva

**A NOÇÃO DE SUJEITO PARA ALÉM DAS GRAMÁTICAS E A PERSPECTIVA DE
ALUNOS DOS ENSINOS FUNDAMENTAL E MÉDIO: teoria x prática**

Belo Horizonte – MG

2021

Marília Lacerda Mendonça da Silva

**A NOÇÃO DE SUJEITO PARA ALÉM DAS GRAMÁTICAS E A PERSPECTIVA DE
ALUNOS DOS ENSINOS FUNDAMENTAL E MÉDIO: teoria x prática**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: (1B) Estudos da Língua em Uso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Maria Tenuta de Azevedo.

Belo Horizonte – MG

2021

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Priscila Oliveira da Mata – CRB/6-2706

S586n

Silva, Marília Lacerda Mendonça da.

A noção de sujeito para além das gramáticas e a perspectiva de alunos dos ensinos fundamental e médio [manuscrito] : teoria x prática / Marília Lacerda Mendonça da Silva. – 2021.

185 f., enc.: il., grafs, tabs, color.

Orientadora: Adriana Maria Tenuta de Azevedo.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 136-140.

Anexos: f. 141-185.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 2. Língua portuguesa – Gramática – Teses. 3. Língua portuguesa – Sujeito e predicado – Teses. I. Azevedo, Adriana Maria Tenuta. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

**A noção de sujeito para além das gramáticas e a perspectiva de alunos dos
ensinos fundamental e médio: teoria X prática**

MARÍLIA LACERDA MENDONÇA DA SILVA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos da Língua em Uso.

Aprovada em 29 de junho de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Adriana Maria Tenuta de Azevedo - Orientadora

UFMG

Prof(a). Maria Beatriz Nascimento Decat

UFMG

Prof(a). Norma Barbosa de Lima Fonseca

CMBH

Belo Horizonte, 29 de junho de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Maria Tenuta de Azevedo, Supervisor(a)**, em 29/06/2021, às 20:01, conforme horário oficial de

Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Norma Barbosa de Lima Fonseca, Usuário Externo**, em 30/06/2021, às 09:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Beatriz Nascimento Decat, Servidora aposentada**, em 30/06/2021, às 12:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_or_gao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0769377** e o código CRC **47989963**.

***À minha família e a todos que me apoiaram
nesta jornada.***

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof(a). Dr.^a Adriana Tenuta, pela primorosa orientação durante a realização do meu Mestrado. Gratidão pelos seus ensinamentos e por todo auxílio que me proporcionou durante essa etapa, sempre como muita paciência e dedicação. A senhora faz parte desta vitória.

Aos meus pais, por me proporcionarem uma educação de qualidade e por serem os meus maiores incentivadores. Obrigada por me permitirem chegar até aqui.

Aos meus irmãos, pelo carinho e pelo companheirismo de sempre. Em especial à minha irmã Juliana, que acompanhou a minha rotina de estudo durante esses dois anos. Obrigada pelas dicas e sugestões para que eu pudesse me organizar melhor na elaboração da minha dissertação.

Ao meu namorado, Rômulo, pela cumplicidade e pelo incentivo. Obrigada por todo o apoio e por se fazer tão presente em minha vida.

Aos meus familiares e amigos, por acreditarem na minha capacidade e por lembrarem de mim em suas orações. Muito obrigada pelas vibrações positivas. Em especial, agradeço à minha iluminada vó Zulmira. Obrigada pela calma que a senhora me transmite.

Aos meus antigos mestres da Escola Vieira Cabral, do Colégio Ibituruna e da UFMG. Obrigada por fazerem parte da minha formação acadêmica e por serem os construtores do meu conhecimento. Um agradecimento especial aos meus professores de Português e Linguística, por terem sido tão brilhantes no ensino da língua.

Aos colegas de pós-graduação e de profissão que me ajudaram na execução da pesquisa. Obrigada pela ajuda e pela generosidade. Sem a contribuição de vocês, o sucesso deste trabalho não seria o mesmo.

Às escolas, aos alunos e aos professores que aceitaram participar da minha pesquisa. Obrigada pela colaboração. A participação de todos foi fundamental para a concretização deste trabalho.

Aos membros da banca examinadora, Prof(a). Dr.^a Maria Decat, Prof(a). Dr.^a Norma e Prof(a). Dr.^a Suelen, pela cuidadosa avaliação da minha dissertação. Suas críticas e sugestões foram essenciais para o aprimoramento deste trabalho. Muito obrigada.

À Capes, pela concessão da bolsa de estudos.

E, não menos importante, ao meu Pai e minha Mãe do céu. Eterna gratidão por serem luz e proteção no meu caminho. A Ele, toda honra e toda glória.

“Tudo posso naquele que me fortalece.”

Filipenses 4. 13

RESUMO

Na perspectiva funcionalista dos estudos linguísticos, a pesquisa teve como escopo a investigação de diferentes noções atribuídas à categoria gramatical de sujeito por alunos dos ensinos fundamental e médio, em análises sintáticas, visto que se apresentam algumas divergências de ordem semântica, sintática e pragmática entre o que é observado na prática e o que é prescrito pelas gramáticas normativas. Nesse sentido, o trabalho visou a (a) investigar em que contextos de manifestação do sujeito os alunos apresentam mais dificuldade para sua identificação, (b) atestar se sujeitos tidos como prototípicos tendem a ser mais facilmente reconhecidos e (c) verificar que noção de sujeito é a mais utilizada pelos alunos para identificarem o termo em uma estrutura linguística. Para atingir esses objetivos, foi elaborado um questionário, similar a uma atividade escolar, composto por 13 trechos escritos que representam reproduções de falas, extraídos de sites midiáticos. O questionário foi aplicado a alunos dos ensinos fundamental e médio, que tinham que identificar o sujeito dos elementos verbais destacados nos trechos linguísticos e justificar sua escolha. Esse método de coleta de dados teve o objetivo de verificar os critérios (pragmático, morfossintático, semântico e sintático) utilizados pelos alunos. Foi possível detectar as noções de sujeito mais utilizadas por eles no processo de análise sintática e as principais dificuldades exibidas na identificação do termo. Foi também aplicado um questionário aos professores de Língua Portuguesa dos alunos participantes da pesquisa, com o intuito de se verificar a metodologia utilizada por esses professores no ensino do conteúdo e as dificuldades dos alunos observadas em sala de aula relacionadas ao tema. Os resultados revelaram que os alunos apresentam maior dificuldade no reconhecimento do sujeito não prototípico ou com baixo grau de prototipicidade, além de sujeitos realizados por estruturas mais complexas. As observações feitas pelos professores no questionário corroboram os resultados da pesquisa.

Palavras-chave: Noções de Sujeito. Prototipicidade. Gramática. Ensino fundamental. Ensino médio.

ABSTRACT

Under the functionalist perspective of linguistic studies, this research aims to investigate different notions attributed to the grammatical category of subject by elementary and high school students, in syntactic analyses, since there are some semantic, syntactic and pragmatic divergences between what is observed in practice and what is prescribed by normative grammars. In this sense, the work aims at (a) investigating in which contexts of manifestation of the subject students have more difficulty in identifying it, (b) attesting whether subjects regarded as prototypical tend to be more easily recognized and (c) verifying which notion of subject is the most used by students to identify the term in a linguistic structure. For these purposes, a questionnaire was designed, similar to a school activity, consisting of 13 written excerpts that represent speech reproductions, extracted from media sites. The questionnaire was applied to elementary and high school students, who had to identify the subject of the verbal elements highlighted in the linguistic excerpts and justify their choice. This data collection method aimed to verify the criteria (pragmatic, morphosyntactic, semantic, and syntactic) used by the students. It was possible to detect the notions of subject most used by them in the syntactic analysis and the main difficulties displayed in identifying the term. A questionnaire was also applied to the Portuguese language teachers of the students participating in the research, in order to verify the methodology used by these teachers in teaching the content and the students' difficulties observed in the classroom related to the topic. The results revealed that students have greater difficulty in recognizing non-prototypical subjects or subjects with a low degree of prototypicality, in addition to subjects realized by more complex structures. The observations made by the teachers in the questionnaire corroborate the research results.

Keywords: Notions of Subject. Prototypicality. Grammar. Elementary School. High school.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de alunos informantes na pesquisa e porcentagem por ano escolar.....	104
Gráfico 2– Total de professores informantes na pesquisa e quantidade por escola	104
Gráfico 3 – Total percentual de cada noção do sujeito citada	107
Gráfico 4 – Noções de sujeito ensinadas aos alunos pelos professores.....	126
Gráfico 5 – Abordagem e atividades sobre o ‘sujeito’ nos livros didáticos pela visão do professor	128
Gráfico 6– Metodologia utilizada pelo professor na abordagem do sujeito.....	129
Gráfico 7– Contato dos alunos com o conteúdo ‘sujeito’ em anos anteriores	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Livros didáticos analisados em relação à abordagem da categoria sujeito.....	38
Quadro 2 – Diferenças e semelhanças entre o sujeito e o tópico	61
Quadro 3 – Características do sintagma nominal, que, no papel de sujeito, influenciam na ordenação sujeito-verbo ou verbo- sujeito	66
Quadro 4– Características do sujeito de cada sentença	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Quantidade de alunos que identificaram o sujeito corretamente e incorretamente em cada oração e de alunos que não apresentaram resposta	106
Tabela 2 – Quantidade de vezes em que cada noção de sujeito foi utilizada para a identificação do termo em cada sentença do questionário	107

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Introdução do conteúdo ‘sujeito’ no capítulo 8 do livro <i>Se Liga na Língua</i>	40
Figura 2– Definição da categoria sujeito pelos autores do livro <i>Se liga na língua</i>	42
Figura 3 – As noções de sujeito agente e sujeito paciente.....	45
Figura 4 – Atividade 4 do capítulo 8	46
Figura 5 – Atividade 6 do capítulo 8	47
Figura 6 – Introdução do conteúdo ‘sujeito’ no capítulo 4 do livro <i>Novas Palavras</i>	49
Figura 7 – Definição da categoria sujeito pelos autores do livro <i>Novas Palavras</i>	50
Figura 8 – Atividades sobre a categoria ‘sujeito’	53
Figura 9 – Atividade sobre a categoria ‘sujeito’ na seção <i>Da Teoria à Prática</i>	54
Figura 10 – Atividades 4 e 5 sobre a categoria ‘sujeito’	55

LISTA DE ABREVIATURAS

NdP – Núcleo do Predicado

SV – Ordem vocabular Sujeito – Verbo

VS – Ordem vocabular Verbo – Sujeito

V – Verbo

S – Sujeito

O – Objeto

CV – Concordância Verbal

Ant – Anterioridade

Ag – Agente

Top – Tópico

SN – Sintagma Nominal

VTD – Verbo Transitivo Direto

VTI – Verbo Transitivo Indireto

VI – Verbo Intransitivo

PR reto – Pronome Reto

OVS – Ordem vocabular Objeto – Verbo – Sujeito

SVO – Ordem vocabular Sujeito – Verbo – Objeto

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1	
UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE A CATEGORIA SUJEITO.....	21
1.1 A CATEGORIA SUJEITO NA VISÃO DA TEORIA FUNCIONALISTA	23
1.2 DESCRIÇÃO HISTÓRICA DA CATEGORIA SUJEITO.....	24
1.3 TEORIA DOS PROTÓTIPOS: A PROTOTIPICIDADE DO SUJEITO	25
1.4 SUJEITO GRAMATICAL E SUJEITO DISCURSIVO.....	27
1.5 RELAÇÃO ENTRE AS DEFINIÇÕES DE SUJEITO E AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM.....	30
1.6 CONHECIMENTO EXPLÍCITO E IMPLÍCITO NA APRENDIZAGEM SOBRE O SUJEITO	35
CAPÍTULO 2	
PROBLEMAS DE ORDEM PRAGMÁTICA, MORFOSSINTÁTICA, SINTÁTICA E SEMÂNTICA DA CATEGORIA SUJEITO	36
2.1 ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS SOBRE O CONTEÚDO ‘SUJEITO’	38
2.1.1 Análise da abordagem da categoria sujeito no livro Se liga na língua (6º ano)	39
2.1.2 Análise da abordagem da categoria sujeito no livro Novas palavras (2ª ano).....	48
2.2 PROBLEMAS DE ORDEM PRAGMÁTICA DA CATEGORIA SUJEITO	56
2.2.1 Sujeito e tópico: comparações e distinções	57
2.3 PROBLEMAS DE ORDEM MORFOSSINTÁTICA DA CATEGORIA SUJEITO	63
2.4 PROBLEMAS DE ORDEM SINTÁTICA DA CATEGORIA SUJEITO.....	65
2.5 PROBLEMAS DE ORDEM SEMÂNTICA DA CATEGORIA SUJEITO	67
CAPÍTULO 3	
METODOLOGIA E ANÁLISE DAS SENTENÇAS DO QUESTIONÁRIO.....	73
3.1 METODOLOGIA.....	73
3.2 ANÁLISE DAS SENTENÇAS DO QUESTIONÁRIO	76

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E DISCUSSÃO..... 104

4.1 SÍNTESE DOS RESULTADOS 119

4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS RESPOSTAS OBTIDAS PELOS PROFESSORES NO QUESTIONÁRIO 126

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 133

REFERÊNCIAS 136

ANEXOS 141

Anexo 1- Justificativas apresentadas pelos alunos no questionário para a identificação do sujeito 141

Anexo 2 – Questionário nº 1 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS 180

Anexo 3 – Questionário nº 2 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS 182

INTRODUÇÃO

Evidencia-se, em relação à aceção do sujeito, uma divergência ou variedade entre as doutrinas gramaticais. A definição de sujeito, portanto, não é unilateral e homogênea. Da mesma forma, supõe-se que as noções atribuídas pelos falantes de língua portuguesa a esse termo gramatical também apontem para uma diversidade. Abaixo, estão relacionadas algumas definições concedidas ao termo nos compêndios gramaticais, que vão desde conceituações mais formais a conceituações mais semânticas ou pragmáticas.

Consoante Rocha Lima (2011, p. 288), sujeito é “o ser de quem se diz algo”. Cunha e Cintra (2016, p. 136), em sua Gramática do Português Contemporâneo, também definem sujeito como “o ser sobre o qual se faz uma declaração”. Entretanto, encontramos outras definições que se configuram como uma descrição puramente formal, desconsiderando os papéis semânticos ou discursivos do termo. É o caso da definição designada por Neto e Infante (2008, p. 347), segundo a qual sujeito é o “termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa” e por Perini (2005, p. 77), em sua Gramática Descritiva do Português, que diz que “sujeito é o termo da oração que está em relação de concordância com o NdP”, isto é, o sujeito é considerado uma parte constituinte da oração, que estabelece uma relação formal bem marcada com o verbo e não tem sua função centrada na mensagem transmitida pela oração.

Quanto a Bechara (2015, p. 427), o gramático apresenta-nos uma definição também formal. Segundo o autor, “chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação prediativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma explicitação léxica do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal”. O autor (2009, p. 26) também define como sujeito o termo que indica o tópico da comunicação representado por pessoa ou coisa de que afirmamos ou negamos uma ação ou uma qualidade, adotando uma visão pragmática da categoria.

Considerando as variedades existentes das definições de sujeito exibidas nas gramáticas, além da necessidade de estudos que visem a mudanças no cenário escolar e nos seus métodos de ensino, faz-se necessário investigar as razões que impulsionam essa divergência entre a teoria e a práxis, a fim de se detectarem as falhas teóricas presentes nessas definições e de contribuir para a prática pedagógica, através de um ensino da gramática da língua materna que se aproxime de contextos reais de fala e que se vincule às situações de uso e à intuição dos interlocutores, considerando as unidades gramaticais e suas respectivas funções dentro do discurso e das interações comunicativas.

Objetivou-se, pois, com esta pesquisa, investigar as razões de naturezas sintática, semântica e pragmática que estão por trás da prática de identificação do sujeito, na intenção de se verificar quais noções do termo são prevalentes nos procedimentos de análise sintática, por alunos dos ensinos fundamental e médio, e as dificuldades que esses alunos apresentam em sua identificação. Além disso, foi do interesse dessa pesquisa analisar os casos de sujeito desviantes do conceito prototípico, coletando e apresentando evidências de afastamento do protótipo e da consequente dificuldade exibida pelos alunos no reconhecimento do termo quando há esse distanciamento.

Não menos importante, intencionou-se, através desse trabalho, contribuir para a prática pedagógica, propiciando subsídios para o ensino de uma gramática que não somente dite normas, mas também descreva e explique os fatos linguísticos, provocando reflexões por parte dos alunos e professores em sala de aula. Deseja-se que este trabalho sirva futuramente de apoio didático para professores de língua portuguesa no ensino da categoria sujeito, na intenção de que a abordagem sobre esse conteúdo contemple todos os aspectos desse elemento linguístico e considere as principais dificuldades dos alunos.

A principal questão que impulsionou esta pesquisa é que se observa uma maior dificuldade dos alunos na identificação do sujeito quando há um distanciamento do termo das características elencadas pela gramática tradicional. Nesse contexto, quanto menos prototípico é o sujeito, maior é a dificuldade de identificá-lo na oração. Como consta na literatura, são tidos, principalmente, como prototípicos do sujeito o traço [+CV], de natureza morfossintática; o traço [+Ant], de natureza sintática; o traço [+Ag], de natureza semântica; e o traço [+Top], de natureza pragmática.

Uma hipótese era a de que, em processos de análise sintática, o traço [+CV], em comparação aos outros, era o menos adotado na identificação do sujeito, especialmente em estruturas com sujeito oculto/desinencial, na qual supunha-se, não haver, por parte de grande parte dos alunos, o estabelecimento de uma correlação entre a forma do verbo e o pronome pessoal do caso reto implícito representante do sujeito. Além disso, visto que há uma tendência, na língua oral, em não se fazer a concordância, especialmente com sujeitos popostos, presumia-se que essa tendência impactasse na observância da flexão verbal para a identificação do sujeito.

Outra hipótese era a de que parecia haver uma maior inclinação para o traço [+Ant], indicador da posição pré-verbal do sujeito, ao se identificar o termo. Em frases de estrutura V + S + O ou O + V + S ou, então, V+ S, os alunos aparentavam ter mais dificuldade na identificação do termo, tendendo a classificar como sujeito o termo que atua como objeto,

predicativo ou adjunto adverbial, por considerarem a estrutura canônica da oração e não reconhecerem a ocorrência de inversão sintática dos termos.

Presupunha-se, ademais, que o traço tópico [+Top] fosse o mais adotado pelo aluno, visto que a noção pragmática é bastante difundida entre as gramáticas e os livros didáticos. Além disso, dado que a oração é ensinada como uma estrutura formada essencialmente de sujeito e predicado, sendo o predicado definido como “aquilo que se declara sobre o sujeito”, muitos professores devem citar a noção pragmática para os seus alunos, ainda que não a ensinem como uma definição inicial de sujeito. Em direção a essa lógica, supunha-se que o aluno tendesse a desconsiderar todos os outros traços prototípicos do termo e identificasse o sujeito apenas com base na relação prediativa que ele estabelece com o predicado. Presumia-se, ademais, que o entendimento do sujeito como um referente da informação que se predica, poderia, inclusive, fazer com que o aluno, equivocadamente, identificasse um sujeito em orações com verbos impessoais (provavelmente um dos constituintes que atuam como SN na sentença), por entender as orações sem sujeito como uma estrutura do tipo sujeito + predicado.

É importante ressaltar que as hipóteses foram formuladas com base em observações feitas pela presente pesquisadora nas escolas e turmas nas quais estagiou, enquanto aluna do curso de Letras, e em suas experiências como docente da educação básica. Além disso, as inconsistências teóricas no tocante ao conteúdo ‘sujeito’, verificadas nas gramáticas tradicionais, também serviram de base para a formulação das hipóteses. Buscou-se, no entanto, por meio da realização desta pesquisa, atestar a ocorrência das hipóteses levantadas.

Este estudo, através de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, visou a atestar tais hipóteses e detectar as principais dificuldades dos alunos na identificação do sujeito. Para tal, foi escolhido como público-alvo da pesquisa alunos dos ensinos fundamental e médio, em razão de considerar este estudo valorativo para o ensino de língua portuguesa e da gramática nas escolas. Avalia-se como importante desenvolver pesquisas a partir de dados coletados em ambientes escolares, com vista a contribuir para a atualização das práticas pedagógicas e para a viabilização de um ensino mais reflexivo e realista da língua.

A dissertação inicia-se com uma discussão sobre alguns tópicos relacionados à categoria sujeito. A seguir, trata-se dos problemas de ordem pragmática, morfossintática, sintática e semântica na definição do sujeito e discutem-se questões sobre a posição do sujeito na oração, concordância verbal, diferenças e semelhanças entre o tópico e o sujeito, problematização da definição pragmática, papéis semânticos do sujeito entre outros tópicos pertinentes ao tema.

No fim, apresenta-se a metodologia para coleta dos dados, a análise das sentenças do questionário e os resultados obtidos com a pesquisa.

CAPÍTULO 1

UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE A CATEGORIA SUJEITO

A proposta desta pesquisa teve como influência teórica trabalhos realizados por autores como Pontes (1986,1987), Pinto (1981), Decat (1983), Saraiva (1999) e Costa (1995). Ademais, apoiou-se na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que tem por base as vertentes funcional e cognitiva. A vertente funcionalista assume que os usos linguísticos são resultados da relação entre linguagem, cognição e ambiente sócio-histórico. As estruturas gramaticais são manifestações das habilidades cognitivas referentes à categorização, organização conceptual, processamento linguístico e experiências humanas socioculturais que atuam no comportamento linguístico do falante, interferindo na organização da fala do usuário, determinada por elementos pragmático-discursivos.

Em seu livro *Sujeito: da sintaxe ao discurso*, Pontes (1986) realizou uma pesquisa cuja análise se faz sobre os traços definidores do conceito sujeito predominantes entre os falantes e a compatibilidade destes com os prescritos pela gramática tradicional. Para a execução desse estudo, a autora selecionou, como grupo de informantes entrevistados, docentes e discentes da Universidade Federal de Minas Gerais. Pelos resultados provenientes da pesquisa, foi possível à autora constatar que a maioria das definições do termo entre os falantes entrevistados não condiz com a conceituação, encontrada em grande parte das gramáticas, que aponta para o traço tópico, o qual tipifica o sujeito como o ser sobre o qual se faz uma declaração; nas palavras de Pontes, "aquilo a respeito de que se pretende falar" (1986, p. 13). Pontes (1986) verificou, ademais, que o traço [+ Ag] é o mais utilizado para se definir a noção de sujeito, enquanto que o traço [+Top] é o menos lembrado; e confirmou que todos os traços do sujeito são traços não-necessários para defini-lo.

Pinto (1981), em sua dissertação de Mestrado, fez um levantamento dos problemas que a conceituação de sujeito em nossas gramáticas apresenta, entre eles a diferença de critérios utilizados para a definição do termo. A autora desenvolveu uma pesquisa com alunos do nível colegial em São Paulo, através da aplicação de um teste no qual diversas situações problemáticas para a caracterização do sujeito foram colocadas. Conforme resultados da pesquisa, os traços agente e animado preponderaram na identificação do sujeito. Quanto à noção de tópico, ele foi menos lembrado do que o traço [+animado]. Já a posição é um critério mais usado do que a concordância verbal para identificar o sujeito. Segundo a autora, a concordância verbal não influi na seleção do termo, pois pode também ser feita com SNs que não são sujeitos,

mas a posição anteposta, sim, visto que os falantes tendem a identificar como sujeito o termo que vem no início.

Decat (1983), por meio da análise de dados de língua oral, e considerando a relação entre o fenômeno de concordância verbal e os fenômenos de topicalização e posposição do sujeito, levantou a hipótese de que “a ausência de CV em sentenças com SN posposto (tradicionalmente chamado sujeito) se explica[ria] pelo fato de essas sentenças serem constituídas só do comentário, desprovidas, portanto, do tópico, que é, [em seu trabalho], estabelecido como o controlador da CV” (Decat 1983, p. 9). Além do mais, a autora realçou que a concordância verbal é tida como um dos principais critérios para a identificação do sujeito. Mas, em contrapartida, as gramáticas apresentam noções tanto de cunho sintático quanto de cunho semântico e pragmático ligadas ao termo, o que gera recorrentes confusões em sua identificação e incoerências entre teoria e o que é concebido como sujeito nas sentenças. Como consequência dessas divergências, Decat destacou a recorrente atribuição da noção semântica de agente ao sujeito no momento de sua identificação. Além dessas questões, a autora fez algumas considerações a respeito de determinadas noções de sujeito definidas na literatura: sujeito gramatical/formal (desencadeador da concordância verbal), sujeito temático/psicológico (anuncia o tópico sobre o qual se está falando) e sujeito lógico (expressão à qual se atribui o papel temático de agente da ação ou de experienciador do estado ou processo apresentado pelo verbo).

Saraiva (1999) levantou questões sobre os conceitos de sujeito e objeto com base na noção roschiana de protótipo. A autora citou algumas das principais características que formam o conceito prototípico de sujeito - relação de concordância com o verbo [+CV]; a posição típica pré-verbal [+Ant]; possibilidade de ser retomado por pronome pessoal do caso reto [+PR reto] – e salientou que há um afastamento, em menor ou maior grau, do protótipo na identificação dessa função. Como exemplificação, Saraiva apontou e comparou algumas sentenças que se aproximavam ou se distanciavam dos traços típicos do sujeito, ressaltando os casos em que haveria maior ou menor dificuldade na sua identificação.

Por fim, Costa (1995), em seu trabalho sobre os procedimentos de manifestação da categoria sujeito, analisou os diferentes critérios de identificação do termo à luz da teoria funcionalista, na contramão de uma perspectiva tradicional que focaliza sua abordagem em aspectos puramente formais e se distancia dos fenômenos pragmáticos e discursivos da linguagem. Para o desenvolvimento de sua pesquisa, o autor se valeu de um corpus constituído de 80 textos reais – 40 orais e 40 escritos – produzidos por 12 informantes natalenses, estudantes de escolas públicas e privadas, que foram distribuídos conforme o nível de escolaridade e sexo,

realçando o caráter sociolinguístico também presente na pesquisa. Constataram-se a ausência de concordância em orações SV e VS, a maior ocorrência de sujeito-paciente do que sujeito-agente e diferenças de níveis estruturais e discursivos entre tópico e sujeito, o que corrobora a não-prototipicidade dos traços considerados prototípicos do sujeito.

1.1 A CATEGORIA SUJEITO NA VISÃO DA TEORIA FUNCIONALISTA

Conforme Neves (1994, p. 12), a “gramática funcional é uma teoria geral da organização gramatical de línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global de interação social.” A teoria funcionalista, nascida da Linguística Funcional, teve como precursores autores como Givón, Hopper, Thompson, Chafe, entre outros, e tem como pressuposto uma língua que se constrói no seu uso, em situações extralinguísticas atreladas a contextos linguísticos diversos que variam de falante para falante. A Linguística Funcional direciona seus estudos às interações comunicativas, à liberdade que o falante tem de organizar o seu discurso e privilegia a intenção em detrimento à forma. Para a teoria funcionalista, forma, função e discurso devem estar vinculados para atender às expectativas linguísticas dos interlocutores, considerando a sua mutabilidade intrínseca e peculiaridade.

Na concepção funcionalista, a gramática não se restringe a compêndios gramaticais determinadores de regras linguísticas. A gramática é “viva”, um sistema aberto passível de ser afetado pelo seu uso diário. Entretanto, o que temos é uma gramática de natureza normativa que não espelha e registra a realidade comunicativa de seus usuários, tornando-se, dessa forma, obsoleta e atrasada quanto às transformações e evoluções de uma língua. Em contraposição à forma como a língua é estruturada nas gramáticas tradicionais, o funcionalismo propõe-se, nas palavras de Costa e Tavares (2016, p. 18-19), “explicar a organização da gramática e a codificação linguística das estratégias gramaticais com base em princípios de natureza cognitiva e comunicativa”.

Seguindo esse pressuposto, o sujeito, na perspectiva funcionalista, é construído sob bases sintáticas, semânticas e pragmáticas, explicitado no modelo de interação de Dik (1989, 1987), que integra sintaxe e semântica em função de um contexto pragmático no qual o sujeito é o objeto do discurso. Conforme Dik (1980), a teoria funcionalista concilia, em seus estudos, o sistema da língua e o seu uso. Entende-se, por essa vertente, que a forma dos enunciados está atrelada à sua função e sujeita ao uso que o falante faz dos enunciados. Função, nesse caso, não diz respeito aos papéis que as unidades linguísticas – classes de palavras ou sintagmas – desempenham no interior das orações, e sim “ao papel que a linguagem desempenha na vida

dos indivíduos, servindo a certos tipos universais de demanda, que são muitos e variados” (NEVES, 1994, p. 125). Parte-se do princípio de que o discurso (nível pragmático) se forma a partir da sintaxe da língua (projetada a partir de uma estrutura argumental); esta, por sua vez, relacionada à forma, que contribui para a produção de sentido. Essa integração – sintaxe + semântica – está vinculada às práticas de comunicação e experiências socioculturais dos indivíduos que são compartilhadas entre si. O discurso é, portanto, de natureza sintática, semântica e pragmática e está ligado também a aspectos cognitivos.

1.2 DESCRIÇÃO HISTÓRICA DA CATEGORIA SUJEITO

As noções de sujeito e predicado remontam à Antiguidade Clássica através de uma filosofia da linguagem que pensava o conceito de “proposição”, o que deu origem a diferentes teorias no tangente a essa questão. Desde a antiguidade, já havia a preocupação dos filósofos com a denominação e com a relação entre as palavras e coisas, o que, mais tarde, deu lugar ao estudo do logos (discurso) e suas partes constituintes (SILVA, 2006).

Platão (428-347 a.C.) foi o primeiro a sugerir uma divisão das partes do discurso. Em seus diálogos, Crátilo e Sofista, o filósofo discute o conceito de proposição, que se fundamenta no conceito de logos, cujo sentido original é o de “reunião, coleção”. No diálogo de Platão, Sofista (261-264), logos remete ao “significado especialmente de uma declaração, ou declaração caracterizando elocução que é construída por um nome e um verbo e é um ou outro verdadeiro ou falso em um sentido simples” (SILVA, 2006, p. 168).

Desse modo, o logos é configurado como uma declaração, formado por dois sintagmas (um nome e um verbo) e está condicionado a um valor de verdade (SILVA, 2006). O estudo platônico de logos amplia sua investigação para além da relação entre nome e coisa (nome como indicador da coisa – nominalização) e passa a investigar a relação entre nome (onoma) e verbo (rhema) e a distinção entre dizer (legein) e o denominador (onomazein). A verdade não é mais buscada no nome, mas na atribuição de um verbo a um nome, que corresponde à designação de uma propriedade a uma coisa (NEVES, 2005).

Em Platão (Crátilo e Sofista), o discurso/logos é produto da combinação do onoma (o nome) com o rhema (o verbo). Onoma é “um nome significativo, comum ou próprio.” (NEF, 1995, p. 17) definido em Crátilo como “a apelação que se atribui a cada objeto.” (NEF, 1995, p. 17). “O onoma é a menor parte do discurso [...]. O sentido de rhema é mais vago: esse termo designa tudo que pode ser dito ao sujeito sobre alguma coisa [...] e também de maneira mais específica, o verbo, como categoria gramatical, que designa ações (praxeis)” (NEF, 1995, p. 18).

O sentido de onoma aproxima-se do de sujeito e corresponde ao agente (práxis) e o de rhema aproxima-se da noção de predicado e equivale a ação (prátton). Dessa forma, o “verbo é definido como o que exprime as ações e o nome é como o sinal que se aplica aos sujeitos dessas ações” (NEVES, 2005, p. 86).

Portanto, essa divisão das partes do discurso (nome/agente e verbo/ação), preconizada nos escritos de Platão e refinada posteriormente por Aristóteles e os estoicos, condiz com a divisão que as gramáticas fazem, hoje em dia, entre sujeito e predicado, associando-se às definições semântica e pragmático- discursiva remetidas ao sujeito.

1.3 TEORIA DOS PROTÓTIPOS: A PROTOTIPICIDADE DO SUJEITO

A descrição da capacidade humana de categorizar remonta à Grécia Antiga, tendo como um de seus precursores Platão e Aristóteles. A categorização por Platão era entendida como um agrupamento de objetos de categorias semelhantes, enquanto Aristóteles aperfeiçoou o sistema de categorização de Platão, por meio da análise de classes e objetos, conforme destaca Lima (2010).

Tanto para Platão como para Aristóteles, os conceitos são definidos por suas essências. Enquanto que o estudo de Platão foca nas formas ideais, [...] muitos estudiosos, na metade do século 20, baseavam seus estudos nas ideias de Aristóteles, tratando os conceitos como sendo definidos por um jogo de características necessárias e suficientes, que eram descobertas empiricamente, sendo uma proposta de representação e não de processo. A teoria clássica de Aristóteles é considerada por alguns como a hierarquia perfeita do mundo. Nela, as categorias são definidas apenas pelas propriedades comuns a todos os seus membros. Desta forma, nenhum membro pode ser considerado melhor exemplo da categoria que os demais. As categorias são definidas apenas pelas propriedades inerentes os seus membros. Assim, elas devem ser independentes de quem estiver categorizando [...] A teoria clássica fornece uma explicação direta para o fato de separarmos membros e não membros de uma categoria. Os membros de uma categoria são justamente aqueles objetos, ou exemplares, que exibem as características necessárias e suficientes que definem a categoria; e os que não exibirem essas características são considerados não-membros, possibilitando, também, uma formação intuitiva do conceito (LIMA, 2010, p. 112-113).

Categorização, nas palavras de Cunha e Bispo (2013, p. 67), “é um processo cognitivo de domínio geral no sentido de que categorias perceptuais de vários tipos são criadas a partir da experiência humana, independente da língua”. De forma mais simplificada, categorização consiste em um “processo através do qual agrupamos entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares etc) em classes específicas” (CHIAVEGATTO, 2009, p. 31).

Ainda segundo a teoria clássica, os traços, isto é, as propriedades e características de um elemento, são binários, ou seja, um elemento vai exibir ou não um traço e um determinado traço vai definir ou não uma categoria. Caso um traço esteja presente na entidade, esse será representado por [+] – indicador de presença – e, se ausente, por [-]. Esse modelo de categorização é questionado por autores que rebatem a premissa de que o sistema de categorias é algo rígido e objetivista.

Segundo Wittgenstein (2003) os membros de uma categoria não possuem todas as propriedades que a definem. Dessa forma, os traços entre as entidades de uma categoria não seriam compartilhados, o que haveria seria um cruzamento de características entre elas. Os elementos exibem propriedades afins e, por essas afinidades, são agrupados em uma categoria, o que não configura a categorização como uma relação direta entre propriedades.

Dois membros vizinhos podem ter características comuns e ser similares, ao passo que membros distantes pertencem à mesma família sem ter mais nada em comum. Na verdade, mesmo que uma característica seja comum a todos os membros da família, não precisa ser essa característica que define o conceito. A relação entre os membros de um conceito pode ser estabelecida pelo compartilhar de características que se destacam na família do conceito, cruzando-se e sobrepondo-se de maneiras muito complicadas. (WITTGENSTEIN, 2003, p. 53)

Rosch (1978), por meio da Teoria de Protótipos, além de demonstrar que as entidades de uma categoria não possuem o mesmo status, como preconiza a teoria clássica da categorização, revela que a estrutura de uma categoria não é estável nem definida. Os traços de uma categoria são, em tese, graduáveis e com limites difusos. Devido a essa discrepância de propriedades, segundo a Teoria de Protótipos, em uma mesma categoria existem membros mais típicos – centrais – e membros menos típicos – periféricos. Alguns atributos associam-se a uma categoria. Alguns membros podem apresentar todos esses atributos – o que faz deles os elementos exemplares (centrais) da categoria – enquanto outros podem exibir algumas, nenhuma, como também outras características que não estão presentes nos membros exemplares. Dessa forma, as categorias conceituais organizam-se em torno de membros exemplares que melhor definem a categoria. Aos elementos mais centrais é concedido o status de protótipo, e são eles que vão conter, em seu conjunto de propriedades, as características que mais remetem à representação do conceito, aspecto ligado à nossa cognição.

A categorização não se relaciona exclusivamente aos estímulos ambientais. Ela também se estende aos estímulos linguísticos, na medida em que a linguagem é uma atividade social e produto de nossas interações com o mundo. A formação de significados, de conceitos, está

atrelada às experiências socioculturais e físicas do ser humano e envolve um processamento mental do qual faz parte o reconhecimento de membros de categorias.

A categorização permeia nossa relação com o mundo físico e social e com nosso intelecto. Entendemos o mundo não apenas em termos de coisas individuais, mas também em termos de categorias de coisas. E isso se dá também no domínio linguístico: do mesmo modo que categorizamos o universo biofísico e sociocultural, categorizamos a língua. (CUNHA; BISPO, 2013, p. 68)

A categorização na linguística pode ser aplicada a todas as categorias: morfológicas, sintáticas, semânticas e fonológicas. O representante prototípico de uma categoria será aquele que reúne os traços mais recorrentes que a definem.

No domínio linguístico, a categorização diz respeito à semelhança ou identidade que ocorre quando palavras e sintagmas e suas partes componentes são reconhecidas e associadas a representações armazenadas. As categorias resultantes são a base do sistema linguístico, sejam fonemas, morfemas, itens lexicais, sintagmas ou construções (BYBEE, 2010, apud CUNHA; BISPO, 2013, p. 67).

Em direção a esse princípio, o protótipo da função de sujeito concentra características típicas do termo que constroem o seu conceito, sendo elas: o sintagma que estabelece a concordância verbal, o agente do verbo, o termo que precede o item verbal e o ser sobre o qual se declara algo. O exemplo de protótipo da categoria sujeito seria, portanto, um elemento linguístico que apresente em sua composição os traços [+Top], [+CV], [+Ant], [+Ag].

Consoante Keenan (1976)

[...] segundo este tipo de definição, os sujeitos de certas sentenças, e mais geralmente de certos tipos de sentenças, serão mais tipicamente sujeitos ("more subject-like") do que os sujeitos de outras. [...] Assim o caráter subjetivo de um SN (em uma sentença) é uma questão de grau." (KEENAN, 1976, p. 07).

1.4 SUJEITO GRAMATICAL E SUJEITO DISCURSIVO

As noções de sujeito preconizadas pelas gramáticas tradicionais e normativas revelam duas naturezas do termo: uma gramatical e outra discursiva. Pode-se, pois, citar dois tipos de sujeito: o sujeito gramatical e o sujeito discursivo. O sujeito gramatical caracteriza-se pela relação morfossintática entre o verbo e o seu argumento externo na oração. Esse sujeito é selecionado por um predador e estabelece relação de concordância com o verbo. É conhecido

também como sujeito sintático. Entende-se como relação morfossintática aquela que envolve o mecanismo de concordância estabelecida entre as partes que compõem a oração. Esta relação pode ser identificada pela associação de número, pessoa e gênero entre as palavras de uma sentença e pode ser nominal ou verbal. Para que o constituinte verbal se adeque sintaticamente ao sujeito, é necessário que o verbo modifique a sua forma para se harmonizar com o sujeito em número e pessoa.

Tradicionalmente se entende a concordância verbal como uma espécie de harmonia entre o verbo e um dos termos da oração, o sujeito: o verbo assumiria certa forma conforme o SN que preenche a função de sujeito, e por isso, se diz *eu vou, mas você vai e eles vão* (PERINI, 2016, p. 381).

Embora as gramáticas normativas não preconizem como definição de sujeito o constituinte que aparece no início da oração, em posição pré-verbal, alguns autores consideram o traço [+Ant] uma propriedade gramatical prototípica da categoria. Segundo Perini (2016), “o sujeito é um SN presente na oração” (2016, pg.105). Portanto, em orações como as do tipo “Espirrei” não há a presença de um sujeito, porque, na oração, não há um sintagma nominal que possa ser encarregado dessa função. O que há é um sufixo de pessoa-número (-ei) que indica o agente da informação verbal, mas não o sujeito.

Para o gramático, a condição prévia para a identificação do sujeito é que esse seja

um SN cuja pessoa e número sejam compatíveis com a pessoa e número indicadas pelo sufixo de pessoa-número do verbo. Se na oração só houver um SN nessas condições, esse SN é o sujeito. Se houver mais de um SN, então o sujeito é o SN que precede imediatamente o verbo. Se o SN que precede o verbo for um clítico (me, te, nos, se), ele não conta, e o sujeito é o SN precedente (PERINI, 2016, p. 97).

Perini ressalta que essas regras explicitadas não funcionam para períodos compostos e para casos de redução anafórica, sendo necessárias outras condições. E, embora o gramático cite a posição pré-verbal como um traço identificador do sujeito em orações com dois sintagmas nominais cuja flexão de número é compatível com a flexão número-pessoa do verbo, ele reconhece a possibilidade de inversão do sujeito para a posição pós-verbal na oração.

Outro conceito de sujeito citado pela gramática tradicional é o de essência pragmática, o qual o define como “o ser sobre o qual se faz uma declaração. Considera-se sujeito o termo sobre o qual se declara algo, o elemento na oração alvo da predicação. Por essa perspectiva, o sujeito é discursivo.

Segundo Bechara (2009):

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função “predicativa”. Nela, o “sujeito” e o “predicado” são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo “referido”, e o sujeito, o termo “referente”, a função sintagmática é a de “referência”, e a unidade resultante é a “predicação referida”, que se opõe, neste nível, à “predicação não referida”. Em O aluno estuda temos uma predicação referida; em Chove, Faz calor, uma predicação não referida (BECHARA, 2009, p. 31).

Para Lyons (1977) a distinção entre sujeito e predicado está na pressuposição de que uma sentença simples é composta de dois constituintes imediatos: um nominal (SN) e o outro verbal (SV). Conforme o autor, para se conseguir diferenciar o sujeito do predicado, é preciso considerar o pressuposto de que uma sentença é composta apenas de um SV, mas que pode haver mais de um SN, sendo que um deles pode se configurar como parte do SV.

A maneira de conceituar o sujeito pragmaticamente, isto é, como o elemento na oração sobre o qual se diz algo, obedece a um critério de natureza informacional, visto que coloca o sujeito como o referente¹ da informação do predicado. O termo é, pois, determinado pelo ponto de vista de que algo está sendo declarado em relação a ele. Contudo, a informação pode não fazer referência ao sujeito, mas a outro termo da sentença. É o que se observa, por exemplo, em construções de tópico, nas quais a declaração é feita sobre o elemento tópico e não sobre o sujeito.

Segundo Pontes (1986):

ao estudar sentenças como em 1 [1a. Essa bolsa aberta aí, eu podia te roubar a carteira. b. O Mardônio pifou o freio de mão do carro e ele foi levar na oficina. c. Eu agora, cabô desculpa de concurso, né?] mostrei que elas são do tipo das sentenças que Li e Thompson (1976) consideram como os exemplos mais perfeitos de construções de tópico. Nelas, vê-se claramente que se tem um tópico no início da sentença, seguido de um comentário. O comentário se constitui por sua vez de uma sentença completa, com sujeito e predicado. Nesse tipo de sentença, portanto, distingue-se claramente o tópico do sujeito (PONTES, 1986, p. 15).

A definição pragmática do sujeito é a mesma dada por alguns autores para o tópico. Visto isso, para alguns linguistas, como Gundel (1974) e Bechara (2009), o sujeito é referido como o tópico da sentença. Apesar de não haver um consenso na literatura sobre a definição e a natureza do tópico, a noção dessa categoria como um fenômeno pragmático-discursivo é predominante, pois pressupõe a opção do falante em planejar e organizar o seu discurso.

O tópico também pode condicionar a interpretação da anáfora. “Há uma clara tendência a relacionar elementos anafóricos em geral ao tópico, de preferência a qualquer outro SN do

¹ Entende-se “referente” como o elemento da sentença alvo da informação. Há uma relação no nível informacional entre o sujeito e o predicado e entre o tópico e o comentário. O sujeito é, portanto, o referente da informação do predicado e o tópico, o referente da informação do comentário.

texto.” (PERINI, p.33-34, apud PONTES,1986, p. 191). Em sentenças nas quais o sujeito é citado em uma sentença e retomado em outra dentro de uma mesma porção discursiva, ele pode ser referenciado de outra forma (como pronome, omitido ou como outra palavra/expressão de mesma referência, por exemplo), a fim de se estabelecer um elo referencial. Nesses casos, o sujeito pode ser o tópico na medida em que, por ter sido antes mencionado, se constitui como informação dada/velha. De acordo com Perini (1986), entende-se “dado” como

o elemento que o falante presume que esteja ativado, no momento, na memória do interlocutor (e não simplesmente conhecido pelo interlocutor). Somente elementos dados poderiam ser retomados através de pronomes pessoais. Assim, uma frase como: (35) ele acabou de me telefonar só é compreensível se o ouvinte estiver com o referente de ele ativado, presente em uma espécie de “linha de frente” na sua memória; por exemplo, se (35) for dita imediatamente depois de: (36) você se lembra do Ronaldão? (PERINI, 1986, p.33)

A diferença entre o sujeito gramatical e o discursivo reside, portanto, na relação que se estabelece entre o sujeito e o verbo. Se a relação entre os dois termos pode ser determinada pela concordância verbal, o sujeito é sintático (gramatical). Isso significa que a relação se dá no domínio morfossintático, no qual a compatibilidade de informações gramaticais de número e pessoa é levada em consideração para se definir o sujeito. O sujeito gramatical (sintático) também pode ser definido pela sua posição caso haja mais de um sintagma nominal na oração com a mesma configuração morfológica de número e pessoa do verbo. Nesse contexto, o sujeito corresponde ao sintagma nominal anterior ao elemento verbal. Os traços [+CV] e [+Ant] são, pois, propriedades sintáticas da categoria. Quanto ao sujeito discursivo, ele pode corresponder tanto ao elemento referido pela predicação (sujeito + predicado) quanto ao elemento referido pelo discurso precedente. Neste último caso, o sujeito corresponde ao tópico. O traço [+Top] é, portanto, uma propriedade pragmática do sujeito.

1.5 RELAÇÃO ENTRE AS DEFINIÇÕES DE SUJEITO E AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

As definições conferidas ao sujeito pelas gramáticas refletem possíveis formas de ensino calcadas em diferentes modelos de gramática, cada uma embasada em uma concepção distinta da linguagem. Travaglia (1997) acentua que existem três maneiras de conceber a linguagem. Essa pode ser encarada como expressão de pensamento, como instrumento de comunicação e como forma ou processo de interação.

A visão da linguagem como expressão de pensamento remonta a estudos datados desde a Grécia antiga, como Dionísio de Trácia (século II a.C.), e se sustenta até o início do século XXI, data em que essa concepção é rompida e reformulada por Saussure (1969) (PERFEITO, 2007). Conforme essa concepção, a expressão linguística se forma, primeiramente, no interior da mente do falante e sua exteriorização, isto é, da linguagem, está condicionada à competência que o indivíduo possui de organizar o seu pensamento de forma lógica e articulada. A gramática é, portanto, fruto unicamente do sistema cognitivo e é exteriorizada através da linguagem, não modificada por influências externas ou apresentando variações. A língua, nesse modelo teórico, é caracterizada como abstrata, homogênea, estável e imutável e espelha um sistema linguístico enraizado na norma culta-padrão ou variedade-padrão, a qual tem como preceito prescrever regras, conceituar e classificar unidades gramaticais (TRAVAGLIA, 1997).

Segundo Travaglia, nesse sentido:

Presume-se que há regras a serem seguidas para a organização lógica do pensamento e, conseqüentemente, da linguagem. São elas que se constituem nas normas gramaticais do falar e escrever “bem” que, em geral, aparecem consubstanciadas nos chamados estudos linguísticos tradicionais que resultam no que se tem chamado de gramática normativa ou tradicional. Portanto, para essa concepção, o modo como o texto, que se usa em cada situação de interação comunicativa, está constituído não depende em nada de para quem se fala, em que situação se fala (onde, como, quando), para que se fala. (1997, p. 15).

Como visto, essa abordagem da linguagem nas gramáticas normativas não estuda os aspectos gramaticais em função das situações de uso e também em função das relações entre forma e função. Ela se preocupa exclusivamente em citar regras e realizar atividades de identificação e classificação. Além do mais, os itens gramaticais, nas palavras de Cunha e Tavares, são “trabalhados de modo compartimentado” (2016, p. 15), ou seja, as classes de palavras e as funções sintáticas são analisadas isoladamente, separadas uma das outras e fora de um contexto discursivo. A análise se restringe ao domínio da oração, estudada de forma isolada, sem considerar as possíveis relações de sentido que se formam no texto/discurso.

A definição formal (morfossintática) da categoria sujeito – “ termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa” (NETO; INFANTE, 2008, p. 347) – adentra essa concepção de linguagem, pois atenta-se para a análise da forma do termo e para a relação sintática que o sujeito tem com o verbo no nível da oração, considerando suas propriedades gramaticais.

Prosperada através de Saussure (1969), a visão da linguagem como instrumento de comunicação enxerga a língua "como um código, ou seja, um conjunto de signos que se

combinam segundo regras e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor" (TRAVAGLIA, 1997, p. 21). Para que a comunicação entre os falantes se efetive, é necessário que os membros da interlocução dominem esse código e que esse seja preestabelecido e convencionado. Nessa concepção, a língua tem como objetivo a transmissão de mensagem entre um emissor e um receptor, sem considerar a sua utilização. (TRAVAGLIA, 1997). Consoante Travaglia (1997):

Para essa concepção o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir a um ouvinte, ou seja, informações que quer que cheguem ao outro. Para isso ele a coloca em código (codificação) e a remete para o outro através de um canal (ondas sonoras ou luminosas). O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações). É a decodificação. (TRAVAGLIA, 1997, p. 22)

O modelo de gramática que se relaciona com essa concepção de linguagem é a gramática descritiva, visto que essa se propõe a fazer uma descrição da língua da forma como ela é falada. A linguística descritiva visa, portanto, a explicar a estrutura e o funcionamento da língua, bem como a sua forma e função, questionando os fatos linguísticos e registrando as diferentes possibilidades de construções linguísticas que podem ocorrer com as unidades e categorias gramaticais existentes (TRAVAGLIA, 1997). Entretanto, embora a gramática descritiva amplie o seu prisma em relação ao sistema linguístico, rompendo com a ideia de prescrição e da avaliação do que é certo e errado no uso da língua, essa não se desvincula da gramática normativa, visto que o que faz é descrever e explicar as regras que nela se encontram prescritas. A gramática descritiva não estende suas investigações para o âmbito discursivo e para as interações comunicativas, como faz a gramática funcionalista.

A definição que Perini (2005) faz sobre o sujeito realça esse caráter descritivo. Como mencionado anteriormente, o autor define sujeito como o “termo da oração que está em relação de concordância com o NdP ” (2005, p. 77) e explica que o sujeito é considerado uma parte constituinte da oração, que estabelece uma relação formal bem marcada com o verbo e não tem sua função centrada na mensagem transmitida pela oração. Ainda segundo Perini (2016), o usuário da língua, para chegar a uma definição de sujeito, primeiro precisa reconhecer a sequência sonora ou gráfica da frase proferida, já que não dispõe dos papéis temáticos. Cabe a ele a tarefa de relacionar a cada sintagma seu papel temático adequado; e o usuário tem competência para isso em razão dos seus conhecimentos prévios, os quais incluem, segundo o autor: “a sequência concreta realmente percebida (oralmente ou escrita)” e “a valência do verbo da oração”, que pertencem ao seu conhecimento de léxico.

A definição de sujeito como “agente da ação verbal” e “paciente da ação verbal” (BECHARA, 2009, p.94) também tem bases descritivas, na medida em que sugere a atribuição de distintos papéis temáticos ao termo sujeito, expandindo a noção semântica do termo para além da ideia de agente. Compreende-se papéis temáticos – também chamados de papéis semânticos, papéis- θ , relações temáticas – como as relações semânticas estabelecidas entre os verbos e seus argumentos – sujeito e complementos. Nessa relação de sentido, o verbo atribui funções para cada argumento. Essas funções semânticas são conhecidas como papéis temáticos (CANÇADO, 2008).

A terceira concepção de linguagem – linguagem como forma de interação – tem sua gênese arraigada no campo linguístico funcionalista. Por essa concepção, segundo Travaglia (1997)

o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/ leitor). A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. (TRAVAGLIA, 1997, p. 22)

Desse modo, a língua deixa de ser vista como um sistema fechado e começa a ser estudada como produto da enunciação, à qual subjazem aspectos pragmáticos e socioculturais que definem os seus efeitos de sentido. Diferentemente das outras concepções de linguagem, essa compreende o sistema linguístico como heterogêneo, dinâmico, condicionado a situações de uso e motivado pela intenção do falante ao se comunicar, o qual se torna ativo no processo comunicativo.

Dentro dessa acepção de linguagem, a definição de gramática que melhor se aplica é a gramática funcional. Conforme Neves (1994), “gramática funcional é uma teoria geral da organização gramatical de línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global de interação social.” (1994, p. 12). A linguística funcional direciona seus estudos às interações comunicativas, à liberdade que o falante tem de organizar o seu discurso e privilegia a intenção em detrimento à forma. Para a teoria funcionalista, forma, função e discurso devem estar vinculados para atender às expectativas linguísticas dos interlocutores, considerando a sua mutabilidade intrínseca e peculiaridade.

A noção de sujeito que condiz com a visão funcionalista da língua é aquela segundo a qual sujeito é “o ser de quem se diz algo” (PERINI, 2016, p. 136), pois essa definição situa a categoria sujeito no domínio do discurso, na medida em que o termo, segundo a noção pragmática, corresponde ao referente da informação predicada.

A proposta de uma gramática reflexiva, adotada nos livros didáticos para o ensino da língua, reflete os pressupostos funcionalistas da linguagem, posto que, ao mesmo tempo em que se preocupa em repassar as regras da língua, busca fazer isso de forma reflexiva e dialética das construções linguísticas. O ensino reflexivo da língua volta-se ao que é preconizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) da Língua Portuguesa, um ensino de língua cuja análise refere-se a atividades epilinguísticas e metalinguísticas, ambas de reflexão, mas com fins distintos. Enquanto as atividades epilinguísticas estão voltadas "para o uso, no próprio interior da atividade linguística em que se realiza", as metalinguísticas "estão relacionadas a um tipo de análise voltada para a descrição, por meio da categorização e sistematização dos elementos linguísticos" (PCN, 1997, p. 30). Nesse sentido, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais

Se o objetivo principal do trabalho de análise e reflexão sobre a língua é imprimir maior qualidade ao uso da linguagem, as situações didáticas devem, principalmente nos primeiros ciclos, centrar-se na atividade epilinguística, na reflexão sobre a língua em situações de produção e interpretação, como caminho para tomar consciência e aprimorar o controle sobre a própria produção linguística. E, a partir daí, introduzir progressivamente os elementos para uma análise de natureza metalinguística. O lugar natural, na sala de aula, para esse tipo de prática parece ser a reflexão compartilhada sobre textos reais. (PCN, 1997, p. 31)

As noções de sujeito encontradas nos livros didáticos variam quanto aos critérios definidores. Na coleção *Novas Palavras* (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016) define-se sujeito como "termo da oração com o qual o verbo concorda em pessoa (1ª, 2ª, 3ª) e número (singular, plural)." (2016, p. 241). A definição dos autores é puramente formal e de natureza morfossintática, pois usa-se o fator concordância como traço para a sua definição. Na coleção *Português Linguagens*, Cereja e Magalhães (2015) conceituam sujeito como "termo da oração que informa de quem ou de que se fala com o qual o verbo geralmente concorda." (CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 89). Nessa acepção, os autores misturam o critério pragmático – "termo da oração que informa de quem ou de que se fala" – atribuindo ao sujeito conteúdo informacional, com o critério formal – "termo da oração [...] com o qual o verbo geralmente concorda". Em *Se Liga na Língua*, por Ormundo e Siniscalchi (2018), o sujeito é descrito como "ser ou objeto sobre o qual o verbo faz uma declaração". (2018, p. 251). Nessa definição, o sujeito é pragmático, pois sobre ele é feita uma declaração, implicando, dessa forma, a enunciação num contexto. Os autores, ademais, conferem ao sujeito a natureza de ser ou objeto, indicando a sua referência no mundo.

1.6 CONHECIMENTO EXPLÍCITO E IMPLÍCITO NA APRENDIZAGEM SOBRE O SUJEITO

Nas gramáticas de Língua Portuguesa, há uma mistura de critérios pertinentes à noção de sujeito. Essa mistura, por sua vez, pode resultar em incoerências que, conseqüentemente, pode resultar em incompreensão e dificuldade por parte dos alunos quanto à aprendizagem do conteúdo. Além disso, pode dificultar também a prática de ensino do professor ao mediar esse conhecimento, visto que a gramática não reflete a intuição linguística do falante, seu conhecimento tácito/implícito da língua e o seu planejamento de fala em determinado contexto.

De acordo com os estudos sobre aprendizagens implícitas e gramáticas artificiais de Reber (1967), os falantes de uma determinada língua experimentam a aprendizagem implícita. Consoante o autor (1993, p. 5 apud PAULA, 2007, p. 31), aprendizagem implícita é “a aquisição de conhecimento que acontece independentemente das tentativas conscientes para aprender e na ausência de conhecimento explícito sobre aquilo que se adquire.” Essa aprendizagem ocorre através da percepção de certas regularidades presentes no ambiente e de associações que o falante faz entre uma ocorrência e outra, de forma inconsciente. Além disso, pode não ser verbalizada e é processada naturalmente pelo sujeito mediante contato com o objeto a ser aprendido.

Diferentemente da aprendizagem explícita, a qual requer a mobilização de estratégias e de recursos limitados para a sistematização e a produção consciente do conhecimento, a aprendizagem implícita não está condicionada a limitações de idade, à capacidade de cognição, à cultura e à instrução formal do indivíduo. Além do mais, seus efeitos são mais duradouros e não dependem da aprendizagem explícita para se manter, pois, mesmo que as aprendizagens explícitas sejam afetadas por algum dano, a aprendizagem implícita, ligada ao seu funcionamento, mantém-se preservada na memória cognitiva (POZO; CRESPO, 2009).

Levando-se em consideração a propensão do indivíduo a adquirir esse tipo de aprendizagem, não se pode ignorar nesta pesquisa o conhecimento tácito que o aluno dispõe da noção de sujeito, construído mediante correlações entre dados linguísticos semelhantes e referências anteriores, concomitante às suas impressões e interpretações do conceito.

CAPÍTULO 2

PROBLEMAS DE ORDEM PRAGMÁTICA, MORFOSSINTÁTICA, SINTÁTICA E SEMÂNTICA DA CATEGORIA SUJEITO

Definir sujeito não é uma tarefa fácil. Essa dificuldade consiste nas muitas características que o sujeito possui, o que o torna uma categoria gramatical complexa e de difícil compreensão. A gramática tradicional apresenta diferentes definições do sujeito que exibem propriedades diferentes umas das outras, sendo elas de ordem pragmática, segundo a qual o sujeito é o elemento da oração sobre o qual se declara algo; de ordem morfofossintática, que define o sujeito como o componente na frase que controla a concordância verbal; e de ordem semântica, a qual intitula o sujeito como o “ser” que realiza a ação verbal.

Conforme Ilari e Geraldi (1985)

[...] apesar da aparente simplicidade, as noções de sujeito e predicado são bastante difíceis de se definir: nos casos claros, o sujeito da oração reúne em si uma série de características de forma e sentido: é uma forma nominal, que precede o verbo e acarreta nele fenômenos de concordância; funciona como expressão referencial, isto é, serve para transformar em objeto de discurso uma pessoa ou objeto da realidade; identifica o assunto da oração e nomeia quem faz a ação. Nem sempre, porém, essas características aparecem juntas em uma mesma expressão. Decidir qual seja então o sujeito torna-se um problema espinhoso, como em: A garantia de sucesso são as promessas de governo. (O critério da concordância leva a apontar como sujeito “as promessas do governo”; o critério da ordem leva a apontar como sujeito “a garantia de sucesso”.) e Fanático pelo Flamengo é o Pedro Martins. (O critério da ordem leva a apontar como sujeito “fanático pelo Flamengo”; o critério da referencialidade leva a apontar como sujeito o “Pedro Martins”). (ILARI; GERALDI, 1985, p. 9)

O problema que circunda a definição do sujeito é a ausência de alguns traços definidores da categoria em alguns termos. São eles: os traços [+Top], [+CV] [+Ag] [+Ant]. Nem todos os constituintes que desempenham essa função sintática abrangem todas as suas propriedades típicas. As sentenças abaixo demonstram a ausência de alguns desses traços no constituinte sujeito:

1. Nem tudo são mil maravilhas.
(Ausência do traço [+CV]. O verbo concorda com o predicativo “mil maravilhas”)
2. O seu marido, eu o vi ciscando na casa da vizinha.
(Ausência do traço [+Top]. A estrutura trata-se de uma construção tópico-comentário, na qual o referente da declaração é o termo “O seu marido” e não o sujeito “Eu”)

3. O Brasil encontra-se em estado de calamidade pública.

(Ausência do traço [+Ag]. O verbo “encontrar”, nesse caso, não é um verbo que expressa ação, e sim um estado)

4. Aumentou, desde o início da pandemia, o índice de desemprego.

(Ausência do traço [+Ant]. O sujeito está em posição pós-verbal, em ordem indireta)

Outra questão que problematiza a definição de sujeito é a não concomitância da expressão de todos os traços. Um sujeito de uma oração pode não conter todos os traços prototípicos da categoria, apresentando até mesmo apenas uma dessas propriedades.

- Ex: Eternamente grata será Ana por todas as doações de alimentos feitas a ela.

O sujeito da sentença acima (Ana) exhibe dois dos quatro traços prototípicos do termo: o traço [+Top], uma vez que o que se predica é sobre ‘Ana’, e o traço [+CV], visto que o verbo “será” concorda em pessoa e número com o sujeito. O traço [+Ant] e o traço [+Ag] não estão presentes no sujeito ‘Ana’. O termo aloca-se em posição posterior ao verbo e o elemento verbal ‘será’ é de ligação, não exprimindo, portanto, ideia de ação.

A não concomitância de todos os traços no sujeito de uma oração pode fazer com que o aluno não interprete tal termo como sujeito ou não identifique um sujeito na sentença.

Outro problema é a insuficiência de algum traço para se identificar o sujeito. O traço [+CV], por exemplo, em algumas sentenças, não é suficiente para se identificar o termo, visto que, em alguns casos, a concordância verbal pode ser compatível com os dois termos que saturam o sentido do verbo ou concordar com o sintagma que não exerce a função de sujeito. Pinto (1981) critica a definição baseada na concordância verbal e aponta alguns exemplos em que o sujeito não se constitui como um determinador da concordância do verbo. Segundo a autora, a concordância verbal não pode ser um critério exclusivo para se identificar o sujeito, uma vez que ela não é controlada apenas pelo sujeito. Veja os exemplos abaixo nas quais o traço [+CV] não é suficiente para se identificar o termo:

5. “Minha testemunha era uma amiga.”

(O verbo é conjugável tanto com “Minha testemunha” quanto com “uma amiga”)

6. “A testemunha era eu.”

(O verbo é conjugável tanto com “A testemunha” quanto com “eu”)

(PINTO, 1981, apud PONTES, 1986, p. 55).

2.1 ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS SOBRE O CONTEÚDO ‘SUJEITO’

Esta seção visou a analisar dois livros didáticos em relação à abordagem do conteúdo sujeito e à forma de trabalhar a sua aprendizagem nas atividades propostas por eles. Essa análise teve como intuito demonstrar as divergências citadas no início do capítulo no tocante às definições de sujeito e investigar algumas das falhas teórico-práticas exibidas nos livros didáticos no tratamento da categoria gramatical sujeito. Para isso, a análise teve os seguintes focos:

- Abordagem do conteúdo
- Trabalho com o conteúdo
- Natureza dos exercícios

Quanto ao primeiro foco, foi analisada a maneira como o(s) autor(es) dos livros introduziu(ram) o tema, isto é, os recursos didático-pedagógicos que foram utilizados para se abordar a noção de sujeito e exemplificar o conteúdo, assim como as noções do termo que foram abordadas. Em relação ao segundo foco, foram analisados os métodos que o(os) autor(es) utilizou(aram) para a efetivação da aprendizagem dos alunos sobre o conteúdo sujeito, o que incluiu analisar a forma como a noção da categoria é trabalhada nos exercícios propostos pelo livro e a natureza das atividades. O terceiro foco tem relação com o segundo e diz respeito aos tipos de exercícios que são utilizados por cada livro para trabalhar a aquisição do conteúdo: textos, abordagem do sujeito de forma contextualizada ou exercícios que trabalham a identificação do termo em frases isoladas.

Para as análises, foram selecionados dois livros didáticos de Português, um do 6º ano, uma vez que é nesse ano escolar em que o aluno tem o primeiro contato com o conteúdo “sujeito”, no qual normalmente se aprende a definição do termo e as suas classificações; e outro do 2º ano do ensino médio, dado que, nesse nível escolar, há a retomada dos conteúdos gramaticais abordados no ensino fundamental. O Quadro 1 a seguir informa o título dos livros analisados, o ano escolar aos quais se destinam, os seus autores, a editora e o ano.

Quadro 1 – Livros didáticos analisados em relação à abordagem da categoria sujeito

Título	Ano escolar	Autores	Editora/Ano
Se Liga na Língua: leitura, produção de texto e linguagem	6º ano do Ensino Fundamental	Wilton Ormundo, Cristiane Siniscalchi	Moderna, 2018

Novas Palavras	2º ano do Ensino Médio	Emília Amaral Mauro Ferreira Ricardo Leite Severino Antônio	FTD, 2016
----------------	------------------------	--	-----------

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

2.1.1 Análise da abordagem da categoria sujeito no livro *se liga na língua* (6º ano)

O livro *Se Liga na Língua*, de autoria de Ormundo e Siniscalchi (2018), abre o capítulo sobre o sujeito com o título ‘Sujeito Determinado’. Em uma breve análise do mesmo livro, mas do 8º ano, o autor introduz outros capítulos relacionados a sujeito com os títulos Sujeito Indeterminado e Sujeito Inexistente. Vê-se, portanto, que, com a utilização desse livro, o aluno tem contato primeiramente com as formas de sujeito identificáveis, isto é, com sujeitos possíveis de serem identificados nas frases, mesmo que não explícitos nas orações. Apenas no 8º ano o aluno irá estudar as outras categorias de sujeito, no caso, o sujeito indeterminado e o sujeito inexistente.

Não há como afirmar a motivação dos autores para a escolha dessa divisão do conteúdo. Entretanto, numa visão pessoal, partir dos casos com sujeito determinado para depois seguir com os casos de sujeitos indeterminado e inexistente pode ser uma estratégia pedagógica eficaz para a aquisição do conteúdo pelo aluno, pois o sujeito determinado não envolve muitas particularidades, como é o caso do sujeito indeterminado (pois há dois critérios para a sua identificação)² e do sujeito inexistente (pois há três casos de oração sem sujeito).³

Os autores introduzem o capítulo com o título de uma notícia, conforme a Figura 1 a seguir, para fazer uma breve distinção entre sujeito e predicado, mas sem citar a definição de

² A língua portuguesa indetermina o sujeito de duas maneiras:

a) Empregando o verbo na 3ª pessoa (singular ou plural, sendo este último caso mais comum) ou uma forma infinita do verbo, sem referência a pessoas determinadas. Ex: Diz que vai bater (diz= dizem) /Estão batendo. / É desagradável saber más notícias. (saber= que alguém saiba). b) empregando o pronome *se* junto ao verbo, de modo que a oração passa a equivaler a outra que tem por sujeito *alguém, a gente*. Ex: *Vive-se* bem aqui. (*A gente* vive bem aqui) / *Precisa-se* de empregados. (*Alguém* precisa de empregados). (Bechara, 2009)

³ Os principais verbos impessoais são: a) os verbos que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos: chover, trovejar, nevar, anoitecer, fazer (frio), etc. Ex: Anoitece/Faz frio. b) os verbos *haver* e *ser* em orações sinônimas às construídas como *existir*. Ex: Há livros bons. (existem livros bons) / “Eram quarenta pessoas ao todo, entre homens, mulheres e crianças” (M. TORGA, Vindima, 7). c) os verbos *haver, fazer e ser* nas indicações de tempo: *Há* cinco anos não aparece aqui. / *Faz* cinco anos não aparece aqui. *Era* à hora da sobremesa. (Bechara, 2009)

cada termo. Eles apenas exemplificam, sem aprofundar em detalhes, o papel sintático de cada um e ressaltam a intenção do autor da notícia ao escolher determinado termo como sujeito.

Figura 1 – Introdução do conteúdo ‘sujeito’ no capítulo 8 do livro *Se Liga na Língua*

Mais da língua



Sujeito determinado

No Capítulo 7, estudamos frase, oração, período, sujeito e predicado. Agora, no Capítulo 8, propomos a revisão desses conceitos, também reforçada nas atividades, e a ampliação da abordagem teórica.

Veja novamente o título da notícia sobre a jovem Marley:

“Cansada de ler sobre garotos, menina reúne 4.000 livros com garotas negras”.

Esse título indica o principal fato noticiado: reunir muitos livros com garotas negras. A ação é citada no predicado da oração e é atribuída à palavra *menina*, que ocupa o lugar de sujeito. Para chamar a atenção, o produtor da notícia preferiu destacar a pouca idade de quem fez a ação e excluiu a figura da mãe, que também a auxiliou.

Nesta seção, você vai explorar diferentes efeitos produzidos pela escolha do sujeito e conhecer três de seus tipos.

Pra começar

Vamos observar a estrutura das orações. Leia os enunciados desta tira do quadrinista fluminense André Dahmer e responda às questões.

1. Há dois personagens. Um deles aparece no primeiro e no último quadrinho, e suas falas são “Como funcionam as grandes empresas?” e “Que bonito!”. O outro personagem aparece no segundo quadrinho com a fala “Funcionam como a mamãe natureza”; no último quadrinho aparece apenas a fala dele: “Os peixes maiores devoram os menores”.

Malvados
André Dahmer



- 1
 Quantos personagens há na tira? Quais são as falas de cada um?
- 2
 O último enunciado da tira é “Os peixes maiores devoram os menores”. Explique a comparação feita entre empresas e peixes.
- 3
 Observe que o enunciado “Que bonito!” vem antes de “Os peixes maiores devoram os menores”. No final da leitura, o que o leitor conclui, então, sobre o personagem que disse “Que bonito!”? Por quê?
- 4
 Entre os enunciados da tira, há um que pode ser classificado como frase, mas não como período. Qual é ele? Explique por quê.

Observe novamente a última fala. Como você já estudou, enunciados com essa estrutura são chamados de períodos simples, porque são formados por uma única oração.

4. Trata-se do enunciado “Que bonito!”, considerado uma frase, pois tem sentido completo, mas não um período, já que não contém verbo.

250

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 250).

Segundo os autores, na seção sobre ‘Sujeito Determinado’, os alunos irão “explorar diferentes efeitos de sentido produzidos pela escolha do sujeito e conhecer três de seus tipos: o sujeito simples, o sujeito composto e o sujeito desinencial.” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 250). A Figura 2 a seguir apresenta a definição de sujeito pelos autores do livro, a explicação sobre núcleo do sujeito e algumas das classificações atribuídas ao termo.

Os autores referem-se ao sujeito como ser ou objeto, o que acaba por limitar o termo a essas duas categorias de “coisas”, sendo que ele pode se manifestar de outras maneiras, inclusive em forma de oração. Conceituar o sujeito dessa forma pode limitar a identificação do termo pelo aluno a constituintes que se encaixam nas categorias de ser ou objeto. Qualquer outra expressão de sujeito, que não seja de objeto ou ser, pode se tornar estranha ao aluno. Apesar de os autores definirem o sujeito como “ser” e “objeto”, há um exemplo utilizado na introdução do capítulo para ilustrar o que é sujeito na frase, em que o núcleo do sujeito é a palavra “empresas”, a qual não remete a objeto e que pode não ser compreendida pelo aluno como um “ser”. Essa ocorrência pode levar o aluno a questionar a definição dada pelos autores do termo.

Embora a gramática tradicional faça a distinção entre seres concretos e abstratos, na abordagem sobre a classificação dos substantivos, apresentando uma definição mais geral de “ser, é possível que a concepção de “ser” para o aluno seja outra. Conforme aparece no dicionário Michaelis (2021), “ser”, na condição de substantivo, pode significar: 1) Aquilo que existe ou acreditamos que existe. 2) Qualquer ente concreto com uma unidade de caracteres. 3) A espécie humana. 4) A essência de cada pessoa. 5) (FILOS.) Aquilo que uma realidade é de fato. 6) (FILOS.) Tudo o que é, que se coloca como existente. 7) (FILOS.) Tudo aquilo que existe e que tem a possibilidade de existir.

Ainda que, pelas definições do dicionário, “empresas” enquadre-se na categoria de “ser”, visto que é algo que possui existência, alguns conceitos podem não remeter a ideia de “ser” para os alunos, por, talvez, relacionarem essa noção com a ideia de animacidade. Nesse sentido, em uma sentença do tipo “Maria terminou a graduação de Letras.” ou “O cachorro da minha vó late muito”, os núcleos dos sintagmas “Maria” e “O Cachorro” provavelmente seriam reconhecidos como “ser”, por grande parte dos alunos, em razão do traço [+ animado] que possuem. Já em uma sentença do tipo “ O meu relógio quebrou” , é possível que uma parte significativa dos alunos não associe a palavra “relógio” à ideia de “ser” devido ao seu traço [-animado].

Observa-se que os autores utilizam exemplos de orações mais simples para ilustrar o que é sujeito e predicado. Os exemplos de sujeitos correspondem a estruturas com um ou dois núcleos, ou na sua forma oculta. Exemplos de representações mais complexas do termo não são apresentados ao aluno de imediato, como sujeitos oracionais (ex. É provável que eu compre um carro ano que vem.), sujeitos com verbos substantivados (ex. O saber conviver é um dom que poucos têm) e sujeitos em sua forma passiva sintética (ex. Comprou-se uma casa), por exemplo.

Para trabalhar a compreensão e a fixação do conteúdo pelo aluno, o livro utiliza atividades de texto de diferentes gêneros textuais (tirinha, notícia, artigo de opinião, conto), sempre relacionando os exercícios com o texto em questão. O conteúdo ‘sujeito’ neste livro foi integralmente trabalhado através de textos, inteiros ou de fragmentos. Na seção analisada, não há nenhuma atividade que trabalhe a identificação e classificação do sujeito exclusivamente com frases soltas. Os exercícios são agrupados em blocos de textos, isto é, cada atividade corresponde a um texto seguido de suas respectivas questões, assinaladas por letras.

Uma característica observada nas atividades é a retomada de outros conteúdos gramaticais. Os autores não fizeram o uso do texto apenas para elaborar questões que façam referência ao conteúdo sujeito, mas também para abordar outros assuntos que podem ter sido estudados anteriormente pelo aluno. Essa estratégia utilizada explora mais os elementos do texto e contribui para que o aluno relembre e fixe conteúdos antes estudados. Entretanto, os autores, ao invés de retomarem conteúdos anteriores, poderiam ter elaborado mais questões que explorassem o conteúdo “sujeito” e os aspectos relacionados à categoria.

Embora seja importante o trabalho com o texto, propor exercícios cuja finalidade seja analisar e identificar o sujeito no nível da oração, seja em orações retiradas de textos ou orações criadas pelo(s) próprio(s) autor(es), é interessante e necessário ao se estudar o termo. Essa necessidade deve-se ao fato de que os alunos, em exercícios dessa natureza, conseguem ter um contato maior com as diferentes representações e estruturas do termo, o que contribui para o reconhecimento das diferenças e peculiaridades de cada manifestação do sujeito no momento de identificá-lo.

Na seção analisada, os autores aproveitam uma atividade de texto para abordar ‘sujeito agente’ e sujeito ‘paciente’, mas sem aprofundamento, apenas para introduzir essas noções. Não são explorados detalhes da estrutura das orações com sujeito agente e paciente, uma vez que o conteúdo sobre vozes verbais é discutido no livro do 8º ano da coleção analisada.

Introduzir esses conceitos antes de avançar para o conteúdo de vozes verbais é um recurso interessante na medida em que faz com que o aluno se familiarize com essas formas de expressão de sujeito antes de aprender sobre as construções oracionais em que esses sujeitos aparecem. Mesmo que o aluno ainda não tenha aprendido sobre essas construções sintáticas, ter conhecimento dos conceitos semânticos de sujeito agente e paciente e já ter tido um contato preliminar com exemplos de estruturas oracionais em que eles aparecem dá base para que ele consiga reconhecer essas formas de manifestação de sujeito em outras sentenças e identificar na oração o sujeito que pratica a ação ou que recebe a ação.

A Figura 3 a seguir mostra a breve explicação dada pelos autores, no capítulo, sobre as noções de sujeito agente e paciente.

Figura 3 – As noções de sujeito agente e sujeito paciente

2a. Sugere que os fatos são quase inacreditáveis, estão distantes do que costuma acontecer cotidianamente.

a) Ao afirmar que a situação vivida pelo casal “parece roteiro de cinema”, o produtor da notícia inclui, no relato dos fatos, uma observação pessoal. O que ele sugere quando faz essa comparação?

b) Que palavras são usadas, no título e na linha fina, para designar as pessoas que foram salvas? *Casal; Linus e Sabina Jack.*

c) Nem sempre o sujeito pratica uma ação. Observe as orações do título e da linha fina: em qual delas o sujeito sofre a ação?

d) Anote mais dois exemplos do texto em que o sujeito sofre a ação e sublinhe a locução verbal que expressa tal ação.

e) Em algumas orações com sujeito que sofre a ação, informa-se quem a praticou. Transcreva dois exemplos desses praticantes.

2c. Na oração do título, o *casal* sofre a ação de ser resgatado.

Lembra?

Linha fina é a frase que vem logo depois do título; é uma espécie de subtítulo.

2d. “Um casal foi resgatado”; “seu pedido de socorro foi avistado”; “As fotos com o pedido de SOS desenhado na areia da ilha de Fayu, na Micronésia, foram divulgadas”; “foi iniciada uma busca”; “o sinal de SOS foi visto”.

2e. Exemplos: “pela Marinha americana”; “por um avião da Marinha dos Estados Unidos”; “pela conta do Twitter @USNavy”; “por um avião da Marinha americana”.

Além de simples, composto ou desinencial, o sujeito determinado pode ser classificado como **sujeito agente**, quando realiza a ação expressa pelo verbo (*O casal escreveu o pedido de socorro*), ou **sujeito paciente**, quando sofre o processo expresso pelo verbo (*O pedido de socorro foi escrito pelo casal*).

Quando há um termo responsável pela ação em uma oração com sujeito paciente, esse termo é chamado de **agente da passiva**: *O casal foi resgatado por marinheiros*.

3 Leia uma tirinha do quadrinista roraimense Armando Vitor.

Turma da Jurema

Armando Vitor

3a. O início das Olimpíadas em breve, já que Jurema gosta muito de esportes.

3b. Embora queira aumentar o volume da TV, Jurema fica com preguiça de se levantar para pegar o controle remoto, o que sugere que ela é sedentária, e não esportista, como havia afirmado.

3c. O sujeito está no plural (as Olimpíadas), e a locução verbal deveria concordar com ele (vão começar).

a) No primeiro quadrinho, Jurema conta o motivo de sua animação. Qual é?

b) Como a sequência da tirinha desconstrói a declaração inicial?

c) Com base nas duas respostas, conclua: o que provoca o humor da tira? *A quebra de expectativa.*

d) Qual é o sujeito da locução verbal *vai começar*, do primeiro quadrinho? *O sujeito é “as Olimpíadas”.*

e) Explique por que a concordância entre essa locução verbal e seu sujeito não está adequada à norma-padrão.

f) O equívoco indicado no item e é admitido no contexto da tira, que é informal. E em uma situação de fala formal, esse tipo de desvio é aceitável? Explique. *Não. Em uma situação de fala formal, espera-se um uso mais cuidadoso e monitorado da língua.*

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 253).

Embora os autores tenham recorrido à noção pragmática do sujeito para defini-lo – “ser ou objeto sobre o qual se faz uma declaração” (ORMUNDO E SINISCALCHI, 2018, p. 251), conforme já mencionado, são poucos exercícios no capítulo que dão enfoque a essa noção. A noção morfossintática do sujeito, a qual cita a concordância verbal como um traço definidor da

categoria, foi a mais trabalhada pelos autores, inclusive de forma bem específica. Essa afirmativa parte do fato de que os autores, no tratamento sobre concordância verbal com o sujeito, fazem uma abordagem sobre algumas regras de concordância previstas na norma padrão, dentre elas, os casos especiais de concordância. A Figura 4 a seguir ilustra uma atividade do capítulo na qual o critério da concordância verbal é lembrado para se identificar o sujeito.

Figura 4 – Atividade 4 do capítulo 8

4 Leia esta notícia.

Este é um girino de perereca da espécie *Frankixalus jerdoni*. Durante um século, se acreditou que esses animais haviam desaparecido da natureza. Mas, em uma noite de 2007, uma equipe de pesquisadores indianos estavam na floresta pesquisando sobre outros anfíbios quando teriam ouvido uma "verdadeira orquestra" vinda do topo das árvores. Eles iniciaram uma investigação e descobriram que o animal, além de não ter desaparecido, faz parte de um novo gênero de pererecas, o *Frankixalus*. Os resultados do estudo foram publicados [...] na revista científica *Plos One*.



Bichos que foram notícia. *101 notícias*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/album/2016/01/04/bichos-que-foram-noticia.htm?abrefoto=19%23fotoNav=13#fotoNav=30>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

a) Por que as pererecas da espécie citada no texto tornaram-se assunto de uma notícia?

b) De acordo com a notícia, havia muitas pererecas da espécie *Frankixalus* na floresta onde estavam os pesquisadores indianos. Como esse fato foi indicado no texto?

c) Qual é o sujeito da oração "Mas, em uma noite de 2007, uma equipe de pesquisadores indianos estavam na floresta"? Classifique-o e indique seu núcleo.

d) Segundo a norma-padrão, o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito determinado. Que equívoco pode ser observado na oração indicada no item anterior? O que, provavelmente, causou esse equívoco?

e) Reescreva a mesma oração três vezes, trocando o sujeito por:

- vários pesquisadores;
- um grupo de pesquisadores;
- cerca de dez pesquisadores;
- a maioria dos pesquisadores.

Se precisar, consulte o quadro no final da questão 5.

4a. Porque se acreditava que elas estavam extintas da natureza, até uma equipe de pesquisadores indianos descobrir que isso não era verdade.

4b. O texto menciona uma "verdadeira orquestra" ouvida pelos pesquisadores, o que sugere uma quantidade grande desses animais.

4c. Uma equipe de pesquisadores indianos: sujeito simples; núcleo: equipe.

4d. O verbo está no plural, portanto não concorda com o núcleo do sujeito: equipe. É possível indicar dois motivos para o equívoco: a concordância teria sido feita com a expressão no plural que acompanha o núcleo, pesquisadores indianos, ou com a ideia de que equipe é uma palavra que sugere várias pessoas.

4e. Mas, em uma noite de 2007, vários pesquisadores estavam na floresta; [...] um grupo de pesquisadores estava na floresta; [...] cerca de dez pesquisadores estavam na floresta; a maioria dos pesquisadores estava/estavam na floresta.

Reprodução proibida. Art. 170 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de Setembro de 1998.

254

Nota-se, na página 257 do livro, que a noção pragmática do sujeito foi referenciada de forma bastante sutil, sem ser incitada diretamente, como pode ser constatado na letra C da atividade de número 6, conforme a Figura 5 a seguir.

Figura 5 – Atividade 6 do capítulo 8

6 Leia este conto curto do escritor uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015).

Noite de Natal

Fernando Silva dirige o hospital de crianças, em **Manágua**. Na véspera do Natal, ficou trabalhando até muito tarde. Os foguetes **espocavam** e os fogos de artifício começavam a iluminar o céu quando Fernando decidiu ir embora. Em casa, esperavam por ele para festejar.

Fez um último percorrido pelas salas, vendo se tudo ficava em ordem, e estava nessa quando sentiu que passos o seguiam. Passos de algodão: virou e descobriu que um dos doentinhos andava atrás dele. Na **penumbra**, reconheceu-o. Era um menino que estava sozinho. Fernando reconheceu sua cara marcada pela morte e aqueles olhos que pediam desculpas ou talvez pedissem licença.

Fernando aproximou-se e o menino roçou-o com a mão: – *Diga para... – sussurrou o menino – Diga para alguém que eu estou aqui.*

EDUARDO GALEANO. *O livro dos abraços*. São Paulo: L&PM, 2005. v. 465. (Coleção L&PM Pocket).



HELOISA OLIVEIRA

Manágua: capital da Nicarágua, país da América Central.
Espocavam: estouravam, pipocavam.
Penumbra: ponto entre a luz e a sombra.

Dica de professor

Em algumas situações precisamos citar trechos do texto que estamos analisando para comprovar nossas respostas. Eles devem aparecer entre aspas.

a) No conto que você leu, o homem e o menino vivem experiências diferentes na véspera do Natal. Explique essa diferença e comprove sua resposta com trechos do texto.

b) As características da criança destacadas no texto constroem uma imagem de fragilidade. Explique o objetivo com que é construída essa imagem. *Essa imagem reforça a sensação de abandono e sensibiliza o leitor.*

c) *Fernando Silva* ou *Fernando* são o sujeito de vários verbos e locuções verbais. No caderno, crie duas colunas: uma para sujeito expresse e outra para sujeito desinencial. Em seguida, escreva nas colunas respectivas as formas e locuções verbais referentes a cada tipo de sujeito.

d) Por que é importante que o sujeito possa ficar implícito em algumas passagens do texto? *Para evitar que o texto se torne monótono e enfadonho com a repetição do sujeito.*

e) Copie no caderno o terceiro período do texto. Separe as orações e identifique e classifique os sujeitos, sublinhando os núcleos.

f) Por que a oração “ou talvez pedissem licença” apresenta um verbo na terceira pessoa do plural? *Porque o verbo se refere ao sujeito desinencial aqueles olhos, que está no plural.*

g) Por que a oração “que um dos doentinhos andava atrás dele” tem o verbo na terceira pessoa do singular? *Porque o verbo concorda com a palavra um, que é o núcleo do sujeito.*

Se esse conto fosse meu...

Como você continuaria essa narrativa? Crie mais alguns parágrafos para construir um novo desfecho.

6e. “Os foguetes espocavam / e os fogos de artifício começavam a iluminar o céu / quando Fernando decidiu ir embora”. Todas as orações têm sujeito simples.

6a. O personagem Fernando Silva está saindo do trabalho, um hospital que ele dirige, para ir para casa, onde vai comemorar o Natal, como revela o trecho “Em casa, esperavam por ele para festejar”. Já o menino, doente e sozinho, e cujos olhos pareciam pedir desculpas ou licença, sussurra com dificuldade “Diga para alguém que eu estou aqui”, indicando o desejo de ter alguém, fosse quem fosse, ao lado dele.

6c. No caderno, crie duas colunas: na primeira anote os verbos ou locuções verbais que se referem ao sujeito Fernando Silva ou Fernando explícito na oração; na segunda, os verbos ou locuções verbais que remetem a esse sujeito que está implícito.

257

Nessa página extraída do livro, a questão pede para que o aluno identifique no texto os elementos verbais que fazem referência, de forma explícita ou implícita, aos sujeitos Fernando Silva ou Fernando (referentes à mesma pessoa) e os separe conforme a sua referência de sujeito: referência a sujeito determinado ou a sujeito desinencial. Embora essa questão não solicite de forma literal que o aluno identifique os sujeitos dos quais os verbos fazem uma declaração, o comando da questão remete à noção pragmática, uma vez que o exercício pede que o aluno encontre o referente da informação verbal.

2.1.2 Análise da abordagem da categoria sujeito no livro novas palavras (2ª ano)

O livro *Novas Palavras*, de autoria de Amaral; Patrocínio; Leite; Barbosa (2016), inicia o capítulo sobre sujeito e predicado com uma manchete de jornal que os autores utilizam para introduzir a noção de sujeito, conforme a Figura 6 a seguir. Para ilustrar a definição do termo, os autores comparam duas versões de uma mesma manchete de jornal. Essa comparação visa a enfatizar a diferença de flexão do núcleo do sujeito nas duas versões dela. Desse modo, como pode ser observado, respectivamente, nas Figuras 6 e 7 a seguir, logo no início do capítulo, verifica-se que a noção de sujeito utilizada pelos autores é a morfossintática, segundo a qual o sujeito comanda a concordância verbal.

Figura 6 – Introdução do conteúdo ‘sujeito’ no capítulo 4 do livro *Novas Palavras*

SUJEITO E PREDICADO

Suponha que, a respeito da tradicional festa de São João da cidade pernambucana de Caruaru, um jornal publicasse esta manchete:

Grande *show* de forró abre a festa de São João em Caruaru.



Festa de São João em Caruaru (PE), em 2015.

Se houvesse acontecido mais de um *show*, essa manchete seria assim:

Grandes *shows* de forró abrem a festa de São João em Caruaru.

Compare as duas orações e observe as diferenças formais entre elas:

- Grande *show* de forró abre a festa de São João em Caruaru.

Termo na 3ª pessoa do singular (efe)

Verbo na 3ª pessoa do singular
- Grandes *shows* de forró abrem a festa de São João em Caruaru.

Termo na 3ª pessoa do plural (eles)

Verbo na 3ª pessoa do plural

É fácil notar que o termo “grande(s) show(s) de forró” estabelece com o verbo uma relação que determina a flexão/variação da forma verbal. Esse ajuste formal é chamado de **concordância verbal** e o termo que “comanda” a concordância exerce a função sintática de **sujeito**.

Nas duas orações em estudo, temos, portanto:

- Grande *show* de forró abre a festa de São João em Caruaru.

sujeito
[3ª pessoa do singular]

verbo
[3ª pessoa do singular]

concordância
- Grandes *shows* de forró abrem a festa de São João em Caruaru.

sujeito
[3ª pessoa do plural]

verbo
[3ª pessoa do plural]

concordância

Fonte: Amaral; Patrocínio; Leite; Barbosa (2016, p. 240).

Figura 7 – Definição da categoria sujeito pelos autores do livro *Novas Palavras*

Veja, neste outro exemplo, a relação de concordância do **verbo** com o **sujeito**.

• Fomos muito criticados naquela ocasião eu e os outros funcionários.

↑ verbo [1ª pessoa do plural] ↑ sujeito [1ª pessoa do plural: nós]

concordância

Vamos, agora, retomar um dos exemplos anteriores e identificar nele o outro termo que, articulado ao sujeito, constitui a **estrutura geral** da oração.

• Grande show de forró abre a festa de São João em Caruaru.

↑ sujeito

Nessa oração, o que se declara a respeito do sujeito “grande show de forró”?
Declara-se que [ele] “**abre a festa de São João em Caruaru**”.

O termo “abre a festa de São João em Caruaru” constitui o **predicado** da oração analisada. Observe que dentro do predicado sempre aparece o **verbo**, que é o elemento sintático mais importante da oração.

A análise dos exemplos anteriores possibilita conceituar os dois termos que, combinados, constituem a **estrutura geral** característica das orações da língua portuguesa:

Sujeito	Predicado
É o termo da oração com o qual o verbo concorda em pessoa (1ª, 2ª, 3ª) e número (singular, plural). O sujeito comanda a concordância verbal.	É o termo da oração que apresenta uma declaração a respeito do sujeito. O predicado sempre contém o verbo .

Então, no exemplo anterior, temos:

• Grande show de forró abre a festa de São João em Caruaru.

↑ sujeito ↑ predicado

Professora, ver em Conversa com o professor, nas Orientações específicas, o item “As estruturas dos enunciados” na seção “Complementação técnica”.

Complementos teóricos

1. Dizer que a estrutura geral (típica) das orações se caracteriza pela articulação **sujeito-predicado** não significa dizer que toda oração apresenta, obrigatoriamente, sujeito e predicado. Como veremos na segunda parte deste capítulo, existem orações formadas unicamente pelo predicado.
2. **A ordem da oração: direta e indireta**
Dependendo da posição do sujeito em relação ao verbo, uma oração pode ser construída na:
 - **Ordem direta:** sujeito antes do verbo. Ex.: **Uma linda lua cheia** clareava a vastidão da fazenda.
 - **Ordem indireta:** sujeito depois do verbo. Ex.: Clareava a vastidão da fazenda **uma linda lua cheia**.

ESTUDO DO SUJEITO (1ª PARTE)

O estudo do **sujeito** será subdividido em duas partes. Inicialmente vamos analisar a **relação morfossintática sujeito-substantivo** e também sistematizar as principais características desse termo; depois, na segunda parte, trataremos das classificações que ele pode ter dependendo de suas diferentes formas de ocorrência nas orações.

A relação morfossintática “sujeito-substantivo”

Na estruturação dos enunciados, estabelecem-se determinadas correspondências entre o **papel morfológico** (classe gramatical) e as **funções sintáticas** das palavras.

A sintaxe — conceitos gerais • Sujeito e predicado 241

Fonte: Amaral; Patrocínio; Leite; Barbosa (2016, p. 241).

Essa estratégia, utilizada pelos autores, de analisar e comparar exemplos de frases para explicar primeiro o conceito de sujeito antes de defini-lo é interessante na medida em que esclarece a aplicação e a visualização da noção do termo nas sentenças. Além disso, o capítulo que aborda os tipos de sujeito conta com uma seção denominada “Estudo do Sujeito” subdividida em duas partes. Na primeira, é feita uma análise da relação morfossintática sujeito-substantivo e a sistematização das principais características desse termo. Na segunda, os autores tratam das classificações que o sujeito pode ter, dependendo de suas diferentes formas de ocorrência nas orações.

Na subdivisão que trata das características do termo, além da abordagem dos aspectos gramaticais que envolvem o núcleo do sujeito, os autores comentam sobre a possibilidade de se substituir o sujeito pelos pronomes de 3ª pessoa. Segundo os autores, esse recurso possibilita identificar, com mais facilidade, sujeitos de estrutura sintática maior e mais complexa.

Ex: (do livro)

- Os resultados das pesquisas eleitorais já previam a vitória da oposição.

(Eles)

- Algumas espécies de peixes que vivem em corais estão em risco.

(Elas)

Um ponto importante que se observa no livro é a menção dessa característica do sujeito, que normalmente não é citada nas gramáticas e livros didáticos de Português como uma propriedade definidora no termo. Mesmo que não seja comumente citada na literatura gramatical e linguística como uma característica típica do sujeito, o traço mais [+PR reto] também pode ser considerado prototípico da categoria, ainda que não se aplique a todos os casos.

O livro também ressalta a possibilidade do sujeito de ser representado por um sintagma complexo, como aqueles que contém uma relativa – “Algumas espécies de peixes que vivem em corais”. Essa abordagem o diferencia de alguns livros didáticos que não mencionam esse aspecto do termo na parte teórica do capítulo, deixando que o aluno tenha contato com essa forma de representação apenas nos exercícios do capítulo.

Introduzir exemplos de diferentes formas de manifestação do sujeito na seção teórica do capítulo que trata sobre o tema é um artifício didático-pedagógico que os livros de Português poderiam adotar. Isso evitaria estranhamento e questionamentos por parte dos alunos ao se depararem com estruturas mais complexas de sujeito.

No mesmo capítulo, os autores versam sobre o “comportamento” do sujeito e as vozes verbais. Nessa seção, os autores fazem uma importante observação sobre as correlações entre verbos de ação e a “atitude” do sujeito. Eles apontam que essas correlações não acontecem em toda e qualquer oração, uma vez que “sujeito” e “agente” não têm entre si qualquer vínculo obrigatório: “O sujeito é um elemento sintático, ou seja, é um dos constituintes da estrutura formal da oração; o “agente”, por sua vez, é um elemento semântico da oração, isto é, um constituinte que diz respeito ao sentido do enunciado”. (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016, p. 244)

Essa informação é de extrema importância para o conhecimento do aluno, uma vez que, além de demonstrar a separação entre o papel sintático e semântico do sujeito, mostra que ele nem sempre será o agente da ação verbal. É necessário que o aluno compreenda que, embora

haja uma tendência do português em associar o papel temático de agente à posição sintática de sujeito, o agente nem sempre ocorre nessa posição, podendo o sujeito exibir outras funções semânticas conforme o conteúdo semântico do verbo. Para isso, o aluno precisa saber que existem verbos que não exprimem ação e, por essa razão, a noção semântica do sujeito só será aplicável quando o elemento verbal exprimir uma ação.

Quanto às atividades, o livro trabalha com bastantes detalhes a categoria sujeito, abordando diferentes aspectos que envolvem o termo, como: omissão do sujeito, inversão sintática dos termos, concordância verbal, mudança de sentido provocada pela inversão ou indeterminação do sujeito, núcleo e suas classificações.

Todas as atividades utilizam textos de diferentes gêneros como mediadores e suas questões se baseiam integralmente no conteúdo textual apresentado. Diferentemente do outro livro analisado, este trabalha o conteúdo sujeito em todas as atividades do capítulo. Cada questão foi desenvolvida com o intuito de discorrer sobre um aspecto do sujeito, dando diferentes enfoques. O primeiro exercício, da primeira parte do capítulo, trabalha com a inversão sintática dos termos; o segundo, com a identificação do termo nas orações e o terceiro, com a concordância verbal. Na segunda parte, a primeira atividade trabalha a coesão textual por elipse do sujeito; a segunda, as suas classificações; a terceira, identificação, núcleo e retomada do sujeito, e a quarta e a quinta, concordância verbal. O capítulo também possui uma seção intitulada “Da teoria à prática”, que, além de trabalhar a inversão sintática do sujeito e a mudança de sentido que a alteração na estrutura sintática provoca, trabalha a indeterminação do sujeito e a concordância verbal, como pode ser verificado nas Figuras 8 e 9 a seguir.

Figura 8 – Atividades sobre a categoria ‘sujeito’

Atividades Escreva no caderno

1. (Enem/MEC) Leia este texto.

Gripado, penso entre espirros em como a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas. Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe que disseminou pela Europa, além do vírus propriamente dito, dois vocábulos virais: o italiano *influenza* e o francês *grippe*. O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava “influência dos astros sobre os homens”. O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper*, isto é, “agarrar”. Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.

Sérgio Rodrigues. Sobre palavras. **Veja**, São Paulo, 30 nov. 2011.

Para se entender o trecho anterior como uma unidade de sentido, é preciso que o leitor reconheça a ligação entre seus elementos. Nesse texto, a coesão é construída predominantemente pela retomada de um termo por outro e pelo uso da elipse. O fragmento do texto em que há coesão por elipse do sujeito é:

- “[...] a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas.”
- “Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe [...]”.
- “O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava ‘influência dos astros sobre os homens’.”
- “O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper* [...]”.
- “Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.”

2. Leia esta tira humorística:



Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/laerte/tiras>>. Acesso em: 3 jun. 2016.

Relativamente aos recursos sintáticos e semânticos identificáveis nas falas dos dois personagens, aponte a afirmativa **incorreta**:

- Os sujeitos de **sabe** (1º quadro) e **ficou** (3º) têm a mesma classificação.
- Os sujeitos de **observe** (1º quadro) e **fala** (2º) têm a mesma classificação.
- O sujeito de **importaram** é, no contexto, indeterminado.
- Mexer** tem, para os dois interlocutores, o mesmo sentido.
- No contexto, **uma arara** é uma expressão coloquial que significa “furioso, irritadíssimo”.

Professor(a), esclarecer aos alunos que a resposta é a alternativa d porque, para o primeiro interlocutor, **mexer** = usar/trabalhar com ou consertar/fazer manutenção; para o segundo, **mexer** = provocar/importunar/irritar.

250 CAPÍTULO 4

Fonte: Amaral; Patrocínio; Leite; Barbosa (2016, p. 250).

Figura 9 – Atividade sobre a categoria ‘sujeito’ na seção *Da Teoria à Prática*

DA TEORIA À PRÁTICA

Ponto de partida

A identificação do sujeito da oração, como vimos, é fundamental para a compreensão adequada do conteúdo de um enunciado. Considere, por exemplo, estes famosos versos:

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante.

ESTRADA, Osório Duque; SILVA, Francisco Manuel da. **Hino Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/hino.htm>. Acesso em: 18 mar. 2016.

plácido: tranquilo;
retumbante: que faz grande barulho.



Proclamação da Independência (1844), de François-René Moreaux, pintor francês, radicado no Brasil.

Será que, ao cantá-los, você sabe exatamente o que eles estão dizendo?

Esse trecho é constituído por uma única oração, que está na ordem indireta. Mas, afinal, qual é o sujeito de **ouviram**?

O fato de o verbo iniciar a oração e apresentar-se na 3ª pessoa do plural pode induzir o leitor a supor que o sujeito seja indeterminado, ou seja, pensar assim:

Quem ouviu? Sei lá! Ouviram (e pronto!).

Mas... Será que o sujeito não seria “um povo heroico”? Essa hipótese será facilmente descartada se observarmos que esse termo está precedido por preposição “de” e se levarmos em conta que o sujeito, por ser um elemento sintático independente na estrutura da oração, não pode ter seu núcleo precedido de preposição. Além disso, se “um povo heroico” (termo no singular) fosse o sujeito, obviamente exigiria o verbo no singular, e não no plural.

O que dificulta o entendimento dessa oração é a forte inversão de seus termos. Inversões como a desse trecho são constantes ao longo de toda a letra do Hino Nacional e eram características do Parnasianismo quando, em 1909, Osório Duque Estrada começou a compor o poema.

Se reordenarmos os termos dos dois versos, transpondo a oração para a ordem direta, teremos:

As margens plácidas do Ipiranga ouviram
o brado retumbante de um povo heroico.

Assim fica fácil, não é mesmo? O sujeito é “as margens plácidas do Ipiranga”, o que exige a concordância verbal no plural: **elas ouviram** o brado retumbante de um povo heroico.

O autor empregou, nesse trecho, uma **personificação**, figura de linguagem por meio da qual atribuiu a um ser inanimado (as margens do rio Ipiranga) uma característica de seres vivos: a capacidade de ouvir.

Para concluir essa análise, responda: se o “as” apresentasse o acento indicativo de crase, o que mudaria na estrutura sintática e no sentido desses versos?

NAVEGAR É PRECISO

A Independência do Brasil, acontecimento retratado na tela acima, é um dos fatos mais importantes da nossa história. Pesquise mais sobre esse assunto em sites de museus, como o do Museu do Ipiranga (Museu Paulista da Universidade de São Paulo): <<http://tubo.usp.br/2488go>> e o da Prefeitura de São Paulo: <<http://tubo.im.org.br>> (acessos em: 18 mar. 2016). Depois, converse com seus colegas a respeito de fatos interessantes que vocês identificarem na pesquisa.

Professor(a), explicar para os alunos que “as margens plácidas do Ipiranga” indicaria um lugar (para sujeito refferido de lugar) e não “margens plácidas do Ipiranga”, e o sujeito seria indeterminado, com o verbo na 3ª pessoa do plural. O sentido seria: “Alguém (não identificado) ouviu, nas margens plácidas do Ipiranga, o brado retumbante de um povo heroico”.

252 CAPÍTULO 4

Fonte: Amaral; Patrocínio; Leite; Barbosa (2016, p. 252).

Outra diferença entre este livro e o primeiro que foi analisado é que este trabalha mais a definição de sujeito adotada pelos autores. A noção apresentada aos alunos no livro foi a morfossintática, segundo a qual o sujeito é o elemento da oração com o qual o verbo estabelece concordância. No primeiro livro, houve poucas questões que aludissem à noção escolhida pelos seus autores (a noção pragmática); já no segundo, grande parte das atividades tratam da

concordância do verbo com o sujeito, incluindo as atividades complementares propostas ao professor.

Na figura 10 a seguir, verificam-se duas atividades – questões 4 e 5 – que retomam o critério da concordância verbal para se trabalhar o sujeito.

Figura 10 – Atividades 4 e 5 sobre a categoria ‘sujeito’

3. O trecho a seguir é a parte final de uma crônica que relata o reencontro de dois velhos amigos em uma praia. Leia-o, observando os verbos em destaque:

[...] E de súbito **corremos** para a água e mergulhamos, com o vago sentimento de que essa água sempre salgada, impetuosa e pura **não limpa** somente a areia do nosso corpo: **tira** também um pouco a poeira que na alma **vai deixando** a passagem das coisas e do longo tempo.

BRAGA, Rubem. Do Carmo. In: _____. 200 crônicas escolhidas: as melhores de Rubem Braga. Rio de Janeiro: Record, 1978. p. 155.

Relativamente aos sujeitos dos verbos destacados, identifique a afirmação **incorreta**.

a) O sujeito de “corremos” classifica-se como elíptico/oculto e inclui o narrador.
b) O sujeito de “limpa” é expresso pelo sintagma nominal “essa água sempre salgada, impetuosa e pura”, que tem como núcleo o nome “água”.
c) O sujeito de “tira”, que é elíptico/oculto, retoma, semanticamente, o sujeito de “limpa”.
d) O sujeito de “vai deixando” é representado pelo sintagma nominal “a passagem das coisas e do longo tempo”, cujo núcleo é “passagem”.
e) O sujeito de “vai deixando” tem como núcleo o substantivo “poeira”.

4. Leia este trecho de uma hipotética notícia de jornal:

[...] Depois de tomar, sem saber, a bebida contendo o sonífero, Oswaldo Silveira ficou atordoado. O vendedor ambulante Luciano Ribeiro e a cabeleireira Denise Cunha, ambos frequentadores do lugar, levou-o para fora da boate. Nesse momento, algumas pessoas [...].

4. a) Forme “levar”, que, por se tratar de verbo de ação composto (O vendedor ambulante Luciano Ribeiro e a cabeleireira Denise Cunha, ambos frequentadores do lugar, levou-o para fora da boate).
O verbo se emprega na plural, conforme explicita a regra.

Agora considere esta informação gramatical:

Concordância do verbo com o sujeito composto
O verbo concordará no plural se estiver depois do sujeito; se estiver antes do sujeito, poderá concordar no plural, ou concordar somente com o primeiro núcleo.

a) Um verbo da notícia não está adequado à regra referida. Identifique-o e justifique essa afirmação.
b) Reescreva o trecho, adequando o verbo à regra.
c) Se quiséssemos manter esse verbo tal como ele se apresenta no texto, que mudança seria necessária para tornar o trecho adequado à regra?
5. Considere este período:

Nas instruções destinadas ao consumidor, não **aparecerão**, por determinação do fabricante do produto, termos científicos.

a) Por que o verbo está flexionado no plural?
b) Mantendo o tempo verbal, reescreva o trecho substituindo o verbo **aparecer** por:

- constar
- existir
- restar
- haver

c) Na resposta ao item b, qual verbo não foi flexionado como os demais? Por quê?

A sintaxe — conceitos gerais • Sujeito e predicado 251

Fonte: Amaral; Patrocínio; Leite; Barbosa (2016, p. 251).

É importante que o livro traga atividades que trabalhem o conceito de sujeito expresso pelos autores, de modo que a definição de sujeito adotada fique clara para os alunos. Se os autores optarem pela definição pragmática, que trabalhem mais essa noção nas atividades. Se optarem pela noção morfossintática, que se faça o mesmo, mas sem deixar de versar sobre as outras possibilidades de definições e manifestações do termo. Os dois livros não fazem essa discriminação entre as definições do termo, ficando a cargo do professor discorrer ou não sobre as diferentes conceituações do sujeito.

Ter o conhecimento de outras definições da categoria é fundamental para que o aluno estabeleça aquela que mais lhe seja eficaz na prática do reconhecimento do sujeito. Além de que uma definição pode não ser suficiente para se identificar o termo, havendo a necessidade de se recorrer a outras propriedades do sujeito.

Um ponto observado nos dois livros analisados é a tendência de se trabalhar com textos. Entretanto, esses textos são utilizados como pretexto para análises gramaticais, uma vez que os seus aspectos semântico-discursivos e pragmáticos não são explorados. Em ambos os livros, os textos foram utilizados em todas as questões. Não foram detectadas atividades que pedissem apenas para se identificar o sujeito ou classificá-lo. No entanto, é necessário que se utilizem os textos na direção de trabalhar mais o conteúdo sujeito. Esse aproveitamento maior dos textos, nesse sentido, não foi percebido no primeiro livro, no qual as atividades que envolviam gêneros textuais continham poucas questões sobre o sujeito e remetiam a outros conteúdos que poderiam ser trabalhados em outro momento.

Com a análise dos livros didáticos, foi possível verificar alguns pontos que precisam ser aprimorados em relação à abordagem e à definição do conteúdo ‘sujeito’ e à forma de se explorarem e trabalharem as características dessa categoria gramatical. Feita essa análise, nas próximas seções, será detalhado cada problema referente à categoria sujeito, a começar pelas questões que envolvem a definição pragmática desse componente sintático.

2.2 PROBLEMAS DE ORDEM PRAGMÁTICA DA CATEGORIA SUJEITO

Como explanado anteriormente, a linguagem, nas vertentes funcionalistas, é concebida como um instrumento de interação social; como produto da troca de experiências que emerge da comunicação entre os usuários de uma língua. O que está no foco dos estudos funcionalistas é o funcionamento da língua, tendo como principais pilares o discurso e os falantes que o compõem. Para o funcionalismo, a língua ultrapassa a forma e a sintaxe; ela é motivada também por aspectos extralinguísticos e a ela subjazem elementos semânticos e pragmáticos que

determinam o fenômeno discursivo. Nas palavras de Cunha (2008, p. 158), “a língua não constitui um conhecimento autônomo, independente do comportamento social. Ao contrário, reflete uma adaptação, pelo falante, às diferentes situações comunicativas”.

Embora, como aponta Neves (1994), as teorias funcionalistas se distinguem quanto às suas abordagens, existe entre elas uma proposição em comum que determina a característica básica do funcionalismo: “[...] qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural [...] tem como questão básica de interesse a verificação de como se obtém a comunicação com essa língua, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente” (NEVES, 1994, p. 109).

Para o funcionalismo, isso significa considerar as expressões linguísticas como configurações de funções, isto é, estudar a funcionalidade dessas expressões em contextos reais de fala, considerando a unidade frasal não de forma isolada, mas inserida em uma unidade de texto maior, chamada de discurso. Conforme Travaglia (1997) “chamamos de discurso toda atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação –ou os seus e os de seu interlocutor, no caso do diálogo – como também o evento de sua enunciação.” (TRAVAGLIA, 1997, p. 67). Ainda segundo o autor, o discurso “é visto como qualquer atividade produtora de efeitos de sentido entre interlocutores [...]” (TRAVAGLIA, 1997, p. 68). O entendimento de função não é estritamente o papel sintático que cada palavra exerce na frase. Para o funcionalismo, função tem a ver com a finalidade que as unidades linguísticas exercem no discurso do ponto de vista do falante. Desse modo, a intenção do locutor orienta a construção da sua fala visando a um determinado fim comunicativo.

Nessa perspectiva, a definição da categoria sujeito que mais coincide com a visão funcionalista na linguagem é a de natureza pragmático-discursiva, uma vez que a noção pragmática caracteriza o sujeito como o objeto da predicação, isto é, como o referente do que está sendo enunciado. O sujeito pragmático, portanto, é identificado no interior da enunciação e não por suas características formais e semânticas.

2.2.1 Sujeito e tópico: comparações e distinções

No tocante à produção do discurso, cabe, nesta seção, discutir sobre o constituinte pragmático tópico e sua função discursiva, dado que existem semelhanças de naturezas formal e pragmática entre a categoria sujeito e o tópico. O tópico se compara ao sujeito no que diz respeito a sua definição, que coincide com a definição pragmática de sujeito: “aquilo ou àquele de quem se diz alguma coisa.”. Além disso, em construções de tópico, a informação pode se

referir ao constituinte tópico e não ao sujeito, como em “O seu marido, eu o vi ciscando na casa da vizinha.”

Consoante ao ponto de vista funcionalista, as expressões linguísticas só são adequadamente compreendidas se operadas em uma circunstância de interação verbal, sendo determinadas, portanto, pelo contexto e pelas intenções e interpretações dos interlocutores. Dessa forma, uma mesma estrutura gramatical pode manifestar diferenças no que se refere às funções pragmáticas que os seus constituintes assumem no discurso.

As funções pragmáticas compreendem as escolhas linguísticas e também não linguísticas que os falantes fazem na interação verbal, vinculadas aos seus objetivos comunicativos. Essas escolhas englobam intenções, interpretações e suposições dos falantes, as capacidades sociocognitivas, os comportamentos e crenças sociais e culturais e os conhecimentos que sobrepõem as regras de sintaxe e semântica. As funções pragmáticas permitem que o autor do discurso ponha em destaque, dentro da estrutura textual, constituintes linguísticos e fatores extralinguísticos – mesmo que estes não estejam explicitamente manifestados no texto. Essa ênfase, que intencionalmente se busca aplicar no discurso, determina a finalidade e o fluxo do ato comunicativo.

O emissor, ao organizar os elementos lexicais na oração e no texto como um todo, dispõe de recursos pragmáticos para adequar a sua elaboração textual às suas intenções discursivas. Dentre eles, menciona-se o tópico, que se compara ao sujeito em razão, primeiro, da posição em que se aloca na frase, no caso a inicial, e, segundo, pela sua definição, que coincide com a definição pragmática de sujeito. Embora, normalmente, a noção de tópico não seja citada nas gramáticas pedagógicas e em parte das gramáticas tradicionais, essa definição é encontrada em algumas gramáticas como a de Bechara (2009).

Embora não haja, na literatura, uma definição precisa de tópico, a sua definição como constituinte à esquerda da sentença é frequente, o que faz com que o seu estudo também esteja relacionado à ordem das palavras. Conforme Pontes (1986), o tópico apresenta o papel funcional de destacar um elemento na sentença. Na verdade, o tópico é o próprio elemento posto em evidência, posicionado à esquerda da sentença para que a atenção recaia sobre ele. Ao abordar esse aspecto, a autora ressalta que, diferente do tópico, o sujeito não denota essa função sempre. No entanto, uma das definições de sujeito é a mesma que se usa para tópico: àquilo ou àquele de quem se declara alguma coisa. Essa definição é puramente pragmática, o que coloca a categoria de sujeito no domínio do discurso. Isso representa dizer que o sujeito também tem um papel discursivo e uma natureza informacional, atrelada a uma circunstância comunicativa.

Uma segunda característica que Pontes (1986) levanta é a de que o tópico é um elemento sempre definido no discurso, visto que é considerado, por alguns linguistas, como informação dada. Já o sujeito pode não ser informação velha. Por esse motivo, o tópico, além de ser considerado como um constituinte externo à oração, também funciona como um direcionador do discurso. A posição inicial do tópico na sentença não é arbitrária. O tópico, nessa posição, tem a função de sinalizar o assunto da conversa, isto é, sobre o que se pretende falar, estabelecendo relações com outras informações do discurso.

Entende-se como informação dada ou velha “parte da informação que é de conhecimento comum, tanto do falante quanto do ouvinte, no momento em que a oração é transmitida” (GUARESI, 2004, p. 2). Além disso, segundo Guaresi (2004):

A informação velha é compartilhada no ambiente de interação dos interlocutores ou mesmo proporcionada por orações já enunciadas. A informação dada é aquilo que o falante ou escritor julga que o ouvinte ou leitor saiba. Estabelece-se aqui o princípio cooperativo, em que o falante ou escritor sabe do conhecimento prévio do ouvinte e fornece as pistas necessárias para que o receptor compreenda o texto, ou até mesmo acrescente as inferências necessárias. (GUARESI, 2004, p. 2)

Como antes mencionado, outra distinção que pode ser feita entre tópico e sujeito é de que o tópico se insere numa estrutura do tipo tópico-comentário. O comentário constitui-se como uma sentença completa, composta por sujeito e predicado, e o tópico não se caracteriza como um argumento do verbo. O sujeito, entretanto, exerce uma relação de predicação com o restante da oração. Contanto, embora se diferenciem nesse aspecto, não é fácil identificar o que é tópico e o que é sujeito.

A respeito dessa forma de estruturação dos enunciados, Perini (2004) afirma que:

Há um aspecto particularmente interessante da língua falada que é a maneira como se organiza a informação a ser transmitida. Na escrita, as frases se organizam de preferência através de orações formadas de sujeito + predicado, como “As quatro portas do meu carro emperraram”. Essa é a estrutura típica da escrita. No entanto, quando falamos, em geral organizamos a mesma informação da maneira muito diferente; dizemos coisas como “Meu carro emperrou as quatro portas.”. Eu não quero dizer que o carro praticou a ação de emperrar as portas, nem que o carro emperrou, mas que as portas do carro emperraram. “Meu carro” não é o sujeito dessa oração; trata-se de uma construção diferente, não composta de sujeito + predicado, mas obedecendo a princípios diferentes de estruturação. [...]. Essa frase está organizada não como sequência de sujeito + predicado, mas como sequência de **tópico + comentário** (*frase adaptada*). A função comunicativa do tópico é estabelecer um quadro de referência dentro do qual o comentário (que é o resto da frase) será entendido [...] (PERINI, 2004, p. 63-64)

Pezatti (1998) cita o seguinte exemplo para ilustrar o uso do tópico. Como se pode verificar a seguir, os constituintes “o empresário” e “ele” no nível da oração desempenham a função sintática de sujeito da predicação e o papel semântico de agente.

O empresário havia saído de Sorocaba por volta das 12h, com destino a Taquarituba (315 Km a oeste de São Paulo), segundo Carlos Marinez de Moraes, primo de Martins Júnior e administrador da construtora. **Ele** levava consigo cerca de US\$ 40 mil para fazer pagamento de funcionários que trabalhavam na construção de casas populares. (po-FO-Brasil, 1 18:30) (PEZATTI, 1998, p. 137).

Como se verifica nesse exemplo, em relação aos constituintes em destaque, é feita alguma declaração.

- **O empresário** —————> havia saído de Sorocaba por volta das 12h, com destino a Taquarituba (315 Km a oeste de São Paulo)
- **Ele** —————> levava consigo cerca de US\$ 40 mil para fazer pagamento de funcionários que trabalhavam na construção de casas populares. (po-FO-Brasil, 1 18:30)

Ambos os itens lexicais apresentam duas das condições estabelecidas por alguns autores quanto à função de tópico: constituinte à esquerda da sentença e elemento sobre o qual se declara alguma coisa. O constituinte “ele”, por sua vez, exibe, além dessas duas características, uma terceira também atribuída ao tópico: informação dada, ligada a um contexto precedente do discurso, uma vez que retoma um elemento já citado anteriormente: o empresário. Além disso, evidencia-se que os dois termos, além de denotarem traços de tópico, como a posição inicial à esquerda, apresentam traços prototípicos de sujeito, os quais são: termo da sentença sobre o qual se faz uma declaração, concordância com o sintagma verbal e papel semântico de agente. Esses exemplos demonstram, que, em alguns casos, é difícil diferenciar sujeito de tópico. Além disso, em algumas ocorrências, o sujeito pode coincidir com o tópico, pois, ao mesmo tempo que o sujeito é o ponto de referência do predicado, ele também pode ser o elemento posto em evidência na sentença ou na enunciação, como também pode ser informação velha no discurso.

O Quadro 2 a seguir demonstra as diferenças e as semelhanças de propriedades entre o sujeito e o tópico.

Quadro 2 – Diferenças e semelhanças entre o sujeito e o tópico

Sujeito Definição: termo da oração sobre o qual se faz uma declaração. (definição pragmática) termo que controla a concordância verbal. (definição morfosintática) Organização estrutural: sujeito + predicado Traços definidores: [+Ant]: o sujeito antepõe-se ao verbo [+CV]: o sujeito comanda a concordância verbal [+Ag]: o sujeito é o agente da ação verbal [+Top]: o sujeito é o elemento sobre o qual o predicado informa algo Ex: Eu leio Machado de Assis desde criança. (Sujeito)
Tópico Definição: entidade sobre a qual a predicação predica alguma coisa numa dada situação (Pezatti,1998) Organização estrutural: tópico + comentário (sujeito + predicado) Traços definidores: [+Esq] posição inicial à esquerda da sentença [+Enf] elemento em ênfase na sentença [+Def] Informação velha (elemento definido) Ex: Machado de Assis, eu leio desde criança. (Tópico)

Fonte: Elaborado pela própria autora (2021)

Em algumas sentenças do questionário aplicado aos alunos para a coleta dos dados é possível verificar a natureza discursiva do sujeito, pois sua realização na oração não é de domínio gramatical somente, mas também acontece no domínio do discurso. Alterações na ordem sintática dos termos, inclusive do sujeito, podem mudar e controlar o fluxo de informação conforme a intenção do falante de conseguir a atenção do ouvinte sob o elemento que ele quer destacar na interlocução. Segundo Chafe (1987, apud NEVES, 1997), o fluxo de informação está atrelado ao que é denominado fluxo de atenção.

Conforme o autor, o fluxo de atenção “diz respeito aos aspectos cognitivos e sociais da "embalagem" que as pessoas fazem do conteúdo ideacional, quando falam” (1987, apud

NEVES, 1997, p. 21). Isto significa que os falantes planejam e organizam sua fala com base na forma como o ouvinte processa as informações e em seu conhecimento de mundo. Além disso, o fluxo de atenção é o responsável por determinar a ordenação linear dos sintagmas nominais na sentença. O falante dispõe os constituintes numa sequência que ele considere ideal para conseguir a atenção do ouvinte e também para ser compreendido.

O fluxo de informação também tem a ver com a finalidade comunicativa.

Uma sentença descreve um evento real ou imaginário, invocando a cena prototípica de que ela é um exemplo e identificando os papéis dos participantes com entidades existentes no universo do discurso. Na comunicação real, nem todos os aspectos do evento prototípico têm igual interesse. Assim, todas as línguas são dotadas de mecanismos para marcar a importância comunicacional relativa das várias entidades e eventos na sentença ou no discurso (PEZATTI, 1994, p. 43).

Desse modo, na organização do fluxo de informação, o falante lança mão, ainda que espontaneamente, de outras estruturas que se diferem da construção não marcada <sujeito e predicado>, estruturadas na ordem SVO, para enfatizar algum elemento considerado mais relevante no enunciado.

[...] entende-se que os eventos descritos no discurso e as entidades neles envolvidas não têm todos a mesma importância comunicativa, dispondo a organização discursiva de mecanismos capazes de marcar a relevância relativa dos diferentes eventos e entidades que se seguem no discurso (NEVES, 1997, p. 21).

A possibilidade de outros termos sintáticos ocuparem a posição inicial da sentença – posição típica do tópico – põe em discussão um dos traços definidores do sujeito, o traço [+Top], uma vez que o termo em posição inicial pode ser o tópico, dada a sua definição como o primeiro elemento da sentença (HALLIDAY, 1967). Ademais, o termo em posição inicial pode configurar-se como o elemento sobre o qual o falante pretende informar algo. Portanto, o traço [+Top] não é exclusivo da categoria sujeito e pode não ser suficiente para se identificar o termo na sentença.

No trecho de fala abaixo, na qual o assunto é sobre o ressurgimento de novos casos de covid-19 em países que haviam controlado a epidemia, pode-se observar a presença da função tópico.

7. **"Em muitos países estamos vendo casos ressurgindo.** Estamos vendo isso em áreas em particular". (Fonte: G1- adaptado)

No enunciado acima, o termo que aparece na primeira posição sintática é o “em muitos países” – cuja função sintática é a de adjunto adverbial.

Como o assunto da situação comunicativa é o reaparecimento de novos casos de covid em determinados países, o termo “ em muitos países” em posição inicial na sentença pode ser justificado pela sua relevância dentro do conteúdo discursivo, uma vez que a reportagem põe em foco os locais (países) onde os casos de covid estão ressurgindo . Portanto, nesse exemplo, a interpretação pragmática de que a declaração feita é sobre o termo “em muitos países” é tão ou mais plausível do que se considerar a informação proferida como uma declaração referente ao sujeito oculto “nós”, já que o adjunto, em posição inicial, representa o foco da informação que se pretende enunciar.

2.3 PROBLEMAS DE ORDEM MORFOSSINTÁTICA DA CATEGORIA SUJEITO

Entende-se, pelos moldes tradicionais, a concordância como uma harmonização que ocorre entre o verbo e o sujeito. Segundo alguns gramáticos, como Perini (2005), Bechara (2015), entre outros, sujeito é o elemento oracional com o qual o verbo estabelece concordância em número-pessoa. Assume-se, com essa premissa, que a relação existente entre sujeito e verbo é a de “determinante e determinado”, como ressaltado por Câmara (1975), sendo o sujeito o determinante e o verbo o determinado.

O verbo passa por uma mudança na sua forma de modo a se adequar ao termo que exerce a função sintática de sujeito. O sujeito, portanto, comanda a flexão verbal, processo morfológico que o verbo sofre para concordar em número e pessoa com o sujeito gramatical. A concordância é guiada pela coincidência de propriedades morfológicas que existe entre o sujeito e o verbo. Nas palavras de Cunha (2013), “a solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na concordância, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito. (CUNHA, 2013, p. 278). Segundo o autor, a concordância também é uma maneira de se evitar a repetição do sujeito, pois este pode ser indicado pela flexão verbal que a ele se ajusta (CUNHA, 2013).

Segundo Chafe (1979), o verbo, por consistir no elemento central da oração, comanda os outros elementos que a ele se ligam para compor a sua estrutura argumental e que estabelecem com ele uma relação de dependência. Conforme prescrito pelas gramáticas normativas, a concordância verbal entre o verbo e o sujeito é definida por duas regras gerais:

- 1) Havendo *um só núcleo* (sujeito simples), com ele concorda o verbo em pessoa e número:
 - “Eu ouço o canto enorme do Brasil!” (RONALDO DE CARVALHO)
 - “Os caboclos levantaram-se em alvoroço, alarmados.” (COELHO NETO)
 - “Um dia um cisne morrerá, por certo...” (JÚLIO SALUSSE)

- 2) Havendo mais de um núcleo (sujeito composto), o verbo vai para o plural e para a pessoa que tiver a primazia, na seguinte escala:
 - a. 1ª pessoa prefere todas as outras.
 - b. “Eu e o papai queremos aproveitá-lo para conversar.” (CYRO DOS ANJOS)
 - c. Não figurando a 1ª pessoa, a precedência cabe à 2ª. “Neste caso tu e mais eles todos sereis salvos.” (VIEIRA)
 - d. Na ausência de uma e outra, o verbo assume a forma da 3ª pessoa. “Roberto e o milagreiro chegaram logo.” (RACHEL DE QUEIROZ)

(ROCHA LIMA, 2011, p. 472-473).

Embora a concordância seja um traço morfossintático do sujeito – [+CV], uma vez que esse constituinte determina a concordância do verbo, existem casos particulares de concordância verbal, prescritos pela gramática tradicional, em que o verbo pode ou não ir para o plural. Ex: “Em tudo reina a desolação, a pobreza extrema, abandono”. (A.F. SCHMIDT). Entretanto, esses casos só são listados no tocante ao conteúdo de concordância verbal, ao invés de serem abordados juntamente com o conteúdo que trata do sujeito nas gramáticas.

A gramática também prescreve os casos em que o verbo “ser” concorda com o predicativo ao invés do sujeito. Ex: “Tudo isso eram pensamentos, suposições, das quais não resultada a verdade”. (CUNHA, 2013, p. 282). Ademais, a concordância também pode ser feita com o tópico e não com o sujeito, em construções do tipo tópico- comentário. Ex. “Esse carro cabe 60 l de gasolina”. (PONTES, 1986, p. 18). Essas exceções demonstram que o sujeito não é o único componente sintático que comanda a concordância verbal, e, por essa razão, a concordância não pode ser uma propriedade exclusiva para se identificar o sujeito.

2.4 PROBLEMAS DE ORDEM SINTÁTICA DA CATEGORIA SUJEITO

Embora o português brasileiro apresente-se como uma língua de ordem direta, isto é, de estrutura Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), essa ordem não é imutável, podendo ser alterada. Dessa forma, são possíveis construções em que o sujeito esteja posicionado depois do verbo.

Segundo Perini (2016), os critérios que definem a posição do sujeito não são totalmente conhecidos. Ainda assim é possível se estabelecerem algumas regras para o fenômeno da posposição do sujeito. A primeira delas é que a ordem verbo-sujeito é frequente com verbos que não aceitam objetos. De fato, pesquisas anteriores (PONTES, 1982; BITTENCOURT, 1979; LIRA, 1982), no tocante às ocorrências de posposição do sujeito, revelam que a frequência mais significativa de posposição de sujeito é com verbos intransitivos.

Perini (2016) lista alguns contextos linguísticos em que a ordem verbo-sujeito é preferida:⁴

- 1) Quando se deseja chamar atenção especial para o sujeito, ou quando o sujeito é muito longo:
 - Acabou o tempo dos cavalheiros educados.
 - Nasceu meu primeiro filho.
- 2) Quando a sentença começa com um constituinte de valor adverbial:
 - Naquele ano morreu minha vó.
 - De repente pulou um cabrito no meu colo
- 3) Em sequências de verbo causativo + infinitivo:
 - O Fred fez entrar o grupo todo.
 - Os operários deixaram escorrer a água da caixa.
- 4) Com o verbo ‘ser’ em respostas breves compostas apenas de verbo + sujeito:
 - - Quem limpou a parede?
 - Foi a faxineira.
 - - Quem é que manda aqui?
 - Sou eu.

(PERINI, 2016, p. 147-150)

Nesse sentido, Perini (2016) diz que

⁴ Há outras situações em que o sujeito vem posposto ao verbo, mas não são usuais no PB, sendo restritas à língua escrita; por isso não foram incluídas na lista pelo autor.

Um elemento dado é frequentemente introduzido no discurso anterior [...]. Esses elementos tendem a ser colocados no início da frase, ao passo que o elemento novo, que está sendo introduzido no discurso e traz informação ainda não conhecida, tende a ser colocado mais para o final. Se o elemento novo é o sujeito, ele vai para depois do verbo - isso caso não desobedeça a regras como a que proíbe a posposição na presença de um objeto ou com verbos que aceitam objeto. (PERINI, 2016, p. 148).

Como exemplo, o autor apresenta o seguinte trecho:

- Mas onde está o dinheiro?
- A maior parte do dinheiro desapareceu.

(PERINI, 2016, p. 148).

Segundo o linguista Perini (2016), “aqui estamos chamando a atenção não para o dinheiro, mas para o fato de que ele desapareceu. O dinheiro [no trecho acima] é um elemento dado, ou seja, se refere a uma coisa que o emissor admite que o receptor tem em mente no momento, ou pode identificar facilmente com base em seu conhecimento prévio” (PERINI, 2016, p. 148).

O Quadro 3 a seguir, extraído de Amaral; Patrocínio; Leite; Barbosa (2016) e baseado em Castilho (2009), sintetiza características do sintagma nominal que, no papel de sujeito, influenciam na ordenação sujeito-verbo ou verbo-sujeito.

Quadro 3 – Características do sintagma nominal, que, no papel de sujeito, influenciam na ordenação sujeito-verbo ou verbo- sujeito

Fatores que favorecem a ordem sujeito-verbo	Fatores que favorecem a ordem verbo-sujeito
Sintagma nominal foneticamente “leve” (isto é, que contenha até sete sílabas).	Sintagma nominal foneticamente “pesado” (isto é, que contenha mais de sete sílabas).
Sintaticamente construído com especificadores à esquerda do núcleo (artigos, demonstrativos, possessivos, indefinidos).	Sintaticamente construído por complementadores (sintagma adjetival, sintagma preposicional e orações relativas) e posicionado à direita do núcleo.
Semanticamente não específico e agentivo.	Semanticamente específico e não agentivo.
Informacionalmente já conhecido.	Informacionalmente novo.
Textualmente já mencionado.	Textualmente mencionado pela primeira vez.

Fonte: Amaral; Patrocínio; Leite; Barbosa (2016, p. 426).

Ainda conforme Castilho (2009), o par de fatores na segunda linha do Quadro 2

[...] revela uma interessante harmonia entre sintagmas e sentenças: quanto ‘maior’ o lado esquerdo do SN- sujeito, tanto mais ele ‘corre para a esquerda da sentença’, gerando a ordem SV [sujeito-verbo]. Quanto mais ele tiver

crescido para o seu lado direito, tanto maior é a tendência a se dispor no lado direito da sentença, isto é, VS [verbo- sujeito]. Isso quer dizer que as regras mentais de geração de sintagmas e de sentenças são as mesmas.” (CASTILHO, 2009, p. 100-101)

Quanto aos resultados obtidos pela pesquisa feita, a hipótese é de que os alunos apresentam mais dificuldade em identificar o sujeito quando esse se encontra posposto ao verbo, por interpretá-lo como complemento.

2.5 PROBLEMAS DE ORDEM SEMÂNTICA DA CATEGORIA SUJEITO

Além da definição pragmática e morfossintática do sujeito, as gramáticas tradicionais também definem a categoria com base em traços semânticos. Embora, comumente, essa definição não apareça nas gramáticas como aquela que conceitua o termo, os traços semânticos são citados nos compêndios gramaticais como um dos definidores do sujeito. Englobam esses traços as funções semânticas de agente e paciente, denominadas também, na Semântica Lexical, de papéis temáticos. Papéis temáticos são representações mentais, isto é, noções que se referem à relação existente entre conceito mental e sentido (CANÇADO, 2008). Embora a gramática tradicional cite apenas as funções semânticas de agente e paciente para o argumento sujeito, o termo pode assumir outras funções semânticas.

Nas gramáticas normativas, as definições de agente e paciente são associadas à relação existente entre o sujeito de um verbo e o processo expresso por esse mesmo elemento verbal e se ligam às noções de atividade e passividade, respectivamente. Essa relação é dada, segundo as gramáticas, pelo processo de flexão de voz verbal.

O agente é caracterizado, pela perspectiva da gramática tradicional, como “o termo que indica quem executa o processo expresso pelo verbo” (NETO; INFANTE, 2008, p. 374). Enquanto o paciente é “o termo que indica aquilo ou aquele que sofre a ação expressa pelo verbo.” (NETO; INFANTE, 2008, p. 374). Cunha (2013) trata esses papéis semânticos como “atitudes do sujeito”. Segundo o autor, “quando o verbo exprime uma ação, a atitude do sujeito com referência ao processo verbal pode ser de atividade, de passividade, ou de atividade e passividade ao mesmo tempo.” (CUNHA, 2013, p.79). Para exemplificação, Cunha (2013) utiliza os seguintes exemplos:

8. Sílvia cobriu os olhos com as mãos. (O. L. RESENDE)
9. A população do globo foi aumentada pelos dois em escala razoável. (C. D. DE ANDRADE)
10. Vestiu-se às pressas assobiando trechos do Trovador (M. BANDEIRA)

Na oração 1, o sujeito ‘Sílvia’ realiza a ação expressa pelo verbo cobriu. Dessa forma, o sujeito é classificado semanticamente como o agente. Já na sentença 2, o sujeito ‘a população do globo’ não executa a ação expressa pelo verbo principal “aumentar”, mas, sim, sofre a ação. Por esse motivo, o sujeito, neste caso, é o paciente. No exemplo 3, o sujeito, simultaneamente, exerce e sofre a ação manifestada pelo verbo, sendo, portanto, agente e paciente.

Ainda segundo Cunha (2013), “quando o verbo evoca um estado, a atitude da pessoa ou da coisa que dele participa é de neutralidade. O sujeito, no caso, não é o agente nem o paciente, mas a sede do processo verbal, o lugar onde ele se desenvolve” (CUNHA, 2013, p. 79)

11. A prova é esta carta. (C. D. DE ANDRADE)

12. O mar está muito calmo. (R. BRAGA)

Embora existam correlações entre verbos de ação e a “atitude” ou “comportamento” do sujeito, essas correlações não ocorrem em toda e qualquer oração. Isso acontece porque “sujeito”, “agente” e “paciente” são conceitos distintos e independentes, o que significa que entre eles não existe vínculo obrigatório. Há uma distinção entre função sintática e função semântica. Os papéis semânticos podem se alterar na medida em que a relação do sujeito com a ação verbal muda. Ainda que a agentividade conste, na literatura, como um traço prototípico do sujeito, é possível atribuir à categoria outros papéis semânticos, determinados pela forma que o verbo assume.⁵ Dessa forma, a atribuição do traço [+agente] como prototípico ao sujeito é questionável em razão da possibilidade de designar ao termo outras funções semânticas, denominados, também, de papéis temáticos.

Cançado (2008) propõe uma lista mais geral e abrangente de classificação dos papéis temáticos baseada em autores como Fillmore (1968, 1971), Chafe (1970), Halliday (1966, 1967), Gruber (1976), Jackendoff (1972, 1983, 1990), Dowty (1989, 1991), entre outros.

a. Agente: o desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle.

João quebrou o vaso com um martelo.

Maria correu.

b. Causa: o desencadeador de alguma ação, sem controle.

As provas preocupam Maria.

⁵ A essa forma do verbo, a gramática tradicional dá o nome de voz verbal, que é a “[...] forma tomada pelo verbo para indicar a relação entre a ação expressa por ele e o sujeito. Essa relação pode ser de atividade, de passividade ou de atividade e passividade ao mesmo tempo.” (CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 58).

O sol queimou a plantação.

c. Instrumento: o meio pelo qual a ação é desencadeada.

João colou o vaso com *cola*.

d. Paciente: a entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado.

João quebrou o vaso.

O acidente machucou *Maria*.

e. Tema: a entidade deslocada por uma ação.

João jogou a *bola* para Maria. A *bola* atingiu o alvo.

f. Experienciador: ser animado que mudou ou está em determinado estado mental, perceptual ou psicológico.

João pensou em Maria. *João* viu um pássaro.

João ama Maria.

g. Beneficiário: a entidade que é beneficiada pela ação descrita.

João pagou *Maria*.

João deu um presente para *Maria*.

h. Objetivo (ou Objeto Estativo): a entidade à qual se faz referência, sem que esta desencadeie algo, ou seja afetada por algo.

João leu *um livro*.

João ama *Maria*.

i. Locativo: o lugar em que algo está situado ou acontece.

Eu nasci em *Belo Horizonte*. O show aconteceu no *teatro*.

j. Alvo: a entidade para onde algo se move, tanto no sentido literal, como no sentido metafórico.

Sara jogou a bola para o *policia*l. João contou piadas para *seus amigos*.

k. Fonte: a entidade de onde algo se move, tanto no sentido literal, como no sentido metafórico.

João voltou de *Paris*.

João tirou aquela ideia do *artigo do Chomsky*.

(CANÇADO, 2008, p. 111-112)

Esta lista, além de mostrar a possível diversidade de papéis temáticos, também demonstra que a função sintática de sujeito pode assumir funções semânticas além de agente e paciente. Em (b) e (f), os termos destacados são classificados sintaticamente como sujeito, entretanto, semanticamente, não são agente nem paciente. Em (b), os sujeitos “As provas” e “O sol”

assumem o papel temático de causa e, em (f), o sujeito “João”, nas três sentenças, apresenta o papel temático de experienciador. O que vai determinar a relação semântica do verbo com o sujeito é o seu conteúdo semântico, isto é, os traços de sentido que ele possui. Consoante Cançado:

O papel temático de um argumento, ou seja, o papel semântico que determinado argumento exerce em uma sentença, é definido como sendo o grupo de propriedades semânticas atribuídas a esse argumento a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento encontra-se (CANÇADO, 2003, p. 22).

Não há, na literatura, um consenso em face da conceituação dos papéis temáticos, mais especificamente das funções de agente e paciente. As propriedades associadas ao papel de agente e paciente são divergentes, e essa divergência impulsiona a elaboração de novos papéis temáticos para delimitar com mais precisão as relações semânticas entre argumentos e predicados.

Em uma pesquisa realizada por Pontes (1986), as interpretações de agente variaram em relação às propriedades semânticas usadas para defini-lo. Na concepção da autora, um caso típico de agente é o de “um SN humano (ou pelo menos animado) causador de uma ação, como acontece com sentenças do tipo *João quebrou o copo*.” (PONTES, 1986, p. 237), embora tenha se atentado posteriormente que o agente pode ser inanimado, como nas orações *O lápis fez barulho ao cair* e *O temporal fez um bocado de estragos*, desde que o sujeito cause algum efeito ainda que involuntário. No entanto, a autora também reconhece a presença de um agente na sentença *João correu*, mas comenta que não lhe parece tão agente como na oração transitiva anterior.

As observações de Pontes (1986) demonstram que a definição de agente é variável e apresenta graus de agentividade: um termo pode parecer mais agente do que outro a depender do conteúdo semântico expresso pelo verbo, dos traços semânticos atribuídos ao argumento sujeito ou do evento que a frase expressa. Em *João quebrou o copo*, o que parece definir a classificação de João como agente, com base na definição de Pontes (1986), é o traço [+ humano], além do evento que a sentença descreve linguisticamente: alguém [quebrar] algo, o que remete a uma ação causadora de algum efeito (ficar quebrado). No entanto, ao considerar a caracterização de agente por outros autores, *João* não seria classificado como tal por Halliday (1967), Jackendoff (1972), Mira Mateus (1983), Borba (1990), Neves (2000), Ilari (2008) e Cançado (2008), uma vez que, para a maioria desses autores, o agente requer o traço [+ controle] e, no caso de Jackendoff (1972), o traço [+ intenção], como pode ser visto na lista abaixo.

Agente:

- a. O elemento controlador da ação (Halliday, 1967).
- b. A função desempenhada por um ente tipicamente animado que é responsável, voluntária ou involuntariamente, pela ação ou pelo desencadeamento de processos (Fillmore, 1968).
- c. Um argumento animado, com intencionalidade, sendo sua vontade responsável pela ação descrita (Jackendoff, 1972).
- d. O elemento animado ou inanimado que realiza a ação, incluindo forças naturais (Chafe, 1979).
- e. O argumento que designa a entidade controladora de um estado de coisas [+dinâmico] (Mira Mateus et al, 1983).
- f. O que por si mesmo desencadeia uma atividade (física ou não), sendo origem dela e seu controlador (Borba, 1990).
- g. O argumento que faz alguma coisa (Parsons, 1995).
- h. O participante que faz algo, tendo controle da ação/atividade (Neves, 2000).
- i. O elemento que instiga a ação (Trask, 2006).
- j. O indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação (Ilari, 2008).

(OLIVEIRA, 2009, p. 72)

Acrescenta-se a definição de Cançado (2008), segundo a qual o agente é:

- a. O desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle (CANÇADO, 2008, p. 111).

O traço [+desencadeador] aparece em muitas das definições de agente, atribuindo a ele a propriedade de promovedor/realizador da ação. É essa propriedade admitida nas gramáticas tradicionais e postuladas nos livros didáticos de Português:

- a. Termo que indica quem executa o processo expresso pelo verbo. (NETO; INFANTE, 2008, p. 374)
- b. Quem executa a ação expressa pela forma verbal (CUNHA, 2013, p. 79))
- c. Aquele que exerce a ação (ROCHA LIMA, 2011, p. 314)
- d. Termo que exerce a ação expressa pela forma verbal (CEREJA; MAGALHÃES 2013, p. 253)

É sabido que a função semântica de agente, em geral, manifesta-se na posição sintática de sujeito, quando esse encontra-se na ordem canônica. Entretanto, ainda que o português seja uma língua essencialmente agentiva, a posição sintática de sujeito pode ser associada a outras funções semânticas, como evidencia o Princípio da Hierarquia Temática⁶, o qual associa estrutura semântica com estrutura sintática, determinando o tipo de relação que emerge entre o verbo e os seus argumentos. O sujeito, portanto, não está estritamente ligado à função semântica de agente, podendo assumir na oração outras funções que não o qualificam como o desencadeador do processo verbal. Em 13, o sujeito “João” é agente. Entretanto, em 14, o sujeito “Esta pedra” exibe a função semântica de instrumento, e, em 15, o sujeito “O gelo” é paciente. (CANÇADO, 2008, p. 116)

13. **João** espatifou o gelo com esta pedra.

(agente)

14. **Esta pedra** espatifou o gelo.

(instrumento)

15. **O gelo** (se) espatifou.

(paciente)

⁶ “Esse princípio estabelece a ligação entre a estrutura semântica e a estrutura sintática, ou seja, é um princípio que estabelece “qual papel temático vai para qual posição sintática. A motivação mais geral para uma Hierarquia Temática é a de expressar as generalizações sobre a ordem dos argumentos em um predicado: os argumentos mais baixos na hierarquia são compostos semanticamente antes com o predicado do que os argumentos correspondentes a papéis mais altos (Bresnan; Kanerva, 1989)” (Cançado, 2003, p. 22). Parece que, quando um falante constrói uma sentença, tende a colocar o agente na posição de sujeito; se não houver um agente, a segunda preferência é para um beneficiário ou experienciador; a terceira preferência é para um tema ou paciente; e assim por diante.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA E ANÁLISE DAS SENTENÇAS DO QUESTIONÁRIO

Este capítulo visa a descrever a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, desde a escolha do instrumento metodológico à análise e sistematização dos dados obtidos. Além do mais, visa a analisar os 13 trechos que compõem o questionário aplicado aos alunos, considerando-se os traços prototípicos presentes e ausentes no sujeito, as noções que podem ser aplicadas para se identificar o termo, as respostas de identificação do sujeito que podem aparecer com mais frequência e o grau de complexidade da estrutura.

3.1 METODOLOGIA

Buscando atingir os resultados esperados, para a pesquisa prática, foi elaborado primeiramente um questionário online contendo 13 trechos escritos que correspondiam a reproduções de falas de pessoas entrevistadas. Os trechos foram extraídos de notícias de sites jornalísticos e apresentavam diferentes estruturas – umas que contemplavam sujeitos mais prototípicos e outras com sujeitos menos prototípicos. O questionário foi aplicado a alunos dos ensinos fundamental e médio das escolas contatadas, tanto privadas quanto públicas.

Estabeleceu-se contato com quatro escolas: uma privada e três públicas, sendo uma pública estadual, uma pública militar e outra, pública federal. Após contato e a organização do processo junto às escolas, o questionário foi enviado aos alunos pelo professor responsável via e-mail eletrônico ou WhatsApp. O questionário online foi enviado às turmas de 8º e 9º anos e às turmas do ensino médio, 1º ao 3º anos. Do nível fundamental, optou-se por esses anos escolares visto que o conteúdo programático sobre a categoria ‘sujeito’ normalmente é mais trabalhado e mais consolidado do que nos 6º e 7º anos. No 6º ano, o aluno tem o seu primeiro contato com análise sintática, com a noção de oração, de verbo e de sujeito. Esses conteúdos são mais trabalhados no 7º ano, através do aprendizado da predicação verbal, de outros termos da oração e de outras funções sintáticas. Nos 8º e 9º anos, o aluno já deve ser capaz de identificar o sujeito em estruturas mais complexas e marcadas (aquelas que exibem propriedades ausentes em estruturas canônicas SVO, consideradas como não marcadas), reconhecer as suas diferentes classificações, além de detectar orações com sujeitos inexistentes, uma vez que, nesses anos, o aluno já tem contato com conteúdos como vozes verbais e períodos compostos por coordenação e subordinação.

Não houve um critério específico para a escolha das escolas. Inicialmente foi feito contato com colegas da pós-graduação que atuavam como professores da educação básica, no intuito de que eles intermediassem o contato entre a autora deste trabalho e a direção/coordenação das instituições de ensino em que trabalhavam. Também foi feito contato com as escolas públicas estaduais em que a pesquisadora trabalhou e trabalha atualmente como professora. Além disso, a intenção inicial era também verificar se haveria alguma diferença de desempenho na identificação do sujeito entre os alunos das instituições privadas e públicas contactadas. No entanto, como a pesquisa foi realizada em uma circunstância em que as escolas estavam fechadas, em razão da pandemia do covid-19, funcionando em regime remoto, o contato com elas foi dificultado e havia pouco acesso à internet por parte dos alunos das escolas públicas, o que também dificultou a ampla participação desses estudantes na pesquisa realizada de forma online. Acrescenta-se que, além das quatro escolas referidas anteriormente, mais três escolas foram contactadas. Contudo, não houve retorno dos alunos e dos professores.

De cada um dos trechos do questionário foi destacado um elemento verbal centralizador de uma oração, sendo que o sujeito de alguns desses elementos verbais não correspondiam exatamente a sujeitos prototípicos, devido à finalidade de se verificar a capacidade do aluno de identificá-los, diante desse afastamento do protótipo, e a sua análise desses casos. Cada trecho da atividade vinha acompanhado de dois espaços: um em que o aluno deveria indicar o sujeito da sentença, caso houvesse, e outro no qual o aluno deveria justificar as razões que o levaram a classificar determinado termo como sujeito, caso o tenha identificado. Esse espaço reservado para a justificativa foi de extrema importância para se alcançar o objetivo do trabalho: descobrir a(s) real(is) noção(ões) de sujeito consideradas pelo participante da pesquisa em suas análises sintáticas – sejam noções de ordem sintática, semântica ou pragmática – e qual delas é a prevalente. Além disso, com essas justificativas, foi possível verificar se as análises foram fundamentadas, isto é, se o aluno realizou uma análise consciente e pautada nas definições de sujeito vistas nas gramáticas ou se foram feitas de forma intuitiva, sem considerar as conceituações aprendidas.

Para a coleta de dados, optou-se por utilizar, como instrumento metodológico, um questionário com questões dissertativas na expectativa de também se obterem respostas que se valiam do conhecimento tácito que os informantes possuem da noção de ‘sujeito’, de suas impressões e interpretações do conceito. Esperava-se, portanto, obter respostas mais intuitivas e não somente técnicas, isto é, especificamente embasadas em gramáticas.

Além do questionário aplicado aos alunos, foi elaborado um questionário online para os professores de Português das turmas participantes, constituído de seis perguntas concernentes

à sua prática pedagógica, metodologias empregadas na mediação do conteúdo sobre a categoria sujeito e o contexto de aprendizagem por parte dos alunos. A aplicação deste questionário foi importante para a obtenção de um panorama em relação ao conteúdo que foi visto pelos alunos, as noções de sujeito que foram ensinadas e o nível de compreensão dos alunos quanto ao estudo desse tópico. Ademais, esse questionário foi relevante para uma comparação entre os resultados obtidos na pesquisa e o que foi relatado pelos professores, no propósito de averiguar se havia uma correspondência entre ambos. O questionário direcionado aos professores foi analisado na dissertação no intuito de investigar qual das noções de sujeito – sintática, semântica ou pragmática – é a mais trabalhada em sala de aula pelos professores e se a definição prototípica do sujeito é trabalhada em sala de aula pelos docentes, isto é, se contempla todos os traços prototípicos da categoria. Além disso, buscou-se verificar, pelo questionário aplicado aos professores, que questionamentos e dificuldades são mais recorrentes entre os alunos em relação à definição e à identificação do sujeito. Foi feita também, no segundo capítulo, a análise de dois livros didáticos de Língua Portuguesa, um do ensino fundamental e outro do ensino médio, mas essa análise foi feita em relação à abordagem do conteúdo sujeito, no intuito de se verificarem as noções do termo mencionadas em cada livro e a forma como abordam e trabalham o conteúdo.

Após a aplicação do questionário destinado aos alunos, o primeiro passo foi examinar cada análise do sujeito feita pelos alunos e as justificativas dadas, buscando aferir quais critérios – sintáticos, semânticos, pragmáticos – foram utilizados na identificação do sujeito e se havia uma coerência entre a escolha do termo de cada oração e a justificativa dada para essa escolha. Nessa etapa, também foi feita a separação das respostas de acordo com as similaridades entre elas. As sentenças sem identificação do sujeito e com justificativas em branco também foram consideradas, pois, caso uma mesma frase não tivesse sido analisada e/ou justificada por um número consideravelmente alto de alunos, seria pertinente verificar o fator que levou a essa maior dificuldade no reconhecimento do sujeito, como, por exemplo, o nível de complexidade de sua estrutura ou a forma como o sujeito se apresenta.

O próximo passo consistiu em uma análise numérica das orações, em que foi feita a contagem das respostas conforme o critério em que se encaixam. Para a sistematização dos dados, foram elaborados um quadro, duas tabelas e um gráfico. O quadro consiste na distribuição das orações conforme o grau de prototipicidade do seu sujeito, admitindo os traços [+CV], [+Ant], [+Ag] e [+Top]. A primeira tabela sintetiza a quantidade de vezes em que cada oração teve o seu sujeito identificado corretamente e incorretamente, conforme a perspectiva da gramática tradicional, e, caso tenha tido a ocorrência, a quantidade de vezes em que cada item não obteve

resposta (marcação do sujeito e justificativa). Com essa contagem foi possível identificar em que contextos de realização do sujeito os alunos possuem mais dificuldade para sua identificação. A segunda tabela esquematiza a distribuição das orações conforme critério utilizado para a sua identificação, isto é, que orações tiveram seu sujeito analisado com base em uma noção sintática, semântica ou pragmática. Essa contagem teve como objetivo verificar qual noção de sujeito é a mais empregada nas análises pelos alunos. O gráfico ilustra a porcentagem do total de vezes em que cada noção do sujeito foi mencionada na identificação do termo.

3.2 ANÁLISE DAS SENTENÇAS DO QUESTIONÁRIO

Esta seção reserva-se a analisar os 13 trechos que constam no questionário aplicado aos alunos para a pesquisa, examinando as possibilidades de respostas, conforme as características observadas no constituinte sujeito e na própria estrutura oracional. Essa análise teve como finalidade servir como base de comparação entre as respostas obtidas nos questionários e as hipóteses aventadas. Ressalta-se que os fragmentos linguísticos foram retirados de trechos escritos de jornais de circulação virtual e se constituem como reproduções de fala de pessoas entrevistadas.

As análises a seguir consideraram dois segmentos de sujeito: o sujeito sintático, citado nas gramáticas tradicionais como o controlador da concordância verbal, e o sujeito discursivo, de natureza pragmática, o qual também pode se manifestar dentro do discurso. Além disso, como antes mencionado, as análises foram feitas considerando-se os seguintes critérios: o grau de prototipicidade do sujeito e os seus traços típicos e a previsão das respostas apresentadas pelos alunos, em razão das características do termo e da estrutura oracional que compõe.

Dado o devido datalhamento do conteúdo desta seção, parte-se agora para a análise dos 13 trechos do questionário.

Trecho 1

“Ainda não tô recuperado. E soube que lá (no IJF- Instituto Doutor José Frota) tá uma epidemia só, muita gente doente. E **estão dando** uma máscara pra pessoa passar um mês.” (Fonte: G1 – adaptado)

Primeiramente, analisemos o grau de prototipicidade do sujeito dessa oração. Observa-se que o sujeito não aparece explícito na frase, isto é, materialmente expresso na oração. Embora, de acordo com a gramática tradicional, existem casos em que o sujeito não aparece explícito na oração, para Perini (2016), sujeito é o SN que antecede o verbo. Essa análise

contraria a análise tradicional que separa o sujeito em explícito e implícito (sujeito determinado), pois aceita como sujeito apenas os sintagmas nominais que aparecem explicitamente grafados na estrutura, recusando a existência de sujeitos ocultos (desinenciais). No entanto, essa discussão não é o foco desta seção; o interesse é analisar se a implicitude do sujeito dificulta a sua identificação.

O sujeito do elemento verbal destacado acima, se classificado como indeterminado, apresenta um dos traços prototípicos do termo: o traço [+Ag], por se tratar de um verbo que exprime ação (verbo ‘dar’), configurando-se, portanto, como um sujeito agente. No entanto, deve-se levar em consideração que essa oração sucede uma oração anterior com a qual se articula no discurso, no qual é possível identificar, de alguma forma, o sujeito determinado de “estão dando”. O sujeito do elemento verbal destacado em 1 pode ser examinado por dois pontos de vista: o tradicional, pelo viés da gramática tradicional, e o discursivo, pelo viés da teoria funcionalista. Esse caso, pela prescrição da gramática tradicional, seria de sujeito indeterminado. O elemento verbal encontra-se na 3ª pessoa do plural, forma gramatical do verbo que referencia o sujeito indeterminado, além de, pragmaticamente, não se referir a uma pessoa determinada, seja por se desconhecer quem executa a ação seja por não haver interesse no seu conhecimento. (CUNHA, 2013).

Quanto ao traço indicador da posição pré-verbal, considera-se não estar presente no sujeito indeterminado, em razão deste não estar explicitado na frase. Afirmar que o sujeito, em geral, antecede o verbo, pressupõe a manifestação explícita do termo na oração, o que não ocorre em orações com sujeito indeterminado, nas quais o sujeito não aparece grafado antes do verbo. Portanto, o sujeito, em 1, exibe o traço [-Ant]. Em relação ao traço de concordância verbal, tanto o sujeito sintático (sujeito indeterminado) quanto o sujeito discursivo (Instituto Doutor José Frota) não o exibem em sua composição, pois, embora seja possível fazer a correlação entre a forma verbal de “estão dando” e o pronome de 3ª pessoa do plural representante do sujeito indeterminado, o pronome não aparece na oração e faz referência a um ser indefinido que não foi especificado na oração. É possível inferir, pelo contexto discursivo, que o sujeito de “estão dando” é o IJF, pois o período do qual participa o elemento verbal destacado acima relaciona-se com outro período do mesmo trecho, o que nos permite considerar a relação discursiva entre um fragmento e outro; mas essa relação entre o sujeito e o verbo é estabelecida no nível pragmático e não no nível morfossintático. Visto isso, o sujeito do elemento verbal destacado é marcado como [-CV].

Como se observa, o referente da ação explicitada pela perífrase verbal “estão dando” – O Instituto Doutor José Frota – já foi informado em outra parte da enunciação e é recuperado

no fluxo comunicativo. Desse modo, há duas possíveis interpretações do sujeito: sujeito indeterminado – caso a análise do aluno recaia apenas sobre a oração selecionada, ou Instituto Doutor José Frota – se a análise do aluno for sobre todo o trecho discursivo, relacionando o elemento verbal com outros elementos do discurso. Com isso, o sujeito de “estão dando” apresenta o traço [+Top], pois, ainda que representado como sujeito indeterminado no segundo período, é possível identificar, pela situação comunicativa, o referente da informação do predicado. Nesse sentido, ao se considerar a lógica de tópico como informação dada, verifica-se que o sujeito, em 1, corresponde ao tópico discursivo, uma vez que o sujeito do verbo destacado foi mencionado de outra forma em fragmento anterior do discurso.

Tipo de sujeito: Sujeito sintático (indeterminado)/Sujeito discursivo (O IFJ)

Traços: [+ Top] [+Ag] [-CV] [- Ant]

Respostas mais esperadas dos alunos:

- **Sujeito não expresso (indeterminado ou oculto):** porque não aparece explícito na oração, mas a sua identificação é possível pela desinência verbal.
- **O IJF (Instituto Doutor José Frota):** pode ser identificado pela relação discursiva entre os dois períodos que constituem o trecho de fala.
- **Uma máscara:** pode ser interpretado como sujeito em razão da ausência de um termo imediatamente anterior ao verbo na oração.

Trecho 2

“Coincidentemente, se **observou** uma maior movimentação de pessoas e caiu a taxa de isolamento para 50%, 49%, 47%. (Fonte: G1 – adaptado)

O elemento verbal destacado, em 2, tem um sujeito não prototípico em relação à posição canônica do sujeito na oração, visto que exhibe o traço [-Ant]. No português brasileiro, a língua é de construção SVO, mas também são permitidas e comuns construções do tipo VSO e VS, como é o caso da sentença acima.

A princípio, no Trecho 2, temos três fatores que dificultam a identificação do sujeito: primeiramente, a sua posição posterior ao verbo, manifestando o traço [-Ant]; segundo, o fato de ele se configurar como um sintagma longo, com muitos itens lexicais; terceiro, a estrutura oracional “se observou uma maior movimentação de pessoas” pode ser interpretada pelo aluno como indício de indeterminação do sujeito, em razão da sua semelhança estrutural com a construção de voz passiva sintética, motivada pela presença do pronome “se”.

Embora se pressuponha que o aluno saiba da possibilidade de inversões sintáticas relacionadas aos termos da oração, isso pode acarretar uma leitura errada das funções sintáticas

dos constituintes. O sujeito, por posicionar-se depois do verbo – posição marcada – adquire características de objeto, e assim é, provavelmente, interpretado.

Na literatura linguística, a posição pós-verbal corresponde à posição de argumento interno, isto é, de complemento. O complemento é selecionado imediatamente pelo predicator e corresponde à primeira vinculação sintática que ocorre entre os argumentos e o seu predicator. É também chamado de argumento interno “porque se posiciona internamente (à direita) no sintagma do seu predicator” (AREAS, 2013, p. 153). Semanticamente, o complemento exerce a função de objeto, que atua como “o item sobre o qual incide o evento descrito pelo item lexical que é o predicator” (AREAS, 2013, p. 152). Na medida em que o sujeito está na posição que normalmente é saturada pelo objeto, aquele, mesmo que não tenha a sua função sintática alterada, adquire status e traço sintático de complemento, o que, em tese, dificulta a identificação do termo pelo aluno.

Outro fator que pode ter dificultado a sua identificação é a extensão do sintagma nominal sujeito. Pressupõe-se, por observações em sala de aula, que parte dos alunos entenda o termo como uma palavra ou uma expressão menor, ignorando os determinantes que acompanham o núcleo do sujeito.

Em ...“se observou uma maior movimentação de pessoas”, o sujeito é representado pelo sintagma “uma maior movimentação de pessoas”. A suposição é de que parte dos informantes tenham identificado como sujeito da oração a expressão “movimentação de pessoas, excluindo os determinantes “uma “e “maior”. O sujeito do elemento verbal selecionado em 2, “uma maior movimentação de pessoas”, é composto por cinco itens lexicais (material linguístico) que, articulados entre si, codificam a informação de “haver uma grande quantidade de pessoas circulando”. Entretanto, a presença dos determinantes “uma” e “maior” antes do núcleo “movimentação de pessoas” pode não ter sido processada pelo sistema cognitivo do aluno como parte do constituinte sujeito. Pressupõe-se que o aluno tenda a selecionar como sujeito apenas o item cuja categoria gramatical é de substantivo, visto que essa classe de palavras é a que remete ao plano das “coisas” no mundo e, por isso, possui potencial de referenciação.

Outro fator de dificuldade na identificação do sujeito é a confusão que o aluno faz entre as estruturas de voz passiva sintética e as de indeterminação de sujeito, devido à similaridade entre essas duas construções, que contêm, em sua formação, o pronome “se” acompanhado o verbo. Em “se observou uma maior movimentação de pessoas”, de acordo com a gramática tradicional, o “se” é partícula apassivadora, que indica que a relação entre o sujeito e o verbo é de passividade. Pela gramática, então, o que se tem nessa frase é um sujeito posposto na voz passiva sintética com o qual o verbo concorda, e essa equivale semanticamente a sua versão na

voz passiva analítica: Uma maior movimentação de pessoas foi observada. Desse modo, o sujeito, em 2, apresenta o traço [+CV]. No entanto, é muito comum o aluno não conseguir diferenciar o sujeito passivo do indeterminado, mesmo conhecendo as regras. No caso em 2, o verbo assume duas características típicas do sujeito indeterminado: a forma verbal na 3ª pessoa do singular e o pronome “se” acompanhando-o. No entanto, existe uma diferença de ordem sintática entre as estruturas com sujeito indeterminado e as de voz passiva sintética no que se refere a sua transitividade: o verbo do sujeito indeterminado, quando na 3ª pessoa do singular e acompanhado do pronome “se”, deve ser intransitivo, transitivo indireto ou de ligação, e permanece sempre no singular; já o verbo da oração passiva sintética é transitivo. Embora haja essa distinção entre os verbos das construções citadas, a posição em que o sujeito, em 2, se aloca na oração passiva sintética é a mesma posição ocupada normalmente pelo objeto. Supõe-se que isso favoreça a identificação errada do sujeito por parte dos alunos em relação a estruturas passivas pronominais, que tendem a identificar o sujeito como indeterminado nesses casos por analisar o termo que é sujeito passivo como objeto e pela presença do pronome “se”.

Presume-se que poucos alunos tenham utilizado a noção semântica, dado que o sujeito em questão não pratica nenhuma ação, sendo, portanto, [-Ag]. Em relação ao traço [+Top], o sujeito manifesta esse traço. No entanto, a suposição é de que grande parte dos informantes não tenham interpretado “se observou” como o predicado, e sim “se observou uma maior movimentação de pessoas”, interpretando esse fragmento como a declaração que está sendo feita sobre um sujeito indeterminado ou oculto. Pressupõe-se, ademais, que alguns alunos podem ter interpretado o sujeito como inexistente em razão da inexistência de um termo de valor nominal antes do verbo. Nesse caso, é possível que o aluno tenha compreendido “uma maior movimentação de pessoas” como complemento.

Tipo de sujeito: Sujeito sintático (uma maior movimentação de pessoas) /Sujeito discursivo (uma maior movimentação de pessoas)

Traços: [+Top] [+ CV] [-Ag] [-Ant]

Respostas mais esperadas dos alunos:

- **Uma maior movimentação de pessoas:** caso o aluno tenha reconhecido que essa estrutura está na voz passiva pronominal e, portanto, possui sujeito.
- **Sujeito não expresso:** caso o aluno tenha interpretado o pronome “se” como índice de indeterminação do sujeito e identificado-o como indeterminado ou, então, entendido-o sujeito como oculto.
- **Sujeito inexistente:** uma vez que não há nenhum outro termo antes de “observou-se”, além de que o aluno pode ter interpretado o termo depois do verbo como complemento.

Trecho 3

“**Estamos reestruturando** nossos departamentos e atividades esportivas para o segundo semestre. O momento é de prevenção no combate ao coronavírus.” (Fonte: Esporte Goiano – adaptado)

A oração acima apresenta um caso de sujeito oculto, conhecido também como sujeito desinencial. Sujeito desinencial, consoante as gramáticas tradicionais “é aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado:

- a) pela desinência verbal:

Gosto de chuva, Pedro (L. JARDIM)

- Nesse caso, o sujeito do verbo gostar é “eu”, indicado pela desinência -o.

- b) pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo:

O funcionário riu com esforço, e despediu-se enojado. Entrou numa livraria. (A.M. MACHADO)

- No exemplo acima, o sujeito de “riu” e “despediu-se” é o mesmo: o funcionário. Entretanto, o sujeito na segunda oração aparece implícito, mas sua identificação é possível pela oração anterior, na qual o sujeito manifesta-se antes do verbo. Além disso, o verbo “entrar”, no período seguinte, também tem como sujeito “o funcionário”.

Uma das hipóteses era a de que o traço [+CV] fosse adotado com menos frequência do que os outros traços na identificação do sujeito pelos alunos, especialmente em estruturas com sujeito oculto, visto que esse tipo de sujeito não aparece grafado na oração. A finalidade dessa sentença era atestar essa hipótese, pois pressupõe-se que um número significativo dos participantes tem dificuldade de fazer a correlação entre a desinência do verbo e termo sujeito.

“Se procurarmos o núcleo do sujeito [...] este será de base nominal, isto é, um substantivo (ou expressão de valor substantivo) ou pronome.” (BECHARA, 2009, p. 40). Visto isso, a previsão era de que os alunos tendessem a marcar como sujeito na oração um elemento de natureza substantiva ou pronominal. Não porque a gramática normativa prescreva isso como regra, mas porque os substantivos e pronomes têm um valor referencial que aponta para as coisas que existem no mundo, sejam elas reais ou abstratas.

Considerando essa premissa, é provável que o aluno tenha identificado como sujeito do elemento verbal “estamos reestruturando” um dos núcleos nominais do complemento verbal ou, então, os dois núcleos, incluindo ou não os seus termos especificadores. Na circunstância de que o aluno tenha selecionado apenas um dos núcleos do objeto como sujeito, a probabilidade é de que ele tenha escolhido o primeiro, isto é, [nossos] “departamentos” como

sujeito, por este constituinte estar mais próximo da locução verbal. Também não se descarta a possibilidade de o participante ter identificado apenas o segundo núcleo como sujeito – “atividades”. Mas, a suposição é a de que o aluno, nessa condição, tenha incluído o seu determinante caracterizador – esportivas, pois, parece que a relação entre o substantivo “atividades” e o adjetivo “esportivas” é muita estreita, no sentido de que a expressão “atividades esportivas” é bastante engessada em razão do uso comum da junção das duas palavras. É o que acontece com “atividades escolares”, por exemplo. Atividades escolares e atividades esportivas parecem ser expressões cristalizadas.

Caso o aluno tenha identificado apenas “atividades esportivas” como sujeito, outra evidência para essa escolha pode ser o fato de essa expressão ser mais familiar e comum ao aluno do que o núcleo “departamentos”. Pode ser que o reconhecimento conceptual da expressão “atividades esportivas” ocorra de forma mais imediata do que com a expressão “departamentos”, em razão da pouca ou nenhuma referência que o aluno pode ter deste conceito. Além do mais, o constituinte “atividades” aparece especificado pelo termo modificador “esportivas”, o que atribui uma maior “identidade semântica” à palavra em relação a “departamentos”, que foi aplicada com um sentido mais amplo. Em função disso, a relação imagética que o aluno faz entre o significante e o significado ocorre mais facilmente com a expressão “atividades esportivas” do que com “departamentos”.

Outra questão que pode ser levantada pela análise desse trecho é a “brecha” interpretativa possibilitada pela definição pragmática do sujeito: “sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração” (CUNHA, 2013, p. 75). Nesta sentença, isso significa que o aluno pode ter interpretado “nós” como o sujeito, caso tenha entendido que a informação que está sendo declarada é “estamos reestruturando nossos departamentos e atividades esportivas” e que ela se direciona a esse pronome, ou, tenha interpretado “nossos departamentos e atividades esportivas” como sujeito, se ele tiver achado que algo está sendo falado sobre esse termo na oração, no caso que “os departamentos e atividades esportivas estão sendo reestruturados por nós”. Na primeira interpretação, “nós” é o referente da declaração e, na segunda, o referente é “nossos departamentos e atividades esportivas.”

Em “Estamos reestruturando” nossos departamentos e atividades esportivas para o segundo semestre, o participante poderia ter se orientado pelas três definições prototípicas do sujeito: pragmática, sintática ou semântica, pois o sujeito apresenta os traços [+Top], uma vez que algo está sendo predicado sobre ele; [+CV], a medida que a locução verbal estabelece concordância com o pronome implícito “nós”, o qual, embora não apareça materialmente expresso na oração, corresponde a um sujeito definido, e [+Ag], visto que o sujeito realiza a

ação de “estar reestruturando”. Se sintática, espera-se que o aluno tenha identificado como sujeito o pronome reto “nós”, indicado pela desinência verbal -mos. Se semântica, também o esperado é que o aluno tenha reconhecido como sujeito o pronome “nós”, já que o elemento verbal remete a uma ação: a ação de reestruturar, que exige uma agentividade associada a um agente capaz de executar a prática. Se pragmática, espera-se que o aluno tenha identificado o pronome “nós” ou o complemento “nossos departamentos e atividades esportivas”. O esperado é que alguns alunos tenham interpretado o complemento verbal como o referente da informação verbal devido ao fato de o sujeito “nós” estar implícito na oração, o que favorece a análise que alguma coisa está sendo falada sobre “nossos departamentos e atividades esportivas”. O sujeito em 2 é marcado como [-Ant] na medida em que não aparece explícito na oração. Para que se atribua o traço [+Ant], considerou-se que o sujeito deve aparecer expresso na oração para que se consiga visualizar a sua posição na sentença, o que não acontece no trecho acima.

Tipo de sujeito: Sujeito sintático (oculto nós) / Sujeito discursivo: nós

Traços: [+Top] [+CV] [+Ag] [-Ant]

Respostas mais esperadas dos alunos:

- **Sujeito não expresso:** caso o aluno tenha identificado o sujeito pela desinência verbal
- **Nossos departamentos e atividades esportivas:** caso o aluno tenha interpretado o complemento como sujeito, pelo fato de o sujeito não se manifestar materialmente na oração, antes do verbo.

Trecho 4:

“Minha mãe e eu **somos** muito parceiros. Ela me incentivou a fazer faculdade fora do país.” (Fonte: Solidário Notícias – adaptado)

Na oração “Minha mãe e eu somos muito parceiros”, deparamo-nos com um caso de sujeito composto “Minha mãe e eu”. Presupõe-se que os alunos não tiveram muita dificuldade em identificar o sujeito do verbo, visto que ele apresenta todos os traços prototípicos do sujeito, com exceção do traço [+Ag]. O sujeito exibe o traço [+Ant], pois se posiciona antes do verbo, o traço [+CV], visto que o verbo está em concordância com o sujeito e o traço [+Top], pois em relação ao termo é feita uma declaração. Quanto à propriedade semântica, o sujeito é [-Ag], uma vez que o verbo não denota ação, mas, sim, estado. Acredita-se que a ausência de agentividade não tenha dificultado a identificação do sujeito, pois, é provável, que aos alunos foram ensinadas outras “atitudes do sujeito”, que não só a de promovedor da ação (agente).

O objetivo de se inserir essa frase no questionário foi o de verificar se o aluno tem ciência de outros possíveis casos de sujeito, além do sujeito simples, composto por apenas um

sintagma nominal. Os sintagmas nominais componentes desse tipo de sujeito podem ser separados por conjunções coordenativas ou por vírgula.

- João e Pedro viajaram hoje. (BECHARA, p. 41, 2009)
- Maria ou Glória fará as compras. (BECHARA, p. 41, 2009)
- Livros, cadernos, lápis e canetas são materiais escolares. (BECHARA, p. 41, 2009)

Na oração “Minha mãe e eu somos muito parceiros”, o termo sujeito, conforme a gramática normativa, é “minha mãe e eu”. Pela ordem em que se encontra os termos (ordem direta) e o grau de prototipicidade do sujeito, a identificação do sujeito não exigiria uma análise muito profunda por parte do aluno. No entanto, pressupõe-se que alguns alunos podem ter identificado como sujeito apenas um dos seus núcleos: “minha mãe” ou “eu”. É provável que ‘minha mãe’ tenha aparecido mais como resposta por ser o termo em posição inicial na sentença. Contudo, a proximidade do pronome “eu” em relação ao verbo também pode ter favorecido a sua análise como sujeito. A identificação do sujeito como “nós” também pode ter aparecido entre as respostas, devido a probabilidade de que o aluno tenha feito a correlação morfológica entre o sujeito composto “minha mãe e eu” e o pronome correspondente “nós”.

Outra hipótese é de que a grande maioria identificou “minha mãe e eu” como sujeito, pelo fato dele apresentar três de quatro traços prototípicos do termo e pela sua representação mais simples e comum aos alunos (sujeito determinado e composto).

Tipo de sujeito: Sujeito sintático (minha mãe e eu)/ sujeito discursivo (minha mãe e eu)

Traços: [+Top] [+CV] [+Ant] [-Ag]

Respostas mais esperadas dos alunos:

- **Minha mãe e eu:** Caso o aluno tenha compreendido o sujeito na totalidade da sua expressão.
- **Minha mãe:** Caso o aluno não tenha compreendido o sujeito na totalidade da sua expressão. A posição inicial, como primeiro constituinte na sentença, pode ter contribuído para a escolha do termo como sujeito.
- **Eu:** pela sua proximidade do verbo
- **Nós:** pela associação que o aluno pode ter feito do sujeito composto com o pronome correspondente “nós”.

Trecho 5

“Espero ganhar pelo menos mais um título brasileiro no ano que vem, porque provavelmente esse ano não **haverá** mais competições.” (Fonte: Folha pé - adaptado)

Como é visto nas gramáticas, normalmente, a oração encerra dois termos essenciais: o sujeito e o predicado. Isso não significa que sempre as orações apresentarão essa configuração. Há casos em que as orações não possuem sujeito, o que não se trata de sujeito oculto ou indeterminado, que é quando o sujeito existe, só não é materialmente manifestado na oração. Nas orações de sujeito inexistente, o predicado declara algo sem fazer referência a outro termo. “A rigor trata-se de centrar o intento da comunicação no comentário”. (BECHARA, 2009, p. 35)

No trecho 5 a oração analisada é “... porque provavelmente esse ano não haverá mais competições”. Nessa oração, o verbo “haverá” não faz referência a nenhum argumento externo, por isso é analisada como oração sem sujeito e o verbo, como impessoal. Entretanto, caso o aluno não conheça as condições gramaticais de sujeito inexistente, é bastante provável que ele tenha identificado um sujeito nessa oração; a maioria guiando-se por uma noção pragmática. Se levarmos em consideração que o sujeito pode ser o termo sobre o qual se declara algo na oração, é possível a interpretação de que, na oração destacada, haja um sujeito, pois o verbo, juntamente com os outros termos que a ele se juntam (esse ano não...), fazem uma declaração sobre o termo “mais competições”. Dessa forma, é possível que parte dos alunos tenha interpretado “mais competições” como sujeito, orientando-se pelo traço [+Top] da categoria.

Outro fator que pode ter conduzido o participante a identificar um sujeito nessa oração é a sua configuração estrutural, que lembra a sintaxe de uma oração com sujeito e predicado, mas na ordem indireta: “Esse ano não haverá mais competições”. Fundamentando-se nesse modelo de estrutura, o aluno poderia orientar-se por duas noções de sujeito: a pragmática, que atribui ao sujeito o traço [+Top], já citado acima; e a sintática, que prevê o traço [+Ant] ao termo.

Caso o aluno tenha utilizado a noção pragmática, presume-se que ele tenha feito uma destas duas interpretações: interpretado “esse ano” como sujeito, caso ele tenha entendido “não haverá mais competições” como predicado; ou interpretado “mais competições” como sujeito, caso ele tenha entendido “não haverá esse ano” como a declaração que está sendo feita.

Embora “esse ano” tenha função adverbial, ele é nominal, o que propicia a sua interpretação como sujeito. Há também outra explicação plausível que justifique a identificação desse termo como sujeito pelo aluno: a sua posição inicial na frase antes do verbo, ocupando a

posição que tradicionalmente é ocupada pelo sujeito, dado a propriedade [+Ant] que a categoria possui. Neste caso, “mais competições” pode ser interpretado como complemento do verbo, justamente por alocar-se na posição de argumento interno. Ademais, visto que o verbo “haver”, nesta oração, não estabelece concordância e não indica ideia de ação, a hipótese é de que os traços [+CV] e [+Ag] foram pouco citados. Dessa forma, três respostas de identificação do sujeito podem ter aparecido no trecho 5: “mais competições”, “esse ano”, “sujeito inexistente.”

Tipo de sujeito: sujeito inexistente

Traços: não se aplicam

Respostas mais esperadas dos alunos:

- **Mais competições ou Competições:** caso o aluno tenha adotado a definição pragmática de sujeito [+Top] e interpretado “mais competições” como o elemento da oração sobre o qual o verbo haverá faz uma declaração.
- **Esse ano:** caso o aluno tenha adotado a definição sintática de sujeito [+Ant], interpretando o termo imediatamente antes do verbo como sujeito, ou, a noção pragmática [+Top], compreendendo o restante da oração como predicado e “esse ano” como o referente do que está sendo falado.
- **Sujeito inexistente:** caso o aluno, com base no conhecimento da regra, tenha reconhecido que o verbo é impessoal e, portanto, que a oração não tem sujeito.

Trecho 6

“Estamos com problema grave de empresas na beira do desastre, seja por um motivo, ou, principalmente, porque essa restrição **tem sido** um abuso por parte de governadores estaduais”. (Fonte: FDR – adaptado)

A oração a ser analisada nesse período é ... “porque essa restrição tem sido um abuso por parte de governadores estaduais”. Uma diferença dessa oração em relação às outras analisadas até agora é a sua predicação. Enquanto nas outras a predicação é verbal, isto é, o elemento principal da declaração que se faz do sujeito é um verbo; nesta, a predicação é nominal, tendo como núcleo um nome: abuso.

A estrutura de um predicado nominal, como ditado pelas gramáticas, é formada por um verbo de ligação mais um predicativo do sujeito, e, como se sabe, esse tipo de verbo não tem valor nocional, diferentemente dos verbos significativos, que atribuem uma ideia nova ao sujeito. Os verbos de ligação, ao contrário, não atribuem nenhuma informação ao sujeito; sua função é apenas estrutural e de ligação. Esse papel fica sob a responsabilidade do predicativo, que encerra a ideia central da informação.

A presença do verbo de ligação, precisamente da perífrase verbal “tem sido”, evidencia a ausência de uma das propriedades prototípicas do sujeito, a agentividade, sendo o sujeito,

nesse caso, [-Ag]. Como o verbo não exprime nenhuma ação, o papel temático do sujeito não pode ser o de agente. Embora o sujeito “Essa restrição” não se ligue a um verbo de ação, supõe-se que o termo “por parte de governadores estaduais” pode ter induzido o aluno a entender “governadores estaduais” como um agente, por duas razões: a locução prepositiva “por parte de”, nessa colocação, pode ter sido percebida pelo aluno como um indício de agentividade, pelo fato de indicar a fonte do abuso, que, no caso, na frase, são os governadores estaduais. Caso o aluno tenha tendido a esse raciocínio, prova-se que o informante não associa a noção de ação ao verbo somente. Supõe-se que alguns alunos podem ter associado o papel semântico de agente ao termo “governadores estaduais” em virtude do seu traço [+humano]. Essa seria a segunda razão para a identificação desse termo como sujeito. Acredita-se que uma significativa parcela dos estudantes tenha escolhido, então, “governadores estaduais” como sujeito, principalmente se o domínio da regra for pouco e caso o aluno tenha se guiado pela definição semântica do termo.

Outro ponto relevante nessa oração é a concordância verbal. Foi mencionado no início desta dissertação que a concordância entre o verbo e o sujeito é um dos traços prototípicos do termo, e, inclusive, há autores que o definem por esse traço. No entanto, como se observa, na oração analisada o verbo auxiliar “tem” concorda tanto com o sujeito – essa restrição – quanto com o predicativo do sujeito – um abuso. Com ambos os termos, o verbo é flexionado na terceira pessoa do singular:

- ... “essa restrição **tem sido** um abuso por parte de governadores estaduais”.
- ... “um abuso **tem sido** essa restrição por parte de governadores estaduais”.

Se o sujeito, segundo alguns gramáticos, é o elemento da oração que determina a concordância verbal, não seria incoerente o aluno pensar a unidade “um abuso” como o sujeito do verbo. Considerando essa variável, embora o sujeito, nessa oração, possua a propriedade [+CV], na medida em que o verbo concorda com ele, esse traço não é suficiente nesse exemplo e a outros de construções similares para se identificar o sujeito. Desse modo, o traço do sujeito que prevalece para a sua identificação é o traço [+Ant]. Como afirma Perini (2016), se houver na oração mais de um sintagma nominal que seja compatível com a pessoa e número do verbo, o sujeito é o SN que aparece imediatamente antes do verbo. Caso o aluno tenha utilizado o traço [+Top], com base na ideia de que o sujeito é o elemento da oração do qual alguma coisa está sendo falado, é provável que ele tenha interpretado “tem sido um abuso por parte de governadores estaduais” como o predicado e “essa restrição” como sujeito, ou, “um abuso” como sujeito e “tem sido essa restrição por parte de governadores estaduais” como predicado. Por isso a necessidade de se utilizar o critério da posição do sujeito no fragmento acima.

Tipo de sujeito: Sujeito sintático (essa restrição) / sujeito discursivo (essa restrição)

Traços: [+Top] [+CV] [+Ant] [-Ag]

Respostas mais esperadas dos alunos:

- **Essa restrição/ Restrição:** em razão de sua posição adjacente ao verbo (traço [+Ant]), e caso o aluno tenha interpretado o termo como o elemento da oração sobre o qual o predicado informa algo (traço [+Top]). A compatibilidade da concordância verbal com os dois argumentos do verbo também pode ser um fator que tenha levado o aluno a optar pelo primeiro constituinte.
- **Um abuso:** uma vez que a concordância do item verbal é compatível com os dois termos que o saturam e por “um abuso” ter como núcleo um substantivo, classe de palavra típica dos núcleos do sujeito.
- **Governadores estaduais:** caso o aluno tenha entendido esse termo como o agente do verbo, no sentido de que os governadores estaduais sejam os praticantes do abuso, ainda que a perífrase verbal não manifeste uma ação.

Trecho 7

“Nos momentos de choro, dengo, insegurança do seu filho, esteja perto, acolha e abrace sem desfazê-lo. Mas é primordial mostrar os aspectos positivos da escola.” (Fonte: Mundo do Marketing – adaptado)

O verbo “é” tem um sujeito oracional, isto é, tem em sua constituição um verbo. Pressupõe-se que uma parte significativa dos alunos tenha tido dificuldade de identificar o sujeito dessa oração por duas questões: sua complexidade, em razão da sua representação, que envolve um constituinte verbal, e o tamanho do sintagma. Segundo a gramática de Cunha (2013), existem diferentes formas de representação do sujeito.

- Pelos pronomes de 1º e 2ª pessoas, respectivamente, eu e tu, no singular; nós e vós ou pelas combinações equivalentes: eu e tu, tu e ele etc, no plural.
- Pelos pronomes de 3ª pessoa. Nesse caso, os sujeitos de 3ª pessoa podem ter como núcleo:
 - a) um substantivo:
Fabiano contava façanhas. (G. RAMOS)
 - b) os pronomes pessoais ele, ela (singular); eles, elas (plural):
Ele se irá, creio, mas ficará ela. (M. DE ASSIS)
 - c) um pronome demonstrativo, relativo, interrogativo ou indefinido:
Aquilo é terra benta. (J. C. DE CARVALHO)

- d) *Qual é o caminho que leva ao teu país?* (R. COUTO) *Quem encabeçou o movimento?* (A. DE A. MACHADO) *Ninguém traz a menor notícia.* (A. M. MACHADO)
- e) um numeral:
Onde comem dois comem três. (G. RAMOS)
- f) uma palavra ou uma expressão substantivada:
O humilde não teme julgamento alheio. (G. RAMOS)
O por fazer é só com Deus. (F. PESSOA)
- g) uma oração:
É provável que ela case outra vez. (M. DE ASSIS)

O aluno tem mais facilidade de identificar o sujeito quando esse é materializado na frase na forma de um sintagma com poucos constituintes, até mesmo pela maior frequência com que aparece essa forma nas atividades escolares e nos livros didáticos. Ademais, sujeitos oracionais podem ser confundidos com o predicado. Em razão disso, além do fato de a presença do verbo estar associada à predicação, julga-se que alguns informantes podem ter entendido que a sentença em 7 não possui sujeito (considerando o sujeito como inexistente), por ele estar posposto ao verbo, apresentando, portanto, o traço [-Ant]. Além da maior extensão de sua cadeia sintagmática, a identificação dos sujeitos oracionais tende a ser mais complexa para os alunos por se afastarem dos traços prototípicos da categoria sujeito.

Retomam-se aqui as três definições mais exibidas nas gramáticas tradicionais.

- “O ser sobre o qual se faz uma declaração” (CUNHA; CINTRA p. 136, 2016).
- “Termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa” (NETO; INFANTE, 2008, p. 347).
- “O termo que indica quem executa o processo expresso pelo verbo” (NETO; INFANTE, 2008, p. 374).

A primeira definição relaciona-se com o traço [+Top], a segunda, com o traço [+CV], e a terceira, com o traço [+Ag]. Primeiramente, definir sujeito como “o ser” acaba transferindo a categoria do campo linguístico para o campo da existência abstrata ou concreta, o que contribui para a compreensão do aluno de que sujeito é uma representação linguística do mundo exterior, seja de seres vivos ou não vivos. O sujeito da sentença acima não se inclui na categoria de “ser” visto que o sintagma não faz referência a um ser existente no mundo (seja no mundo real ou não). No sujeito “mostrar os aspectos positivos da escola” o que há é a citação de um evento, de uma situação.

Como o sujeito, em 7, é marcado como [-CV] e [-Ant], e sendo a concordância verbal e a posição do sujeito propriedades gramaticais da categoria, “mostrar os aspectos positivos da escola” não se caracteriza como um sujeito gramatical. No entanto, visto que alguma coisa está sendo dita sobre o sujeito, ele apresenta o traço [+Top], caracterizando-se, portanto, como um sujeito discursivo.

Outra questão que dificulta a identificação do sujeito oracional, como antes citada, é a presença do verbo. SV's são tipicamente predicados verbais, elementos básicos e obrigatórios da oração. Quanto à categoria sujeito, ele se constitui como um sintagma nominal, por ter como seu núcleo um nome. Por essa razão, a probabilidade de o aluno ter dificuldade de identificar o sujeito do verbo “é” ocorre também por entender seu sujeito como predicado, em razão de ele conter um verbo. Considerando-se isso, é mais provável que os alunos tenham identificado “os aspectos positivos da escola” como sujeito do que “mostrar os aspectos positivos da escola”, por acharem que “mostrar”, na condição de verbo, faz parte do predicado. A dificuldade é aumentada ainda pela inversão sintática dos termos na frase, verificada pela posição pós-verbal do sujeito. A posição do sujeito após o elemento verbal faz com que o termo exiba o traço [-Ant] indicador da posição pré-verbal.

Outro fator que distancia o sujeito do protótipo é o fato dele ser marcado como [-CV]. Conforme prescrito nas gramáticas, a concordância com sujeitos oracionais é feita, em regra, na terceira pessoa do singular, mesmo que o sujeito seja formado por duas orações, uma vez que o sujeito oracional equivale ao substantivo masculino na terceira pessoa do singular.

- Ex: Praticar exercícios com regularidade e se alimentar de forma equilibrada *torna* o corpo mais saudável.

O verbo, nesse caso, só irá para o plural quando os núcleos do sujeito do infinitivo vierem acompanhados de determinantes ou se configurarem como ideias antônimas:

- Ex: **O persistir e o conseguir** *dependem* de seu otimismo e de sua fé.

Chorar e rir *fazem* parte da vida de qualquer ser humano”.

É provável que o aluno não conheça ou não se lembre dessas regras por estarem relacionadas a uma representação de sujeito mais distante do protótipo da categoria. Ao mediar o conteúdo que trata sobre o sujeito, é mais comum que o professor utilize exemplos mais prototípicos. Por esse motivo, ainda que o traço [+CV] não seja um traço do sujeito do trecho de fala em questão, parte dos informantes/alunos podem ter utilizado o critério da concordância para tentar identificar o sujeito em 7.

Tipo de sujeito: Sujeito discursivo

Traços: [+Top] [-CV] [-Ant] [-Ag]

Respostas mais esperadas dos alunos:

- **Os aspectos positivos da escola:** caso o aluno não tenha interpretado o sujeito como oracional e compreendido o verbo ‘mostrar’ como um constituinte do predicado.
- **Mostrar os aspectos positivos da escola:** caso o aluno tenha compreendido o sujeito como oracional
- **Sujeito inexistente:** uma vez que a ausência de um termo em posição anterior ao verbo pode incorrer na interpretação do elemento pós-verbo como complemento, ainda que tenha a função de sujeito.

Trecho 8

“O Pedro Pernambuco, que se tornou um grande amigo meu, **veio** me **dar** umas dicas.”

O fragmento acima, dos que estão no questionário respondido pelos participantes da pesquisa, é o que possui o sujeito mais prototípico, pois apresenta todos os traços típicos da categoria: [+Top], [+CV], [+Ag], [+Ant]. Por exibir todas essas propriedades, o aluno consegue identificar o sujeito com mais facilidade. Além desse fator, a sentença encontra-se na sua ordem direta – SVO, o que pode facilitar a percepção da relação sintática entre o sujeito e o predicado. Dos quatro traços prototípicos da categoria, o aluno poderia orientar-se por qualquer um deles para identificar o sujeito, pois ele se encaixa em todas as definições do termo, como é demonstrado abaixo:

Sujeito: O Pedro Pernambucano

- Noção pragmática: o termo sobre o qual se declara algo [+Top]

A predicação informa algo sobre o Pedro Pernambucano. Foi “o Pedro Pernambucano” que veio dar dicas para o seu amigo”. Ex. *O Pedro Pernambucano* ➤ *veio me dar umas dicas*

- Noção morfossintática: o termo que determina a concordância verbal [+CV]

O verbo “veio” está na terceira pessoa do singular, sendo, portanto, compatível com o termo “O Pedro Pernambucano” que também se encontra na mesma pessoa e número. Ex. *O Pedro Pernambucano* (3º p.s) ➤ *veio* (3º p.s) (Ele)

- Noção Semântica: o termo que expressa o agente da ação verbal [+Ag]

A perífrase verbal “**veio dar**” expressa uma ação. O termo “O Pedro Pernambucano” expressa, pois, o realizador da ação do verbo. Portanto, é esse termo que funciona como o agente da ação descrita na predicação. Ex. *O Pedro Pernambucano (agente) **veio me dar*** (perífrase verbal com verbos de ação)

- Noção sintática: o termo se posiciona antes do elemento verbal [+Ant]

“O Pedro Pernambucano” é um dos termos da oração que se aloca antes da perífrase verbal, característica típica do sujeito. Ex. *O Pedro Pernambucano (posição pré-verbal) **veio me dar***

A suposição é de que a maioria dos alunos tenha identificado como sujeito “O Pedro Pernambucano” ou “Pedro Pernambucano”, ignorando o determinante “o”, justamente pelo alto grau de prototipicidade do sujeito. Pode ser que a separação do sujeito do verbo pela intercalação de outra oração não tenha sido um empecilho para a identificação do sujeito nessa oração. Entretanto, o esperado é que alguns alunos tenham identificado como sujeito “um grande amigo meu” ao recorrer ao traço [+Ant] para identificá-lo, devido à aproximação do termo com o verbo. O termo “um grande amigo” encontra-se mais próximo do verbo do que o sujeito, posicionando-se imediatamente antes do elemento verbal.

Outro fator que pode ter contribuído para a identificação de “O Pedro Pernambucano” ou de “um grande amigo meu” como sujeito é a animacidade presente como um dos seus traços semânticos. Alguns traços semânticos são intrínsecos a itens lexicais, como o traço [+humano], por exemplo, que é intrínseco aos constituintes “Pedro Pernambucano” e “amigo”. Pressupõe-se que essa associação entre a noção de sujeito e o critério animacidade se deva à postulação de sujeito por algumas gramáticas como um “ser” (o ser sobre o qual se declara algo). SNs com função de sujeito que apresentam itens lexicais de traço [+animado] ou [+humano] são, então, mais facilmente identificados.

Outra observação a ser feita é a alta possibilidade de uma quantidade considerável de alunos ter identificado como sujeito o constituinte “Pedro Pernambucano” ao invés de “O Pedro Pernambucano”, não incluindo o artigo “O”. Supõe-se que não considerar as palavras determinantes do núcleo do sujeito como parte do sintagma seja uma tendência. É provável que uma parte significativa dos alunos manifestem essa tendência não somente nessa sentença, mas em outras também presentes no questionário.

Essa ocorrência pode ser um indício da influência discursiva sobre a categoria sujeito. O aluno, ao identificar apenas o núcleo do sujeito, demonstra que ele, isto é, o núcleo, é

entendido não somente como um item gramatical constituinte do sintagma, mas também como o tópico da conversação, que corresponde àquilo sobre o que se fala. O núcleo, como normalmente é representado por um substantivo ou palavra de natureza substantiva, aponta para algo no mundo extralinguístico, o que corrobora para que o aluno o entenda como o assunto da enunciação. É provável que os alunos que citaram “Pedro Pernambucano” como sujeito se guiaram pelo entendimento de que alguma coisa está sendo falada sobre Pedro, isto é, de que Pedro Pernambucano é o assunto da interlocução comunicativa.

Tipo de sujeito: sujeito sintático (O Pedro Pernambuco) /sujeito discursivo (O Pedro Pernambuco)

Traços: [+Top] [+CV] [+Ag] [+Ant]

Respostas mais esperadas dos alunos:

- **O Pedro Pernambucano:** em razão de sua prototipicidade, isto é, aparece antes do verbo; é o ser sobre qual o predicado faz referência; é o agente da ação verbal; comanda a concordância do verbo.
- **Pedro Pernambucano:** caso o aluno tenha interpretado apenas o núcleo do sintagma como o sujeito.
- **Um grande amigo meu:** uma vez que é o termo na oração que aparece imediatamente antecedendo o verbo, ainda que separado do predicado por vírgula.

Trecho 9

... "os pacientes que precisam de internamento, aqueles que tinham a indicação relativa, muitas vezes, *são mandados* para casa e voltam já um pouco mais graves."
(Fonte: G1 - adaptado)

No trecho de fala número 9 temos um caso de sujeito paciente, o que é constatado pela estrutura Suj + Vaux + Vprinc (Os pacientes que precisam de internamento + são mandados). Neste caso, o agente da passiva não aparece explícito na sentença como o executor da ação de mandar os pacientes que precisam de internamento para casa. Entretanto, pelo contexto em que o enunciado foi proferido, subentende-se que o agente corresponde a hospitais de uma forma geral.

Embora o sujeito desse enunciado seja marcado como [-Ag], o termo possui todos os outros traços prototípicos da categoria que contribuem para a sua identificação. O aluno consegue identificar o sujeito pela referência da predicação verbal e pela concordância do

verbo. Além disso, o sujeito encontra-se na sua posição canônica, isto é, antes do verbo. Por possuir a maior parte das propriedades típicas do sujeito, a identificação do termo nessa sentença não é complexa. Presume-se que uma parte significativa dos alunos tenha conseguido identificar pelo menos o núcleo do sujeito.

Supõe-se que o empecilho para se identificar o sintagma nesse enunciado não está na ausência de agentividade do termo, até porque há outros traços que são utilizados pelos alunos para identificá-lo. A maior dificuldade pode estar em reconhecer que a oração adjetiva “que precisam de internamento” está subordinada ao sintagma “os pacientes”, restringindo seu sentido, e, por isso, faz parte do sujeito. Além disso, outra questão que envolve o trecho 9 é a intercalação de uma oração relativa como aposto entre o sujeito e o predicado. Embora essa oração relativa componha o sintagma que funciona como sujeito, uma vez que ela retoma “os pacientes que precisam de internamento”, a hipótese era de que grande parte dos alunos não interpretaria essa oração como parte do sujeito. A oração relativa intercalada em forma de aposto pode também ser um fator de dificuldade, na medida em que pode ser interpretada como o sujeito por estar mais próximo do elemento verbal. Neste último caso, o aluno poderia considerar o traço [+Ant], que caracteriza o sujeito como o constituinte que precede o verbo.

A suposição é de que grande parte dos alunos tenha identificado como sujeito apenas o termo “os pacientes” ou o núcleo “pacientes”. Essa ocorrência pode ter relação com o fato de o constituinte “os pacientes” vir logo no início da sentença, o que favorece a sua identificação, visto que termos alocados à esquerda do verbo e em posição inicial de frase tendem a ser mais facilmente identificados como sujeito. Um dos motivos para essa tendência é que, nas escolas, o contato inicial dos alunos, no ensino do conteúdo, é com exemplos de orações cujo sujeito se encontra na ordem direta, além de representações mais simples do termo. Julga-se, além do mais, que os alunos tendem a apresentar mais dificuldade em identificar sujeitos mais extensos, isto é, com mais palavras em sua composição, do que identificar sujeitos mais curtos. Em razão disso, a probabilidade de que o aluno tenha reconhecido apenas o núcleo como sujeito ou somente uma parte do termo como sujeito é grande.

Além disso, supõe-se que o traço semântico [+humano] do item lexical “pacientes” tenha favorecido a identificação do termo como sujeito, pois os constituintes nas sentenças com esse traço costumam ser mais facilmente associados a essa função sintática. Em uma sentença do tipo “Maria trabalha como professora há 30 anos” ou como “Mais médicos estão sendo solicitados para ajudar no enfrentamento ao covid no Brasil.” é provável que os alunos tenham mais facilidade em identificar os seus sujeitos – Maria e Mais médicos, respectivamente – pela característica de [+humano] que o núcleo desses sujeitos possuem. A hipótese é de que haja

uma correlação, pelos alunos, da categoria gramatical sujeito com a concepção de “pessoa”, e, por isso, quando há uma palavra de propriedade [+humano] na oração, os estudantes tendem a associá-la com o sujeito gramatical pela ideia de “ser” que ela exibe; palavra essa usada por alguns gramáticos para caracterizar o termo.

Tipo de sujeito: sujeito sintático (os pacientes que precisam de internamento, aqueles que tinham a indicação relativa) /sujeito discursivo (os pacientes que precisam de internamento, aqueles que tinham a indicação relativa)

Traços: [+Top] [+CV] [+Ant] [-Ag]

Respostas mais esperadas dos alunos

- **Os pacientes/Pacientes:** uma vez que o termo exibe três de quatro propriedades típicas do sujeito [+Ant] [+CV] [+Top] e pelo traço [+humano] de “pacientes”.
- **Os pacientes que precisam de internamento:** caso o aluno tenha reconhecido a oração subordinada adjetiva restritiva como parte do sujeito, uma vez que determina o núcleo.
- **Os pacientes que precisam de internamento, aqueles que tinham a indicação relativa:** caso o aluno tenha reconhecido o aposto como parte do sujeito, uma vez que o aposto se refere a “os pacientes que precisam de internamento”.
- **Aqueles que tinham a indicação relativa:** uma vez que ele é o termo imediatamente anterior ao elemento verbal.

Trecho 10

“A série ‘Aruanas’ me deu chance de contar uma história de pessoas que lutam pela suas utopias. *Foi escrita* por ativistas.” (Fonte: O Globo – adaptado)

O décimo trecho de fala é um exemplo típico de que o sujeito ultrapassa os limites e o domínio da sintaxe. O sujeito também é produto do discurso e pode ser identificado pelo contexto discursivo em uma determinada situação comunicativa. O fragmento acima retoma conceitos já antes citados em outras seções e que envolvem a compreensão do sujeito dentro do discurso. São eles tópico, informação velha e fluxo discursivo. Embora os alunos não tenham estudado esses conceitos e eles não sejam prescindíveis para se conseguir identificar o sujeito, esses fenômenos podem ser percebidos nas produções discursivas e justificar o lugar de sujeito que o constituinte “A série Aruanas” ocupa.

Na sentença em destaque “Foi escrita por ativistas” há duas possibilidades de identificação de sujeito: uma de viés gramatical, a qual seria sujeito não expresso (Ela), e a

outra de viés discursivo-pragmático, que corresponde à “A série Aruanas”. O aluno que tenha identificado o sujeito pelo ponto de vista gramatical provavelmente se guiou pela norma de classificação dos sujeitos, segundo a qual, sujeito oculto é “aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado pela desinência do verbo.” (CUNHA, 2013, p. 77). Neste caso, o esperado é que o aluno tenha restringido a sua análise à oração “Foi escrita” e não considerado o período que a antecede.

Na gramática de Cunha (2013), há uma segunda condição para a identificação do sujeito oculto: é possível identificá-lo pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo. Ex. *O funcionário* riu com esforço e despediu-se enojado. Entrou numa livraria (A. M. MACHADO). Entretanto, esse critério não aparece explicitado em todas as gramáticas e livros didáticos, e, quando aparece, é descrito de outra forma. Alguns autores referem-se a esse critério de maneira indireta, citando a palavra “contexto”. Conforme alguns gramáticos, o sujeito desinencial pode ser identificado pelo que eles definem como contexto:

- “O sujeito desinencial está implícito na desinência (terminação) do verbo e pode ser reconhecido pelo contexto.” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 251)
- “Chama-se sujeito determinado oculto ou sujeito determinado elíptico o núcleo do sujeito determinado que se encontra implícito na forma verbal ou no contexto.” (NETO; INFANTE, 2008, p. 351)

No entanto, a palavra contexto é usada nesse caso em seu sentido amplo. Não há um esclarecimento sobre que fatores o conceito engloba; no caso, fatores comunicativos e extralinguísticos.

Em algumas sentenças a identificação do sujeito está interligada ao que foi dito antes e deu continuidade ao discurso. Em 10, “Foi escrita por ativistas” é uma sentença que sucede outra sentença. O sujeito da perífrase verbal “foi escrita” estabelece uma relação de anáfora com o sujeito do período anterior, que é retomado implicitamente no segundo período, podendo ser identificado pela relação discursiva que os dois períodos possuem entre si e também pela relação de concordância verbal entre a locução verbal e o termo “A série Aruanas”. Há, pois, duas análises possíveis – uma do ponto de vista da oração e outra do ponto de vista do discurso.

Nesse sentido, a co- referenciação entre dois ou mais termos que indicam um mesmo referente pode ser feita pelo uso de pronomes, por elipse e também por itens lexicais de mesmo valor referencial. Ex:

- **Ana** já tem dois filhos. **Ela** pretende engravidar de novo ano que vem. (pronome)

- **Falta de diálogo** é muito comum entre os casais. **Isso** destrói muitos casamentos. (pronome)
- João tomou banho e depois [] foi dormir. (elipse)
- **Pedro de Oliveira** foi agredido a tiros na porta de sua casa por dois homens de moto. **A vítima** foi socorrida pelo Samu, mas não resistiu. (palavra de mesmo valor referencial)

Como pode ser depreendido dos exemplos acima, uma característica do sujeito quando analisado dentro da esfera discursiva – seja na modalidade oral ou escrita – é a sua expressão multifacetada, isto é, a faculdade de poder se manifestar de diferentes formas no interior do discurso sem mudar o seu valor referencial. É compreensível que, no trecho “Foi escrita por ativistas”, parte dos alunos tenham identificado o sujeito como não expreso (oculto), uma vez que a gramática tradicional não trabalha com o domínio do discurso. Os exemplos utilizados em gramáticas e livros didáticos de Português utilizam, em grande parte, frases soltas, retiradas originalmente de seu contexto comunicativo ou criadas pelos próprios autores.

Entretanto, a hipótese é de que a maior parte dos informantes tenha identificado como sujeito o sintagma “A série Aruanas”, por interpretá-lo, pelo traço [+Top], isto é, como o assunto do que está sendo falado. A pressuposição é, portanto, que, neste caso, a noção mais utilizada para se identificar o termo tenha sido a noção pragmática. Além disso, mesmo que o sujeito esteja em período diferente do da locução verbal, é provável que a posição inicial que ele ocupa no primeiro período tenha favorecido a sua identificação, pois, além de se alocar em uma posição que é característica de sujeitos prototípicos, o enfoque sobre ele pode ser maior do que nos outros termos que o sucedem.

Pressupõe-se, ademais, que uma parcela dos alunos tenha identificado como sujeito o termo “ativistas”. A interpretação desse termo como sujeito pode ter ocorrido caso o aluno tenha se orientado pelo traço [+ Ag] e entendido ativistas como o sujeito da ação de escrever. No entanto, a construção corresponde a uma estrutura de voz passiva (A série Aruanas foi escrita por ativistas), em que ativistas é o agente da passiva, e, por isso, o traço correspondente ao sujeito é o de [-Ag]. A compreensão de que ‘ativistas’ seja o sujeito da sentença também se justifica, provavelmente, pelo traço [+humano] da palavra. Presume-se que palavras que carregam esse traço semântico são mais facilmente identificadas como sujeito e associados ao papel temático de agente em razão da propriedade [+desencadeador] que possuem.

O sujeito da perífrase verbal destacada em 10 além de sintático é discursivo, pois pode ser identificado pelo discurso e não somente pela concordância do verbo. Ainda que o sujeito “A série Aruanas” não esteja na mesma sentença em que se encontra o seu elemento verbal, o

sujeito pode ser identificado e retomado em outros enunciados do mesmo discurso. É provável que o falante tenha optado pela omissão do sujeito no segundo período uma vez que ele já foi citado anteriormente. O interlocutor já teve acesso, portanto, ao assunto principal da interlocução, no caso, a série Aruanas, o que fez com que o falante planejasse a continuação do seu discurso com essa forma de estruturação. Além do mais, o sujeito de “foi escrita” coincide com o tópico discursivo, evidenciado pela sua posição à esquerda da sentença em ordem inicial no primeiro período. Ao mesmo tempo, coincide com a informação velha compartilhada com seu ouvinte. O sujeito “A série Aruanas” é uma forte evidência de que o sujeito não se situa somente no domínio da sentença, e, por isso, também pode ser analisado na perspectiva do discurso.

Tipo de sujeito: Sujeito sintático (sujeito oculto Ela/ A série Aruanas) / Sujeito discursivo (A série Aruanas)

Traços: [+Top] [+CV] [+Ant] ([+Ant] no caso de “A série Aruanas”) [-Ag]

Respostas mais esperadas dos alunos:

- **A série Aruanas/ Série Aruanas:** uma vez que manifesta três dos quatro traços prototípicos do sujeito [+Top] [+CV] [+Ant] e aparece em posição inicial de frase.
- **Sujeito não expresso:** caso o aluno tenha centralizado a sua análise na oração “Foi escrita por ativistas” e interpretado o sujeito como oculto/desinencial.
- **Ativistas:** caso o aluno tenha se orientado pelo traço [+Ag] e, dessa forma, identificado o termo ativistas como o sujeito por ser o agente da ação de escrever.

Trecho 11

“Esfriou bastante em todo Sudeste, no Centro-Oeste, no Sul até num pedaço da Região Norte.” (Fonte: G1 – adaptado)

O trecho em 11 foi inserido no questionário com o propósito de testar o conhecimento da regra de verbos impessoais pelo aluno e verificar a hipótese de que em estruturas com sujeito inexistente o aluno tende a identificar algum termo como sujeito por se valer da definição pragmática de sujeito. Consoante a regra que prescreve os casos de oração sem sujeito, interessa, neste caso, “o processo verbal em si, isto é, o predicado, pois este não se refere a nenhum sujeito, já que não o atribuímos a nenhum ser. Diz-se, então, que o verbo é impessoal; e o sujeito, inexistente.” (CUNHA, 2013, p. 78). Os principais casos de oração sem sujeito são:

- a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza:

De noite choveu muito. (J. MONTELLO)

- b) com o verbo *haver* na acepção de “existir”:

Há flores, vidros, luz e sombra na casa das seis mulheres. (R. BRAGA)

- c) com o verbo *haver*, quando indica tempo decorrido:

Já estou aqui há dois dias. (J. G. ROSA)

- d) com os verbos *ser*, *fazer* e *ir*, na indicação de tempo decorrido:

Era inverno na certa no alto sertão. (J. L. DO REGO)

Aí vai esse poema escrito faz um ano. (M. DE ANDRADE)

Vai para uns quinze anos escrevi uma crônica do Curvelo. (M. BANDEIRA)

A hipótese é de que, em orações sem sujeito, caso o aluno não saiba ou não se lembre da regra dos verbos impessoais, ele tenha identificado um elemento na frase de natureza substantiva como sujeito. Na sentença investigada em 11, presume-se que uma parte significativa dos informantes tenha reconhecido um dos constituintes do sintagma preposicionado ou então todo ele como sujeito (todo Sudeste, no Centro-Oeste, no Sul até num pedaço da Região Norte), uma vez que, embora esse sintagma preposicionado tenha função de adjunto adverbial, as palavras-núcleo que o constituem são substantivos, classe de palavras que podem exercer função sintática de núcleo do sujeito.

É provável que o aluno que identificou o sintagma preposicionado como sujeito tenha feito a seguinte leitura: em todo Sudeste, no Centro-Oeste, no Sul até num pedaço da Região Norte esfriou bastante. Presupõe-se, neste caso, que a noção mais lembrada para se identificar o termo sujeito, ainda que, pela regra, não exista sujeito em orações com verbos impessoais, tenha sido a noção pragmática (traço [+Top]), pelos seguintes motivos:

- o verbo “esfriar” não representa uma ação. Ainda que o aluno não tenha uma noção precisa em relação a essa categoria de verbos (verbos de ação), supõe-se que o fato de a oração em questão não possuir uma entidade linguística que no mundo seja capaz de praticar uma ação tenha contribuído para que o aluno não recorresse ao traço [+Ag] para tentar identificar um sujeito.
- a preposição “em” que introduz o sintagma preposicionado o qual, possivelmente, parte dos informantes identificaram como sujeito (todo Sudeste, no Centro-Oeste, no Sul até num pedaço da Região Norte) e a ausência de um constituinte antes do verbo pode ser um fator que tenha favorecido a não utilização da noção morfosintática do sujeito.

O termo “em todo Sudeste, no Centro-Oeste, no Sul até num pedaço da Região Norte” é um adjunto adverbial indicativo de lugar, e, por isso, não é um termo que obedece concordância. Embora o aluno possa não ter compreendido esse termo como tendo essa função

sintática, a presença da preposição afasta a possibilidade de concordância. Mesmo com a presença de mais de um núcleo-substantivo no sintagma preposicionado, a leitura “Esfriaram bastante em todo Sudeste, no Centro-Oeste, no Sul até num pedaço da Região Norte” soaria estranho até para aquele aluno que não tenha o conhecimento de função sintática e de regra de concordância, justamente pela presença da preposição “em”.

Neste caso, o traço [+Ant] provavelmente não foi utilizado para se identificar o sujeito na oração, pois ela se inicia com o verbo e, portanto, não há nenhum constituinte antes dele que poderia ser reconhecido pelo aluno como sujeito. Devido às possibilidades acima citadas, a noção pragmática pode ter sido a mais lembrada por aqueles alunos que não sabem ou não se lembrem dos critérios de oração sem sujeito. Aqueles que adotaram essa noção para a identificação provavelmente apontaram o sintagma “em todo Sudeste, no Centro-Oeste, no Sul até num pedaço da Região Norte”, ou uma parte dele, como sujeito, se guiando pelo traço [+Top], ou seja, pela lógica de que alguma coisa está sendo falada sobre essas regiões (no caso, que nessas regiões esfriou bastante). Dessa forma, o trecho “esfriou bastante” pode ter sido entendido pelo aluno como o predicado da oração.

Definir o sujeito como o termo/ser na oração sobre o qual se declara algo incorre em uma vagueza que possibilita o aluno identificar qualquer constituinte na sentença como sujeito que ele considere ser o alvo da declaração. Em sentenças com complemento verbal ou adjunto adverbial em posição inicial de frase, por exemplo, é plausível que esses termos sejam identificados como sujeito caso o aluno se oriente pela noção pragmática-discursiva. Se ele não conseguir delimitar o papel sintático de cada constituinte em relação ao verbo (sujeito, objeto e adjunto adverbial) é esperado que ocorra esse tipo de confusão.

Tipo do sujeito: sujeito inexistente

Traços: não se aplicam

Respostas mais esperadas dos alunos:

- **Todo Sudeste, no Centro-Oeste, no Sul até num pedaço da Região Norte.”:** caso o aluno tenha entendido que há uma informação sendo direcionada a esse termo.
- **Sujeito inexistente:** caso o aluno tenha reconhecido que a oração possui um verbo impessoal (verbo indicador de fenômeno da natureza), isto é, que ela não tem sujeito.

Trecho 12

"Em muitas situações *existe* um conflito." (Fonte: G1 – adaptado)

Em 12, tem-se um exemplo de sentença em que o sujeito aparece posposto ao verbo, apresentando, portanto, o traço [-Ant], enquanto que, na posição típica do sujeito, o termo que se posiciona é um adjunto adverbial. Em razão de o adjunto estar em posição pré-verbal, é provável que uma grande quantidade de alunos tenha o identificado como sujeito. Entretanto, presume-se que muitos tenham apontado apenas o trecho “muitas situações”, excluindo a preposição “em”, visto que o sujeito é de natureza substantiva, e não circunstancial. Espera-se também que alguns alunos tenham mencionado apenas o constituinte “situações” como sujeito, justamente por ser uma palavra que faz referência a algo que existe no mundo, ainda que de forma abstrata. Dessa forma, a suposição é de que existe uma tendência em identificar como sujeito palavras que apontem para algum referente; por isso o fato de ser comum os alunos identificarem apenas o núcleo nominal como sujeito. Visto isso, também se espera que alguns alunos, ao invés de identificarem o termo “um conflito” como sujeito, tenham identificado apenas “conflito”.

Ainda que o sintagma “ em muitas situações” esteja na posição que originalmente o sujeito ocupa, o aluno pode ter se orientado pelos traços [+CV], que, de todas as propriedades, é a mais eficiente para se identificar o sujeito nesse caso, visto que a concordância do verbo “existir” é compatível apenas com o termo “um conflito” – existe (3º p.s) > um conflito (3ºp.s). Além disso, o sujeito é marcado como [-Ag], dado que “existir” não se configura como um verbo de ação, e, portanto, não exige um agente. A noção pragmática também é eficaz neste caso. Entretanto, o aluno pode ter identificado de forma errada o elemento sobre o qual o verbo predica. Ao utilizar o “macete” de fazer a pergunta ao verbo ou ao predicado para achar o seu referente, pode acontecer de o aluno fazer a pergunta inadequada para identificá-lo. Para se identificar o sujeito nessa frase pela noção pragmática e utilizando o referido “macete”, a interrogativa adequada seria “O que” (“O que existe?” ou “O que existe em muitas situações?” Resposta: Um conflito.). No entanto, como o adjunto se encontra em posição inicial (posição de tópico) anterior ao verbo é possível que uma parcela dos alunos tenha interpretado o fragmento “existe um conflito” como o predicado e feito a pergunta ao verbo utilizando indevidamente a interrogativa “Onde” (“Onde existe um conflito?” Resposta: Em muitas situações.).

Para que o aluno não incorra nesse erro, é preciso que ele compreenda que o pronome interrogativo “Onde” sugere ideia de lugar, e, na oração em questão, ideia de contexto, o que é indicado pela introdução da preposição “em” antes da expressão “muitas situações”. Sintagmas com a função de sujeito podem referenciar contextos ou lugares (físicos ou abstratos), como em “O restaurante Matutos serve a melhor comida mineira,” mas essa referência não é sob o ponto

de vista circunstancial; ela não indica uma circunstância, uma informação complementar do processo verbal como em “No restaurante Matutos tem o melhor tropeiro de Minas.”, na qual o termo “No restaurante Matutos” informa o lugar onde há o melhor tropeiro de Minas, sinalizado pela adjunção da preposição “em” ao sintagma nominal “o Restaurante Matutos”. Portanto, “em muitas situações” corresponde a um adjunto adverbial. Além disso, o sujeito não modifica o sentido de outro termo. Diferentemente, os adjuntos adverbiais modificam e ampliam o sentido de alguma palavra (no caso, de verbos, adjetivos e outros advérbios) ou frase, atribuindo ideia de circunstância, função que não é típica do sujeito. Desse modo, o termo “em muitas situações”, ainda que esteja em posição de sujeito, não pode ser considerado como tal.

Observa-se que, nessa oração, o adjunto adverbial veio em posição inicial de tópico. Termos em posição inicial têm a tendência de serem mais focalizados por serem a primeira informação processada pelo ouvinte/leitor. Com o adjunto na posição de sujeito, o foco recai sobre a informação transmitida pelo adjunto adverbial (nesse caso, o foco de atenção recai na informação que fala da circunstância em que existe um conflito), o que faz com que o sentido da frase seja interpretado por outra perspectiva, diferente do sentido caso o sujeito estivesse em sua posição canônica.

Tipo de sujeito: Sujeito sintático (um conflito) / Sujeito discursivo (um conflito)

Traços: [+Top] [+ CV] [-Ag] [-Ant]

Respostas mais esperadas pelos alunos:

- **Um conflito/conflito:** caso o aluno tenha compreendido que o primeiro termo na oração se trata de um adjunto adverbial e não do sujeito.
- **Muitas situações/situações:** uma vez que se encontra em posição típica do sujeito (posição pré-verbal).

Trecho 13

“Meu foco principal *é* o retorno ao esporte, ainda tem muita coisa para acontecer.”
(Fonte: Folha pé – adaptado)

A sentença em 13 é um caso em que a flexão do elemento verbal “é” é compatível com os dois termos que preenchem o sentido do verbo: o sujeito e o predicativo. Dessa forma, identificar o sujeito pela concordância do elemento verbal não seria eficaz, visto que, por essa perspectiva, o sujeito poderia ser tanto “Meu foco principal” quanto “O retorno ao esporte”. Apesar disso, o sujeito manifesta o traço [+CV], uma vez que o verbo concorda com ele. Como o verbo é de ligação (verbo ser), e, portanto, não expressa ação, o sujeito exibe o traço [-Ag].

No trecho 13, para que o aluno identificasse o sujeito, era necessário que ele soubesse que, em casos nos quais a concordância verbal é compatível com os dois sintagmas que acompanham o verbo, o traço a ser considerado para a sua identificação é o [+Ant], o que significa que o sujeito é definido nesse contexto pela posição na oração.

A hipótese é de que a maioria dos alunos tenham identificado o primeiro termo (meu foco principal) como sujeito por ele se posicionar antes do verbo. Entretanto, a identificação do sintagma, nessa oração, também pode ter sido influenciada pela perspectiva pela qual o aluno entendeu o discurso presente nessa oração. Caso tenha interpretado que o assunto do qual se fala é sobre o foco principal do interlocutor, ele pode ter identificado “meu foco principal” como sujeito; mas caso tenha entendido que o assunto é sobre o retorno ao esporte pelo falante, o aluno pode ter identificado “o retorno ao esporte” como sujeito. Em predicados nominais cujo verbo é conjugável com os dois argumentos que o preenchem, essa dúvida em relação ao referente do verbo pode ocorrer caso o aluno não utilize o critério da posição para se identificar o sujeito.

Tipo de sujeito: Sujeito sintático (Meu foco principal) / Sujeito discursivo (Meu foco principal).

Traços: [+Top] [+CV] [+Ant] [-Ag]

Respostas mais esperadas dos alunos:

- **Meu foco principal:** uma vez que se posiciona antes do verbo (posição típica do sujeito [+Ant]).
- **O retorno ao esporte:** caso o aluno tenha interpretado que a oração está na ordem indireta e tenha entendido o retorno ao esporte como o referente da informação verbal. Nesse caso, é possível que o aluno tenha compreendido “meu foco principal” como predicativo.

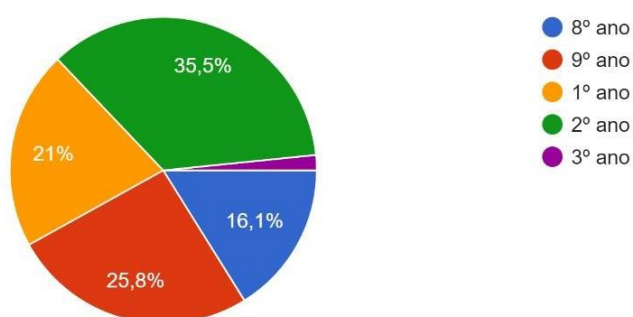
CAPÍTULO 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abaixo apresentam-se os resultados obtidos com a pesquisa que contou com a participação de 62 alunos e 5 professores, como se observa nos gráficos seguintes.

Gráfico 1 – Total de alunos informantes na pesquisa e porcentagem por ano escolar

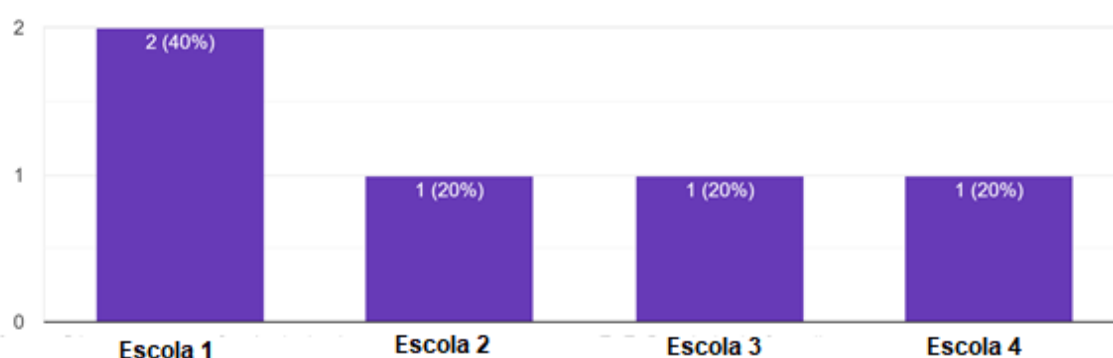
Ano

62 respostas



Fonte: Formulários Google baseado nos dados da pesquisa (2021).

Gráfico 2– Total de professores informantes na pesquisa e quantidade por escola



Fonte: Formulários Google baseado nos dados da pesquisa (2021)

O Quadro 4 a seguir explicita o sujeito de cada oração destacada no questionário, conforme a perspectiva da gramática tradicional, a noção da categoria que a ele se aplica, a natureza linguística do sujeito (sintático/discursivo) e os traços que o definem.

Quadro 4– Características do sujeito de cada sentença

Trecho	Termo sujeito (pela perspectiva da gramática)	Noção(ões) de sujeito que se aplica(m)	Natureza do sujeito	Traços
1	- Indeterminado - Instituto Doutor José Frota	Pragmática Semântica	Sujeito sintático Sujeito discursivo	[+Top] [+Ag] [- CV] [- Ant]
2	Uma maior movimentação de pessoas	Pragmática Morfossintática	Sujeito sintático Sujeito discursivo	[+Top] [+CV] [- Ag] [- Ant]
3	Oculto (Nós)	Pragmática Morfossintática Semântica	Sujeito sintático Sujeito discursivo	[+Top] [+CV] [+Ag] [- Ant]
4	Minha mãe e eu	Pragmática Morfossintática Sintática	Sujeito sintático Sujeito discursivo	[+Top] [+CV] [+Ant] [- Ag]
5	Sem sujeito	_____	_____	_____
6	Essa restrição	Pragmática Morfossintática Sintática	Sujeito sintático Sujeito discursivo	[+Top] [+CV] [+Ant] [- Ag]
7	Mostrar os aspectos positivos da escola	Pragmática	Sujeito discursivo	[+Top] [-CV] [-Ag] [- Ant]
8	O Pedro Pernambucano	Pragmática Morfossintática Semântica Sintática	Sujeito sintático Sujeito discursivo	[+Top] [+CV] [+Ag] [+Ant]
9	Os pacientes que precisam de internamento, aqueles que tinham a indicação relativa	Pragmática Morfossintática Sintática	Sujeito sintático Sujeito discursivo	[+Top] [+CV] [+Ant] [- Ag]
10	- Oculto (Ela) - A série Aruanas	Pragmática Morfossintática Sintática (A série Aruanas)	Sujeito sintático Sujeito discursivo	[+Top] [+CV] [+Ant] [- Ag]
11	Sem sujeito	_____	_____	_____
12	Um conflito	Pragmática Morfossintática	Sujeito sintático Sujeito discursivo	[+Top] [+CV] [- Ag] [- Ant]
13	Meu foco	Pragmática Morfossintática	Sujeito sintático Sujeito discursivo	[+Top] [+CV]

	principal	Sintática		[+Ant] [-Ag]
--	-----------	-----------	--	------------------

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

***Noção(ões) de sujeito que se aplica(m).**

Noção morfossintática: se aplica quando o sujeito determina a concordância verbal.

Noção pragmática: se aplica quando o sujeito é o elemento do qual se fala alguma coisa.

Noção semântica: se aplica quando o sujeito é o agente da ação expressa pelo verbo.

Noção sintática: se aplica quando o sujeito se posiciona antes do verbo.

A Tabela 1 a seguir sintetiza o índice de acertos e erros em relação à identificação do sujeito em cada trecho – de acordo com a perspectiva da gramática tradicional – e o número de alunos que não apresentaram nenhuma resposta.

Tabela 1– Quantidade de alunos que identificaram o sujeito corretamente e incorretamente em cada oração e de alunos que não apresentaram resposta

	Número de alunos que identificaram o sujeito corretamente	Número de alunos que identificaram o sujeito incorretamente	Número de alunos que não apresentaram resposta
1	42 (25- sujeito não-expresso/ 17- IJF)	20	0
2	2	59	1
3	50	12	0
4	43	18	1
5	20 (sujeito inexistente)	41	1
6	20	40	2
7	7	49	6
8	12	48	2
9	12	47	3
10	30	29	3
11	Sem sujeito (27)	33	2
12	12	48	2
13	15	45	2

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

A Tabela 2 sistematiza o número de vezes, por trecho, em que cada noção do sujeito foi mencionada na identificação do sujeito e a quantidade total de vezes que cada uma foi utilizada.

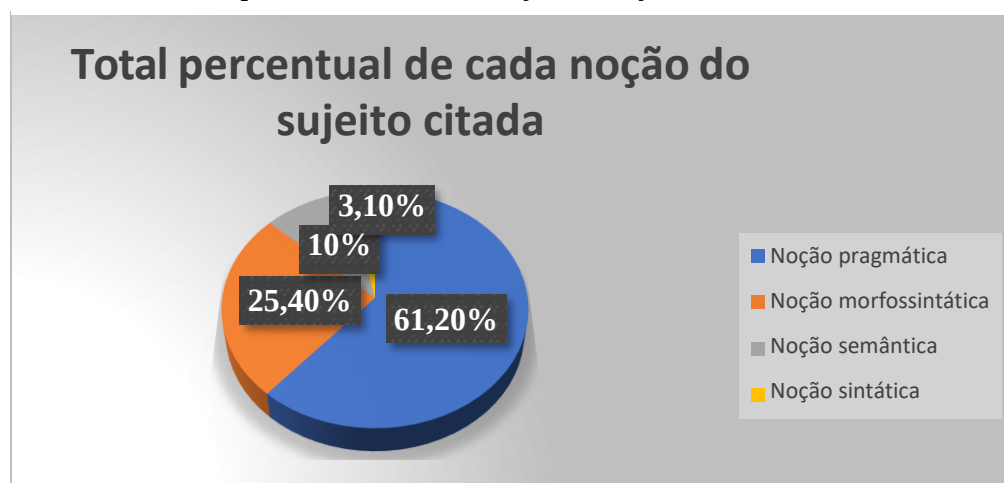
Tabela 2 – Quantidade de vezes em que cada noção de sujeito foi utilizada para a identificação do termo em cada sentença do questionário

	Noção pragmática (+Top)	Noção morfossintática (+CV)	Noção semântica (+Ag)	Noção sintática (+Ant)
1	12	14	5	0
2	7	5	1	0
3	2	32	1	0
4	20	10	6	2
5	15	2	2	1
6	24	4	1	5
7	8	5	4	0
8	28	5	8	0
9	30	7	3	0
10	35	4	2	0
11	9	0	1	0
12	21	5	1	2
13	20	3	3	2
TOTAL	231	96	38	12

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

O Gráfico 3 a seguir ilustra o total percentual que cada noção do sujeito foi mencionada no questionário para se identificar o termo nas sentenças.

Gráfico 3 – Total percentual de cada noção do sujeito citada



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Abaixo, seguem a discussão e o percentual dos resultados obtidos no que se refere às respostas de identificação do sujeito pelos alunos e as noções utilizadas para identificá-lo.

1) “Ainda não tô recuperado. E soube que lá (no IJF- Instituto Doutor José Frota) tá uma epidemia só, muita gente doente. E **estão dando** uma máscara pra pessoa passar um mês.”

No trecho 1, tem-se um caso de sujeito indeterminado, pela perspectiva gramatical, mas que, ao mesmo tempo, é determinado, pela perspectiva do discurso. Considerando que o sujeito da terceira oração pode ser inferido na segunda oração, em razão do contexto comunicativo, eram esperadas duas possíveis identificações de sujeito: sujeito indeterminado (ou oculto, por alguns), pela omissão do termo antes da locução em terceira pessoa do plural “estão dando”, ou Instituto Doutor José Frota, pela sua menção no período anterior. Além disso, o termo “uma máscara” também era esperado entre as identificações.

Como resposta de identificação do sujeito, em 1, a que mais aparece, com **56,4%** das respostas, foi “sujeito não expresso”, variando, entre as respostas, sujeito oculto e sujeito indeterminado. O segundo termo mais citado foi o “Instituto Doutor José Frota”, por **27,4%** dos alunos, seguido de “uma máscara”, que foi apontado somente por **4,8%** dos informantes. Em razão do sujeito ter sido co-referido previamente no discurso, e, por isso, também pode ser considerado determinado, a noção pragmática foi a segunda mais recorrida pelos alunos depois da noção morfossintática, com uma margem de variação muito pequena entre a utilização das duas noções. De 61 informantes que responderam o trecho 1, **22,9%** fizeram referência à noção morfossintática, verificada pela correlação feita entre o verbo e o pronome (eles); **19,6%** mencionaram a noção pragmática, e **8,1%**, a noção semântica. Já a noção sintática não foi mencionada. **49,1%** das justificativas não se configuram como uma noção de sujeito.

Os resultados em 1 mostram que os alunos também conseguem fazer análise do sujeito dentro do discurso, em conjuntos de cláusulas que se constituem como uma porção discursiva. Ainda há, nas escolas, um viés muito forte voltado para análises no nível da sentença. Entretanto, os resultados revelam que uma parte significativa dos alunos consegue reconhecer sujeitos no domínio discursivo, estendendo sua análise para além da sintaxe da frase.

2) “Coincidentemente, se **observou** uma maior movimentação de pessoas e caiu a taxa de isolamento para 50%, 49%, 47%. (Fonte: G1 – adaptado)

No trecho 2, o caso de sujeito apresentado é de sujeito paciente e posposto, e trata-se de uma estrutura em voz passiva sintética. A suposição era de que parte dos alunos apresentassem dificuldade na identificação do sujeito dessa sentença em função da complexidade da sua estrutura, que pode ser facilmente compreendida com o uma construção com sujeito

indeterminado. De fato, essa suposição confirma-se, pois a minoria dos alunos identificou o sujeito corretamente.

Nessa sentença, a expectativa era de que, entre as respostas, os termos que mais apareceriam identificados como sujeito seriam: uma maior movimentação de respostas; sujeito não expreso e sujeito inexistente. A identificação como sujeito não expreso (oculto e indeterminado) é a que mais aparece entre as respostas, com **45,9%**, o que pode ser justificado pela não presença de um constituinte antes do verbo (oculto) e pelo clítico ‘se’ acompanhando o verbo (sujeito indeterminado). Em segundo lugar, aparece ‘sujeito inexistente, com **34,4%**, também provavelmente pela ausência de um termo imediatamente antes do verbo. E, em terceiro, “uma maior movimentação de pessoas”, com apenas **3,2%** das respostas, o que não significa que o aluno tenha conhecimento ou se lembre da regra de voz passiva sintética.

A identificação do sujeito como indeterminado se deveu provavelmente à semelhança da estrutura passiva sintética (VTD + se) com as construções de sujeito indeterminado (VI + se / VTI + se), o que pode ter levado o aluno a não se atentar para a transitividade do verbo. Já as identificações como sujeito oculto se deveram, supostamente, pela ausência de um termo anterior ao elemento verbal. Nesse caso, ao identificar o sujeito como oculto, os informantes não se atentaram para a inserção da partícula “se” antes do verbo, que, em alguns casos, pode ser índice de indeterminação de sujeito, e, em outros, partícula apassivadora.

De 61 alunos que responderam o trecho 2, apenas **11,6%** dos alunos citaram a partícula “se” em suas justificativas como um fator determinante para a identificação do sujeito. As noções pragmática e morfossintática foram citadas em quantidade aproximada: **11,6%** fizeram referência ao traço [+Top] e **8,3%**, ao traço [+CV]. A noção semântica foi citada por **1,6%** dos informantes, e a sintática não foi citada. **66,6%** das justificativas não se configuram como uma noção de sujeito. Os resultados em 2 demonstram uma maior dificuldade dos alunos em identificar o sujeito nas sentenças iniciadas com o verbo e com sujeito posposto. Além de sujeitos longos formados por mais de dois constituintes.

3) “***Estamos reestruturando*** nossos departamentos e atividades esportivas para o segundo semestre. O momento é de prevenção no combate ao coronavírus.” (Fonte: Esporte Goiano – adaptado)

O trecho 3 apresenta uma sentença com sujeito oculto, e, de todas as sentenças destacadas no questionário, foi a que menos apresentou variações na identificação do sujeito e nas justificativas da sua escolha. O índice de acertos nessa oração foi superior a de todos os outros

trechos do questionário, o que demonstra que a regra de sujeito oculto/desinencial é bem assimilada pelos alunos.

As respostas mais esperadas de identificação do sujeito eram: sujeito oculto “nós” (não expreso) e “nossos departamentos e atividades esportivas”. Dessas duas respostas, a mais mencionada, disparadamente, foi sujeito não expreso (nós), com **80,6%** das respostas. O sintagma “nossos departamentos e atividades esportivas” foi apontado como sujeito apenas por **3,2%** dos informantes. O alto grau de acertos no 3º trecho talvez se deva à maior proximidade do sujeito com as definições prototípicas da categoria. Embora ele não esteja materialmente expreso na frase, ele detém 3 dos 4 traços prototípicos do termo: [+CV] [+Top][+Ag]. Como o sujeito não aparece grafado, considerou-se o termo como [-Ant].

De 60 informantes que responderam o trecho 3, a maioria, num total de **53,3%**, mencionou o traço [+CV] remetendo à regra do sujeito oculto, identificado pela desinência do verbo; **3,3%** citaram a noção pragmática e **1,6%** citou a noção semântica. A noção sintática não foi apontada nenhuma vez. **1,6%** mencionou as noções morfossintática e semântica, concomitantemente. **41,6 %** dos informantes apresentaram respostas que não remetem a nenhuma noção de sujeito.

Os resultados em 3 evidenciam que a grande parte dos alunos apresenta facilidade em identificar sujeitos desinenciais, fazendo a correlação correta entre as informações gramaticais do verbo e as informações gramaticais do sujeito (correlação de número-pessoa). Além disso, os resultados revelam que, em sentenças prototípicas ou “quase” prototípicas (caso da sentença 3), a probabilidade de acertos na identificação do sujeito é maior.

4) “Minha mãe e eu **somos** muito parceiros. Ela me incentivou a fazer faculdade fora do país.” (Fonte: Solidário Notícias – adaptado)

No trecho 4, temos um exemplo de sujeito composto e quase prototípico, com ausência apenas do traço [+ Ag], dado que o verbo é de estado, e não significativo. Devido ao seu alto grau de aproximação do protótipo, a suposição era de que o índice de acertos seria grande, assim como foi em 3. Essa suposição se confirma, visto que **68,8%** dos alunos identificaram o sujeito corretamente, pelo ponto de vista da gramática tradicional, citando o sintagma “minha mãe e eu”. Esperava-se, de fato, que esse termo fosse o mais indicado pelos informantes. O pronome “nós” (que substituiria o sujeito composto minha mãe e eu) e o sintagma “minha mãe” também aparecem citados como sujeito, ainda que por poucos alunos. **4,9%** apontaram “nós” como sujeito e **3,2%**, “minha mãe”

Quanto à noção mais mencionada na justificativa, a pragmática é a que mais aparece. De 59 informantes que responderam o trecho 4, **33,8%** citaram-na. A morfossintática entra na segunda posição, citada por **16,9%** dos alunos e seguida pela noção semântica, referida por **10,1%** dos informantes. Apenas **3,3%** apontaram a noção sintática, enquanto **1,6%** citou a noção pragmática e semântica, concomitantemente, e **1,6%**, a noção pragmática e morfológica. **44%** dos informantes apresentaram respostas que não aludem a nenhuma definição de sujeito. Pela análise, a noção morfossintática foi a segunda mais citada pelo fato da associação do sujeito com o pronome ‘nós’. É provável que os alunos que apontaram o traço [+CV] foi porque fizeram a correlação entre a pessoa e o número do verbo ‘somos’ com o pronome de 1ª pessoa do plural.

Os resultados em 4 reforçam, como em 3, a teoria de que sujeitos prototípicos ou quase prototípicos (caso de 4) são mais facilmente identificados. Depreende-se, ademais, que, em sentenças com sujeito imediatamente anteposto ao verbo, os alunos conseguem identificá-lo com mais facilidade.

5) “Espero ganhar pelo menos mais um título brasileiro no ano que vem, porque provavelmente esse ano não **haverá** mais competições.” (Fonte: Folha pé – adaptado)

O 5º trecho traz uma oração sem sujeito. **12%** demonstraram ter a ciência da regra e identificaram o sujeito como inexistente. **32,7%** dos participantes identificaram o sujeito como inexistente; **24,5%** indicaram “competições” como sujeito e **11,4%**, “mais competições”. **6,5%** apontaram “esse ano”. Ainda que o sujeito seja inexistente, poucos alunos recordaram a regra segundo a qual o verbo “haver” no sentido de existir é impessoal. Uma parcela citou a inexistência do sujeito no espaço da justificativa, mas não explicou o porquê da sua ausência. Por esse motivo, esses alunos não foram inseridos nessa porcentagem.

Como era previsto, a noção pragmática foi a que mais se evidenciou na justificativa para a identificação do sujeito. De 58 informantes que responderam o trecho 5, **25,8%** fizeram alusão ao traço [+Top] em suas respostas, interpretando os termos “mais competições”, “competições” ou “esse ano” como os referentes do processo verbal.

Mesmo que o constituinte “esse ano” esteja na posição típica que o sujeito ocupa na oração, o termo “mais competições” foi mais apontado como sujeito do que o sintagma “esse ano”. Alguns desses alunos recorreram à estratégia de fazer a pergunta ao verbo ou a predicado, inclusive com o pronome “Quando”, que é um pronome indicativo de tempo, e, por isso, remete ao adjunto adverbial de tempo, e não ao sujeito. Ex: “O que não haverá esse ano? Mais competições” ou “Quando não haverá mais competições? Esse ano.”

Embora não fosse previsto, **3,4%** dos alunos fizeram menção à noção morfológica, identificando o traço [+CV] no termo “mais competições. O estranhamento se deu devido ao fato de o sintagma estar no plural e o verbo “haverá” no singular. Mesmo com essa incompatibilidade de flexão, a noção morfológica foi mencionada. **3,4%** dos alunos citaram a noção semântica, mas justificando a ausência do sujeito pelo fato do verbo “haver” não exigir que alguém faça ação e por não haver alguém na frase que pratique a ação. Somente **1,7%** mencionou a noção sintática, identificando “esse ano” como sujeito. O restante, **51,7%**, apresentaram justificativas que não remetem a nenhuma noção de sujeito.

Os resultados em 5 demonstram que orações sem sujeito tendem a ser interpretadas como orações com sujeito por alunos que não sabem ou não se recordam da regra de impessoalidade do verbo. A tendência é que um dos termos que acompanham o verbo impessoal (posicionado antes ou depois dele) seja identificado como sujeito.

6) “Estamos com problema grave de empresas na beira do desastre, seja por um motivo, ou, principalmente, porque essa restrição **tem sido** um abuso por parte de governadores estaduais”. (Fonte: FDR – adaptado)

O 6º trecho corresponde a um sujeito quase prototípico, não detendo apenas o traço [+Ag]. Em razão da sua alta aproximação com o modelo de protótipo do sujeito, o índice de acertos, conforme a perspectiva da gramática tradicional, foi alto. **33,3 %** dos informantes identificaram o termo “essa restrição” como sujeito. Uma parte significativa, **26,6%**, identificaram apenas o núcleo “restrição” como sujeito. **11,6%** dos alunos citaram o sujeito como inexistente e somente **1,6%** apontou o sintagma “um abuso”. Nenhum aluno citou “governadores estaduais” como sujeito.

Visto que a locução verbal “tem sido” faz concordância tanto com o sujeito “essa restrição” quanto com o predicativo “um abuso”, a previsão era de que poucos alunos citassem a noção morfossintática. De fato, essa noção foi pouco citada. De 58 informantes que responderam o trecho 6, apenas **6,8%** apontaram a concordância como o critério identificador do sujeito. Contudo, não se pode afirmar que a razão foi a citada acima. O traço [+Top] foi o mais aludido pelos informantes. **39,6%** fizeram referência à noção pragmática, enquanto o traço semântico foi citado por **1,7%**. Presume-se que ele foi pouco mencionado devido à propriedade de estaticidade que a locução “tem sido” apresenta em seu léxico, o que o torna um elemento verbal de ligação, e, portanto, não remete a nenhuma ação. A noção sintática foi referida por **8,6%** dos participantes, supostamente por causa da presença de um termo antes e depois do verbo, o que levou o aluno a utilizar o critério da posição para diferenciar os termos quanto à

função sintática. Nesse caso, supõe-se que o aluno reconheceu o sintagma “um abuso” como predicativo. **1,7%** mencionou as noções sintática e pragmática, concomitantemente (“É o termo que vem antes e se refere a ele”). O restante apresentou justificativas que não remetem a nenhuma noção de sujeito, num total de **43,1%**.

Os resultados em 6, assim como em 3 e 4, também evidenciam que os alunos possuem mais facilidade em identificar o sujeito em sentenças nas quais o termo vem antes do verbo, independente se ele é significativo ou de ligação. Quando há na sentença dois constituintes que saturam o verbo (um posicionado antes dele e o outro depois), o primeiro termo tem mais chances de ser identificado como sujeito.

7) “Nos momentos de choro, dengo, insegurança do seu filho, esteja perto, acolha e abrace sem desfazê-lo. Mas *é* primordial mostrar os aspectos positivos da escola.”
(Fonte: Mundo Marketing – adaptado)

Em relação ao trecho 7, um dos mais complexos do questionário, senão o mais, por trazer um sujeito oracional, além de posposto ao verbo, houve, como já era previsto, um alto índice de erros, de acordo com a avaliação da gramática tradicional. Apenas **12,5%** identificaram o sujeito corretamente (mostrar os aspectos positivos da escola). **3,5 %** apontaram “os aspectos positivos da escola” e **7,1%**, citaram “primordial mostrar os aspectos positivos da escola”. A maioria, **46,4%**, mencionou o sujeito como inexistente, supostamente pela ausência de um termo imediatamente antes do verbo.

Como o sujeito inicia-se com um verbo em sua estrutura, houve confusão por parte dos alunos em relação a que termo na frase seria o predicado, elemento da oração que possui em sua base um elemento verbal. Em relação às noções, elas foram poucas citadas pelos alunos justamente pela dificuldade em se identificar um sujeito na sentença. A maioria não conseguiu localizar o termo e, por isso, não fez referência a nenhum traço do sujeito em suas justificativas. De 55 informantes que responderam o trecho 7, **14,5%** mencionaram a noção morfossintática. **9%** apontaram a noção morfossintática. **7,2%**, a semântica e **1,8%**, a noção sintática. **1,8%** mencionou as noções morfossintática e semântica, simultaneamente. **70%** das respostas não remetem a nenhum traço ou noção do sujeito.

Os resultados em 7 mostram que frases com sujeitos oracionais são umas das mais complexas para se identificar o sujeito. De todas as frases do questionário, essa foi a que os alunos mais tiveram dificuldade em reconhecer o sujeito, resultando em um índice elevado de erros. Essa dificuldade se deveu ao baixo grau de prototipicidade do sujeito. Nessa sentença,

8) “O Pedro Pernambuco, que se tornou um grande amigo meu, *veio* me *dar* umas dicas.” (Fonte: GShow – adaptado)

além da sua própria estrutura com o verbo no infinitivo, o sujeito é extenso e posposto ao verbo, o que torna ainda mais complexa a análise da frase pelo aluno.

O trecho em 8 trata-se de um sujeito típico, isto é, detentor de todas as categorias prototípicas da categoria: [+Top], [+CV], [+Ag], [+Ant]. Por essa razão a expectativa era de que a maioria dos alunos identificassem o sujeito corretamente (conforme o ponto de vista da gramática tradicional), ainda que identificassem apenas o núcleo “Pedro Pernambucano”. O que se verificou foi o que de certo se esperava. **41,6%** identificaram “Pedro Pernambucano” como sujeito, **20%** identificaram “O Pedro Pernambucano” e **6,6%** citaram um “grande amigo meu”.

Nesta sentença, qualquer um dos critérios que os alunos utilizassem seria eficaz para se identificar o sujeito corretamente, dado que ele é ao mesmo tempo o tópico (assunto), o agente, o controlador da concordância verbal e o termo que antecede o verbo. A noção mais recorrida para se identificar o termo foi a pragmática. De 58 informantes que responderam o trecho 8, **48,2%** fizeram alusão ao traço [+Top]. A segunda noção mais citada foi a semântica, com **13,7%** das respostas, supostamente pelo verbo “veio” ser mais facilmente identificado como um verbo de ação pelo aluno, justamente pelo seu conteúdo semântico que sugere ‘movimento’, ‘deslocamento’. A noção morfossintática foi a terceira mais mencionada, por **8,6%** dos alunos, enquanto a noção sintática não foi citada nenhuma vez. **1,7%** apontou as noções semântica e morfossintática, concomitantemente, e **1,7%**, as noções pragmática e morfossintática. **32,7%** dos alunos apresentaram respostas que não correspondem a nenhuma noção de sujeito.

Os resultados em 8 revelam que sujeitos prototípicos são mais facilmente identificados, ainda que apareçam distantes do verbo. Além disso, termos com traço [+humano] em posição inicial de frase tendem a ser associados ao sujeito; talvez pela propriedade agentiva desse traço, o que faz com que os alunos associem o traço [+humano] à ideia de sujeito. Verificou-se também que, em frases cuja estrutura corresponde a sujeito [+humano] + verbo de ação, a noção semântica é utilizada com uma frequência maior do que em outras sentenças, provavelmente pela propriedade de agente do ser humano, o que o torna capaz de executar ações.

9) ... "os pacientes que precisam de internamento, aqueles que tinham a indicação relativa, muitas vezes, **são mandados** para casa e voltam já um pouco mais graves." (Fonte: G1 – adaptado)

A sentença em 9, apesar de manifestar um sujeito quase prototípico, dado que não possui apenas o traço [+Ag], demonstra certo grau de complexidade em razão da sua estrutura que inclui um termo adjunto em relação ao núcleo do sujeito (os pacientes *que precisam de internamento*) e um aposto que faz parte do sujeito (os pacientes que precisam de internamento,

aqueles que tinham a indicação relativa). Além do mais, a longa extensão do sujeito, por causa do adjunto e do aposto, provoca um distanciamento do termo em relação ao verbo, o que pode ter dificultado a sua identificação pelo aluno, uma vez que o elemento verbal, por introduzir o predicado, é o ponto de referência para se identificar o sujeito. O tamanho do sintagma também é responsável pela dificuldade dos alunos em reconhecê-lo na sua totalidade.

Com efeito, essa dificuldade foi verificada pelas respostas do questionário, como demonstra o resultado a seguir. **20,3%** identificaram como o sujeito “os pacientes que precisam de internamento”, enquanto, como já se presumia, a maioria identificou “os pacientes” como sujeito, totalizando **52,5%** das respostas. Apenas **3,3%** dos alunos identificaram “os pacientes que precisam de internamento, aqueles que tinham a indicação relativa”.

Quanto às noções averiguadas, de 58 informantes que responderam o trecho 9, a mais citada foi a noção pragmática, por **51,7%** dos participantes. Em segunda posição, aparece a noção morfossintática, com **12%** das respostas, enquanto a noção semântica foi mencionada por **5,1%** dos alunos. Ressalta-se que, entre os alunos que apontaram a noção semântica, foi citado por um deles o traço [+Paciente] ao invés do traço [+Ag]. A noção sintática foi citada por nenhum aluno, supostamente pela grande distância entre o sujeito e o verbo. **1,7%** citou as noções morfossintáticas e semânticas, concomitantemente, e **29,3%** dos informantes manifestaram respostas que não remetem a nenhuma noção de sujeito.

Os resultados em 9 revelam que, em sentenças com sujeito longo, os alunos tendem a identificar apenas uma parte dele, especificamente o núcleo. As palavras ou orações que o determinam não são entendidos, pela maioria, como parte do sujeito. Percebe-se também que a distância longa entre o sujeito e o verbo é um fator que provoca dificuldade na identificação do sujeito; mas essa dificuldade é amenizada caso o termo venha em posição inicial de frase. Mesmo com essa distância, uma parcela dos alunos conseguiu fazer a correlação entre a informação verbal e o seu referente.

10) “A série ‘Aruanas’ me deu chance de contar uma história de pessoas que lutam pela suas utopias. **Foi escrita** por ativistas.” (Fonte: O Globo – adaptado)

No trecho 10, embora o sujeito encontra-se posicionado em um período diferente do seu elemento verbal, e, por isso, mais afastado do verbo, não houve dificuldade por parte dos alunos ao identificá-lo. O sujeito é retomado no discurso pela desinência do verbo (Foi escrita), de forma implícita e determinada na oração, além de ser quase prototípico, já que não exhibe somente a propriedade [+Ag].

Embora houvesse, em uma perspectiva da sentença, a possibilidade de identificar o sujeito como oculto, devido a sua omissão na segunda frase, a expectativa era de que a maioria dos alunos identificassem o termo “A série Aruanas” como sujeito, pois o pronome oculto “Ela” da perífrase “Foi escrita” faz referência a esse termo que foi citado previamente no período anterior e em posição de tópico, isto é, à esquerda e no início do período. Em razão da sua menção anterior e da posição inicial em que foi alocado, supunha-se que os alunos não apresentariam tanta dificuldade em identificá-lo.

54,2% dos estudantes apontaram “A série Aruanas” como sujeito; **18,6%** mencionaram “ativistas”, como já era esperado, pela possibilidade de alguns alunos associarem a ação de escrever a série aos ativistas e, desse modo, interpretarem “ativistas” como um sujeito agente; e apenas **10,1%** o identificaram como não expresso. A noção mais aludida pelos alunos foi a pragmática. De 59 informantes que responderam o trecho 10, **60,3%** mencionaram-na. A segunda mais citada, ainda que em pouca quantidade, foi a morfológica, com **6,8%** das respostas. A terceira foi a semântica, com **3,4%** das respostas, mas em razão da associação entre o termo “ativistas” e a ideia de agente da ação de escrever. Nenhum aluno citou a noção sintática, enquanto **1,7%** dos alunos apontou as noções morfossintática e pragmática, simultaneamente. O restante das justificativas, **27,5%**, não se configuram como noções de sujeito.

Os resultados em 10 revelam que, em sentenças com sujeito quase prototípico (aqueles com ausência de apenas um dos traços), mesmo com o termo distanciado do seu elemento verbal, os alunos conseguem identificá-lo com mais facilidade. Além do mais, observou-se uma tendência, ainda que em menor frequência, em identificar o agente da passiva como sujeito por ele representar na frase o agente da ação expressa pelo verbo.

11) “**Esfriou** bastante em todo Sudeste, no Centro-Oeste, no Sul até num pedaço da Região Norte.” (Fonte: G1 – adaptado)

O trecho 11 traz outra oração sem sujeito, porém com verbo meteorológico. A suposição era de que grande parte dos alunos não se recordariam da regra segundo a qual verbos que exprimem fenômeno da natureza não possuem sujeito. Entretanto, os resultados mostram o oposto: a maioria dos alunos fizeram menção à norma e conseguiram verificar a inexistência do sujeito. Como antevisto, alguns alunos que não se lembraram da regra fizeram alusão ao traço [+Top], identificando o adjunto adverbial ou algum constituinte dele como sujeito.

45% dos informantes identificaram o sujeito como inexistente. **28,3%** afirmaram que o sujeito é não expresso e **15%** reconheceram o termo “todo Sudeste, no Centro-Oeste, no Sul até

num pedaço da Região Norte” como sujeito. A identificação do sujeito como não expresso, por uma quantidade considerável de alunos, causou surpresa por não ser tão prevista quanto à identificação do adjunto adverbial como sujeito. No entanto, isso pode se explicar pela leitura equivocada de que em 11 há um sujeito, mas ele não se encontra explícito na frase.

Em relação às noções utilizadas, mesmo que não aplicáveis nesse caso, uma vez que não há sujeito, a que mais aparece é a pragmática. De 57 informantes que responderam o trecho 11, **15,1%** fizeram referência ao traço [+Top], enquanto apenas **1,7%** mencionou o traço semântico. Nenhum aluno apontou as noções sintática e morfossintática. A regra foi citada mais do que as noções de sujeito. **33%** dos alunos lembram da norma de verbo impessoal em relação a verbos que indicam fenômenos da natureza. **49,1%** das respostas não têm ligação com nenhuma noção da categoria.

Os resultados em 11 mostram o que já se previa: em orações sem sujeito, um dos termos que acompanham o verbo e possuem em sua formação um substantivo como núcleo tende a ser identificado como sujeito por alunos que não se lembram ou não têm conhecimento da regra.

12) "Em muitas situações *existe* um conflito." (Fonte: G1 – adaptado)

O trecho 12 corresponde a um exemplo de sujeito posposto ao verbo. Nesse caso, o elemento que antecipa o constituinte verbal é um adjunto adverbial introduzido pela preposição “em”. Mesmo com a presença dessa preposição, esperava-se que uma parcela grande dos alunos identificasse “em muitas situações” como sujeito justamente pelo sintagma ocupar, na frase, a posição pré-verbal típica do termo.

Como esperado, de 56 informantes que responderam o trecho 12, **20%** identificaram “em muitas situações” como sujeito e **10%** identificaram apenas o núcleo “situações”, sem incluir o determinante “muitas”. A maioria, totalizando **33,3%**, mencionou o termo “um conflito” ou “conflito” (12 indicaram “um conflito” e 8, “conflito”) como sujeito. Inesperadamente, **15%** identificaram o sujeito como inexistente e **11,6%**, como sujeito não expresso. Essas respostas não eram esperadas, pois na sentença há um termo que precede o verbo e que, por estar em posição típica do sujeito, pode ser interpretado como tal. Entretanto, parte desses alunos interpretou o verbo “existir” como impessoal, por associá-lo ao verbo “haver” que não possui sujeito.

A noção pragmática foi a mais apontada pelos alunos. De 56 informantes que responderam o trecho 12, **37,5%** mencionaram o traço [+ Top]. Na segunda posição, aparece a noção morfossintática, com apenas **8,9%**, enquanto a noção sintática foi citada apenas por **3,5%**

e a semântica por **1,7%**. **1,7%** dos alunos mencionou a noção semântica concomitantemente com a noção sintática. **46,4%** das respostas não se constituem como noções de sujeito. A baixa porcentagem de alunos que fizeram menção ao traço [+ Ag] pode se explicar pela fácil percepção de que o verbo “existir” não remete a uma ação, o que também se evidencia pela ausência, na frase, de um ser agente, dotado da propriedade de agir sobre algo. Quanto ao baixo índice de alunos que fizeram referência ao traço [+CV], isso pode ser explicado pela tendência de não se fazer a concordância quando o sujeito vem depois do verbo.

Os resultados em 12 evidenciam que, em sentenças nas quais um termo precede o verbo e outro o sucede, mesmo que o termo precedente tenha função de advérbio, existe uma tendência de se identificar o termo anterior ao elemento verbal como sujeito. Em 11, mesmo com essa tendência, a frequência de alunos que identificaram corretamente o segundo termo como sujeito foi maior, provavelmente pelo reconhecimento do primeiro termo como adjunto adverbial.

13) “Meu foco principal **é** o retorno ao esporte, ainda tem muita coisa para acontecer.”
(Fonte: Folha pé – adaptado)

A sentença 13 corresponde a um exemplo no qual a concordância do verbo é compatível com os dois termos que o saturam. Nesse caso, o sujeito e o predicativo. Por essa razão, a expectativa era de que a noção morfológica fosse a menos citada.

De fato, o traço [+CV] foi pouco mencionado, assim como o traço [+Ant] e o traço [+Ag]. De 57 informantes que responderam o trecho 13, a noção morfológica foi apontada por **5,2%**, enquanto que a sintática, por **3,5%**. A noção semântica, que não era esperada em razão do verbo “ser” remeter à ideia de estado, foi citada também por **5,2%** dos informantes, o que demonstra a não compreensão do que seja verbos de ação e verbos de ligação. A noção pragmática foi a mais referida pelos alunos, totalizando **35%** das respostas. **1,7%** apontou as noções sintática e semântica, concomitantemente. **49,1%** das respostas não se configuram como noções de sujeito.

O termo mais indicado como sujeito foi “Meu foco principal”, por **35%** dos alunos. Dentro dessa porcentagem incluem-se 6 alunos que citaram “foco principal”, sem o pronome determinante “meu”. O termo “O retorno ao esporte” foi mencionado por um total de **10%**. Nessa porcentagem, incluem-se 3 alunos que citaram “retorno ao esporte” sem o determinante “o”. **13,3%** identificaram o sujeito como inexistente.

A identificação de “Meu foco principal” como sujeito pela maioria dos alunos já era esperada em razão do sintagma vir em posição inicial e antes do verbo, o que propicia e determina, nesta oração, a sua identificação como sujeito. Essa identificação configura-se como

correta de acordo com a gramática tradicional, pois, em orações nas quais a concordância verbal seja compatível com os dois sintagmas que preenchem o verbo, o critério da posição é o que determina o sujeito. Pelas justificativas não foi possível verificar um fator geral que levou alguns alunos a não identificarem um sujeito na sentença, interpretando-o como inexistente.

4.1 SÍNTESE DOS RESULTADOS

Atestou-se com a pesquisa que nem sempre uma noção de sujeito será suficiente para identificá-lo. A noção pragmática, por exemplo, não é suficiente para se identificar o sujeito em construções de tópico, nas quais a declaração que se faz é sobre o constituinte topicalizado e não sobre o sujeito (Ex: A Maria, eu não a vejo faz um ano.). Também não é suficiente em orações nas quais o verbo é conjugável com os dois termos que o acompanham, pois a declaração pode ser tanto em relação ao primeiro quanto ao segundo termo. (Ex: O sonho de Pedro é comprar uma casa na praia.). Quanto à noção morfossintática, ela também não é eficiente em casos nos quais a flexão do verbo é compatível com os dois sintagmas que o preenchem, pois não é possível saber com qual deles a concordância é feita. Em orações, por exemplo, nas quais o elemento verbal concorda com o termo que não é sujeito (Ex: Aquilo parecem imperfeições.) ou concorda só com um núcleo do sujeito (Ex: Partiu Marcela e seu namorado para BH.), o traço [+CV] também não é suficiente para se identificar o termo, sendo necessário outro traço para a sua identificação. A noção semântica também não funciona em todos os casos, sendo o seu uso restrito a sentenças em que o verbo é de ação. Desse modo, a definição segundo a qual o sujeito é o agente da ação verbal não deve ser ensinada como um conceito da categoria, mas como uma das possíveis propriedades que o constituinte pode assumir, em razão das diferentes funções semânticas que ele apresenta. Ademais, é necessário que se ensine a noção de ação, isto é, as características que definem um verbo de ação, para que os alunos consigam reconhecer a sua presença na oração.

A análise dos resultados obtidos também confirma duas das hipóteses previstas na dissertação.

A hipótese de que o traço tópico [+Top], de natureza pragmática, fosse o mais adotado pelo aluno, fazendo com que, inclusive, em orações com verbos impessoais, ele identificasse algum constituinte nominal na oração como sujeito se confirma até então. De fato, o traço [+Top] é o mais adotado pelos alunos, inclusive em orações sem sujeito. A ideia de que o sujeito é o elemento da oração sobre o qual se informa alguma coisa foi muito recorrida pelos alunos para se identificar a referência do verbo. Tanto que grande parte dos informantes utilizaram o

macete de fazer a pergunta “o que ou quem” ao verbo para identificarem o seu referente e, portanto, o seu sujeito. Neste caso, o aluno considerou a relação referencial entre o predicado e o sujeito ou entre o verbo e o sujeito. Contudo, houve alunos que identificaram o referente errado do verbo por entender que a informação se direcionava a um termo que não o sujeito na oração.

Outra hipótese confirmada é a de que parecia haver uma maior inclinação para o traço [+Ant] ao se identificar o sujeito. Em frases com ocorrência de inversão sintática dos constituintes, os alunos aparentaram ter mais dificuldade na identificação do termo, tendendo a identificá-lo erroneamente na oração. Essa hipótese de fato se confirma. Em frases nas quais o sujeito se encontra posicionado após o verbo e sem a presença de um complemento verbal ou outro termo antecedendo o verbo, a tendência é de que o aluno não identifique um sujeito na sentença, considerando-o como inexistente, ou o identifique como sujeito não expresso (oculto ou indeterminado). É provável que essa dificuldade de identificar o sujeito em estruturas desse tipo se deva à posição pós-verbal do sujeito acompanhada da ausência de um termo antes do verbo. Como não há antes do verbo um constituinte fazendo o papel de objeto, predicativo ou adjunto adverbial, o sujeito, por estar na posição típica dessas funções sintáticas, acaba assumindo características e status desses termos. Com isso, o aluno interpreta que, na sentença, não há um sujeito.

Em relação à hipótese de que em processos de análise sintática o traço [+CV], em comparação aos outros, é o menos adotado na identificação do sujeito, especialmente quando se trata de uma estrutura com sujeito oculto/desinencial, essa não se confirma pela análise dos dados. A previsão era de que grande parte dos alunos não fazem a correlação entre a desinência do verbo e o sujeito. Entretanto, os dados revelam que a noção morfossintática do sujeito é a segunda mais utilizada pelos alunos para se identificar o termo. Além do mais, em orações cujo sujeito é oculto, o traço [+CV] tende a ser o mais lembrado para se identificar o constituinte.

Outro ponto observado é que a maioria dos alunos não identificam o sujeito como um sintagma constituído de outros constituintes. Grande parte dos alunos identificam como sujeito apenas o seu núcleo, e não o núcleo com seus determinantes; e, quando identificam outro termo da frase como sujeito, em geral ele tem como núcleo um substantivo. A tendência é de que o aluno identifique um termo cujo núcleo seja um substantivo uma vez que os substantivos designam entidades no mundo, seja de existência física ou abstrata.

Pela pesquisa observou-se também que existe uma incompreensão por parte de alguns alunos sobre o que é um verbo que manifesta uma ação. A noção de ação verbal não é aprofundada nas gramáticas e livros didáticos de Português na abordagem sobre vozes verbais.

Visto isso, presume-se que, na mediação desse conteúdo, o que é mais trabalhado pelos professores são as noções de sujeito agente e sujeito paciente, mas sem detalhamento sobre o que se configura como uma ação verbal. Nos livros didáticos e gramáticas as noções de sujeito agente e sujeito paciente aparecem da seguinte maneira:

- Sujeito agente: “termo que indica quem executa o processo expresso pelo verbo” (NETO; INFANTE, 2008, p. 374)
- Sujeito paciente: “termo que indica aquilo ou aquele que sofre a ação expressa pelo verbo” (NETO; INFANTE, 2008, p. 374)

Verifica-se que, nas conceituações gramaticais sobre sujeito agente e paciente, não há uma definição de verbos de ação. A distinção que pode ser encontrada em algumas gramáticas normativas e em alguns livros didáticos de Português é entre verbos nocionais – aqueles que exprimem processos, os quais incluem ações, acontecimentos, fenômenos da natureza, desejo, atividade mental etc. – e verbos não nocionais, os quais evocam caráter de estado, chamados também de verbos de ligação. Entretanto, embora a gramática faça essa distinção, o foco que ela faz é sobre os verbos de ação e os verbos de estado ao falar da “atitude do sujeito” (agente e paciente). Isso colabora para que o aluno coloque no mesmo “patamar semântico” todos os verbos que não se enquadrem como verbo de estado. No questionário, é possível verificar que alguns alunos não fazem essa distinção entre verbos de ação e verbos de estado. Nos trechos com verbos de ligação ligados ao sujeito houve alunos que, na justificativa para a identificação do termo, citaram a noção semântica, segundo a qual o sujeito é o realizador da ação verbal.

A atribuição do traço [+Ag] ao sujeito pela gramática tradicional, definindo-o como agente da ação verbal, faz com que uma parcela de alunos, em frases com verbos de ligação, por exemplo, não identifique um sujeito justamente por não conter a propriedade de agente:

- “Pois é *“Minha mãe e eu”* que realiza a ação de *“ser”*.” (Informante 19/9º ano)
- “Pois *“Meu foco principal”* é quem realiza a ação de *“ser”* o retorno ao esporte.” (Informante 19/9º ano)
- *“são as pessoas que praticam a ação de ser.”* (Informante 23/ 1º ano)
- *“não é possível identificar quem praticou a ação de esfriar.”* (Informante 23/ 1º ano)
- *“Eles que exercem a ação de “ser”.*” (Informante 40/ 9º ano)
- *“Pois o sujeito realiza a ação de se tornar um grande amigo.”* (Informante 35/9º ano).

Uma justificativa apresentada no questionário por um dos alunos para a identificação do sujeito chamou a atenção por mencionar uma noção não normalmente citada nas gramáticas normativas como definidora do termo, embora remeta a um traço que também pode ser considerado como prototípico da categoria:

- “*Pois pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto...*” (Informante 30/2º ano).

Apesar de não ser comumente apontado como um traço prototípico da categoria sujeito na literatura linguística, em uma das pesquisas bibliográficas feitas neste trabalho, a autora menciona o traço (+PR reto) como um dos traços definidores do termo.

Acrescente-se também o caso Nominativo como característico dessa função, embora em português apenas o sistema pronominal apresente formas superficiais especializadas para a expressão de caso. Tradicionalmente essa faceta do comportamento gramatical do SN sujeito é descrita como a possibilidade de ser esse SN retomado por pronome pessoal do caso reto, abreviadamente [+PR reto] (SARAIVA, 1999, p. 108).

E, como exemplo, dá a seguinte frase:

- **Aqueles meninos** quebraram o vaso. (**Eles**)

Segundo Saraiva (1999), sob o prisma formal, é possível afirmar que o sujeito canônico apresenta a matriz [+CV, +Ant, +PR reto], como ilustrado no exemplo acima, o que significa dizer que, para a linguista, o traço [+PR reto] faz parte do agrupamento de traços prototípicos do sujeito. Caso o informante não tenha conhecimento dessa característica do termo, o reconhecimento do traço [+ PR reto] pelo aluno como prototípico do sujeito pode ter relação com o fato dos pronomes pessoais do caso reto poderem, segundo a gramática tradicional, funcionar sintaticamente como o sujeito da oração, diferente dos pronomes oblíquos, que atuam como complemento verbal.⁷ Entretanto, embora a regra exista na gramática tradicional, não se pode afirmar que foi pela associação com esta norma que o aluno recorreu a esse traço para identificar o sujeito nos trechos do questionário. Além disso, no questionário respondido pelos

⁷ “Já vimos como os pronomes se caracterizam pela noção gramatical de pessoa e em que ela consiste. É uma noção que se expressa pela heteronímia, em vez da flexão, ou seja, pela mudança do vocábulo gramatical. Também já conhecemos, em princípio, o sistema desses pronomes, ditos «pessoais», cuja função básica é indicar essa noção de pessoa. Há um falante - eu, que pode associar a si uma ou mais pessoas - nós, constituindo a primeira pessoa do singular, ou P 1, e a primeira pessoa do plural, ou P 4. A eles se opõe um ouvinte (segunda pessoa do singular ou P 2- tu, ou mais de um ouvinte (segunda pessoa do plural ou P 5) - vós. Todos os seres que ficam fora do eixo falante ouvinte, constituem a terceira pessoa do singular, ou P 3, ou a terceira pessoa do plural (P 6) - ele, com o feminino ela, e eles, com o feminino elas, respectivamente (alternância submorfêmica lêl: /é/ no radical feminino). Essas formas pronominais, ditas retas, são as dos pronomes usados em frase isolada ou como sujeito de um verbo.” (CÂMARA, 2004, p. 117)

professores, não houve menção dessa propriedade como uma das utilizadas por eles na abordagem sobre a identificação do sujeito.

A noção de que o sujeito pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto foi mencionada pelo aluno referido em oito dos treze trechos de fala contidos no questionário. Dos oito trechos, em cinco analisados pelo aluno o traço [+ PR reto] de fato se aplica, como pode ser verificado a seguir:

Trecho 4

“Minha mãe e eu **somos** muito parceiros. Ela me incentivou a fazer faculdade fora do país.” (Fonte: Solidário Notícias – adaptado)

- O sujeito de "**somos**" é *minha mãe e eu*
- Eu escolhi este termo como sujeito *pois pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto e concorda com o verbo*

Trecho 6

“Estamos com problema grave de empresas na beira do desastre, seja por um motivo, ou, principalmente, porque essa restrição **tem sido** um abuso por parte de governadores estaduais”. (Fonte: FDR – adaptado)

- O sujeito de "**tem sido**" é *essa restrição*
- Eu escolhi este termo como sujeito *pois pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto e concorda com o verbo*

Trecho 8

“O Pedro Pernambuco, que se tornou um grande amigo meu, **veio me dar** umas dicas.” (Fonte: GShow – adaptado)

- O sujeito de "**veio dar**" é *O Pedro Pernambuco*
- Eu escolhi este termo como sujeito *pois pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto e concorda com o verbo*

Trecho 9

... "os pacientes que precisam de internamento, aqueles que tinham a indicação relativa, muitas vezes, **são mandados** para casa e voltam já um pouco mais graves." (Fonte: G1 – adaptado)

- O sujeito de "**são mandados**" é *os pacientes*

- Eu escolhi este termo como sujeito *pois pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto e concorda com o verbo*

Trecho 10

“A série ‘Aruanas’ me deu chance de contar uma história de pessoas que lutam pela suas utopias. **Foi escrita** por ativistas.” (Fonte: O Globo – adaptado)

- O sujeito de "**foi escrita**" é *A série Aruanas*
- Eu escolhi este termo como sujeito *pois pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto e concorda com o verbo*

Nessas sentenças, o traço [+PR reto] se mostrou eficaz para a identificação do sujeito. Entretanto, não é em todas as sentenças que ele se aplica. São aquelas em que o sujeito encontra-se oculto, pois, nessas sentenças, o verbo já indica um sujeito pronominal – no caso, um pronome pessoal do caso reto – e nas com sujeito indeterminado⁸, em que o termo é indefinido.

Na sentença abaixo, retirada do questionário, é possível verificar a inaplicabilidade do traço [+PR reto]. Nela o sujeito não pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto, justamente porque o sujeito já é representado pelo próprio pronome, que, no caso, está implícito.

Trecho 3

“**Estamos reestruturando** nossos departamentos e atividades esportivas para o segundo semestre. O momento é de prevenção no combate ao coronavírus.” (Fonte: Esporte goiano – adaptado)

- (Nós) **Estamos reestruturando** nossos departamentos e atividades esportivas para o segundo semestre.
- Sujeito: nós (desinencial)

Outra evidência identificada pela pesquisa é a possível atribuição da função sintática de complemento verbal ao termo sujeito quando este se posiciona após o verbo. Essa evidência foi notada a partir das questões de número 2 e 7 do questionário que se seguem abaixo:

⁸ No caso do sujeito indeterminado, a sua identificação envolve conceitos pragmáticos, os quais a gramática tradicional não inclui em sua abordagem. Segundo Cunha (2013, p. 77-78), diz-se que o sujeito é indeterminado “quando o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Nestes casos, põe-se o verbo: ou na 3ª pessoa do plural - Anunciaram que você morreu. (M. BANDEIRA) - ou na 3ª pessoa do singular, com o pronome se- Não se falava dele no Ateneu (R. POMPEIA). Embora a identificação do sujeito indeterminado dependa de fatores discursivos-pragmáticos, a sua associação é feita com os pronomes pessoais do caso reto Eles e Ele.

- **Trecho 2:** “Coincidentemente, se **observou** uma maior movimentação de pessoas e caiu a taxa de isolamento para 50%, 49%, 47%. (Fonte: G1 – adaptado)
- **Trecho 7:** “Nos momentos de choro, dengo, insegurança do seu filho, esteja perto, acolha e abrace sem desfazê-lo. Mas **é** primordial mostrar os aspectos positivos da escola.” (Fonte: Mundo Marketing – adaptado)

Em 2, as respostas que mais apareceram no questionário como identificação do sujeito foram ‘sujeito inexistente’ e ‘sujeito não expresso’, respectivamente. Apenas dois alunos identificaram corretamente o sujeito (uma maior movimentação de pessoas). Em 7, a maioria dos alunos também não identificou o sujeito, apresentando como resposta ‘sujeito inexistente’; e somente sete informantes reconheceram o sujeito corretamente (mostrar os aspectos positivos da escola).

Presume-se que esses resultados se devem à inversão do sujeito nessas sentenças para posições sintáticas que, canonicamente, são ocupadas por termos integrantes, como objetos e predicativos. A posição pós-verbal do sujeito faz com que ele adquira o traço [-Ant], prototípico de argumento interno, o que faz com que o aluno interprete o termo ou como objeto ou como predicativo, a depender do tipo do verbo. No trecho de fala 2, o verbo transitivo acompanhado pelo clítico ‘se’ (partícula apassivadora) é um fator que contribui para a não identificação do sujeito, visto que essa construção se aproxima da construção verbo intransitivo + se (índice de indeterminação do sujeito) pela inserção do pronome. Devido a essa semelhança estrutural é comum que parte dos alunos interpretem construções de voz passiva sintética como estruturas de sujeito indeterminado, o que justifica, em 2, a identificação do sujeito como não expresso por uma grande parcela dos informantes.

A não identificação do sujeito (sujeito inexistente) em 2, pela maioria dos alunos, provavelmente foi devida à ausência de um constituinte antecedente ao verbo na posição típica do sujeito, o que pode ter favorecido a interpretação de “uma maior movimentação de pessoas” como objeto. O mesmo ocorre em 7. A maioria dos alunos provavelmente interpretou a oração como uma sentença sem sujeito pela falta de um termo antecedendo o verbo que poderia ter sido interpretado como sujeito pela posição pré-verbal. Embora, na oração, o verbo que inicia a predicação seja de ligação (... **é** primordial mostrar os aspectos positivos da escola), é provável que uma parcela alta dos informantes não tenha se atentado a esse fato em razão da presença de um verbo significativo, ou seja, um verbo não-estativo (no caso o verbo ‘mostrar’) na sentença, o que propicia a leitura do termo ‘os aspectos positivos da escola’ como complemento verbal de ‘mostrar’. Essa interpretação pode ser uma das explicações para o não reconhecimento do sujeito pela maioria dos alunos no trecho 7.

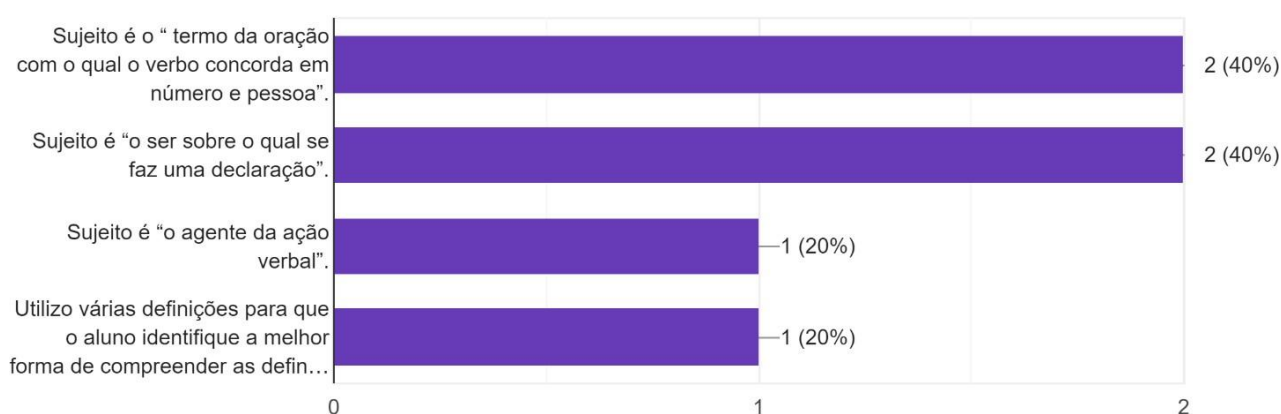
4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS RESPOSTAS OBTIDAS PELOS PROFESSORES NO QUESTIONÁRIO

Em relação ao questionário destinado aos docentes de Português das turmas de alunos participantes, somente cinco professores o responderam. O primeiro informante leciona para o 8º ano; o 2º, para o 9º e ensino médio; o 3º, para os 1º e 2º anos; o 4º, para o 8º ano; e o 5º, para os 8º e 9º. Os Gráficos 4, 5, 6 e 7 a seguir consolidam as respostas obtidas dos professores.

Gráfico 4 – Noções de sujeito ensinadas aos alunos pelos professores

1) Como foi apresentada a categoria gramatical ‘sujeito’ para os seus alunos? Você pode assinalar mais de uma alternativa.

5 respostas



Fonte: Formulários Google baseado nos dados de pesquisa (2021)

Como se observa no Gráfico 4, dos cinco professores, um ensina para os seus alunos as noções pragmática e morfossintática do sujeito; um, somente a noção pragmática, que define o sujeito como “o ser sobre o qual se faz uma declaração”; um ensina somente a definição morfossintática, segundo a qual o sujeito “é o termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa”; um trabalha a noção semântica como definição, conforme a qual o sujeito é “o agente da ação verbal”; e um utiliza diferentes definições de sujeito:

- “Utilizo várias definições para que o aluno identifique a melhor forma de compreender as definições. Ainda peço para que eles tentem assimilar a nomenclatura com algo prático na vida deles, num primeiro momento. Sujeito é o elemento ao qual você se refere para estabelecer uma relação com o verbo da oração identificando uma “atitude” apresentada por ele de forma contextualizada” (Informante 1)

A definição apresentada pelo informante 1 leva a questionamentos sobre o que seria “atitude” do sujeito. Em algumas gramáticas “atitude do sujeito” refere-se à relação que ele

estabelece com o processo verbal: relação de atividade, passividade ou as duas, simultaneamente. Não se pode afirmar se essa é a noção que o informante atribui à palavra atitude, mas “atitude” na definição do professor parece remeter à ideia de ação do sujeito, colocando-o no papel de agente. Por isso, é necessário que o conceito de “atitude do sujeito” seja trabalhado pelos professores no ensino da categoria sujeito para que o aluno não restrinja o seu sentido à ideia de agente.

A noção de “contexto” também precisa ser trabalhada pelo professor em sala de aula e definida ao aluno. O que representa a palavra “contexto” em análises sintáticas que buscam identificar o sujeito? O contexto seria a informação que o predicado declara? Que relação o contexto tem com o reconhecimento do sujeito? Questões como essas precisam ser elucidadas para que o aluno consiga fazer análises linguísticas de forma mais precisa, sem utilizar os critérios de forma arbitrária e sem o entendimento da sua significação, como foi evidenciado em algumas respostas do questionário.

- “ *não está visível na frase, mas que pode ser identificado pelo contexto.* ” (Informante 30/2º ano)
- “ *Pelo contexto da frase.* ” (Informante 4/2º ano)
- “ *por causa do contexto.* ” (Informante 12/9º ano)
- “ *Pelo contexto, e nesse caso usa "são mandados" para não ocorrer repetição da mesma palavra, no caso "os pacientes."* ” (Informante 4/2ª ano)
- “ *Foi escrita se refere a série Aruanas porque faz sentido de acordo com o contexto.* ” (Informante 5/2º ano)
- “ *analisei o contexto.* ” (Informante 12/9º ano)
- “ *De acordo com o contexto, é se refere ao meu foco principal.* ” (Informante 5/2º ano)

Dos cinco professores, apenas o informante 2 alegou utilizar dois traços do sujeito para defini-lo aos alunos: o traço [+CV] e o traço [+Top]. O informante 1 disse abordar diferentes

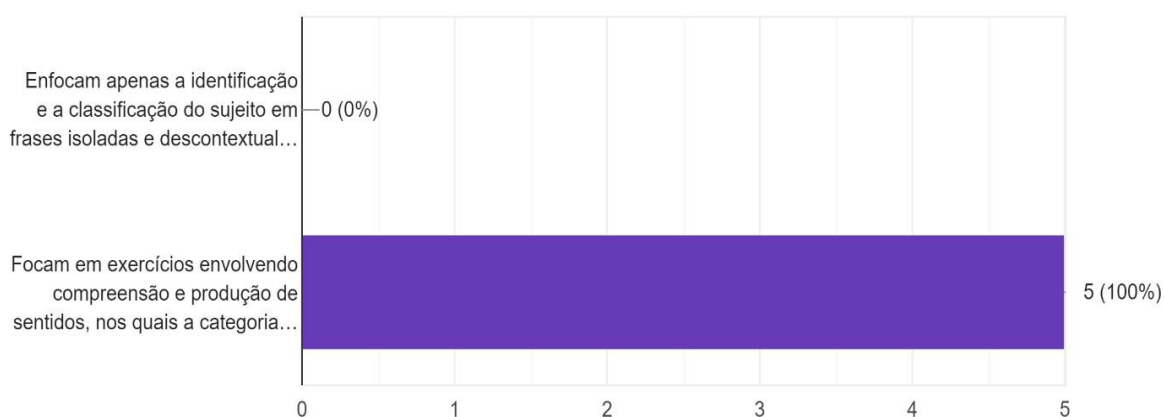
definições em sala de aula, mas não as especificou no questionário. Quanto ao restante, utilizam apenas uma noção do sujeito na abordagem do conteúdo. Esses resultados demonstram que a concepção de sujeito repassada aos alunos por esses professores não representa o sujeito prototípico.

Uma definição apontada por um dos professores (informante 4) causou surpresa, uma vez que se supunha ser essa definição a menos utilizada pelos professores para se falar de ‘sujeito’. A noção referida é a noção semântica, que define o sujeito como o agente da ação verbal. Por consistir em um traço não inerente a todos os sujeitos (traço [+Ag]), dado que nem todos os verbos que se relacionam com o termo são de ação, a hipótese era de que essa noção fosse mais mencionada no tocante ao conteúdo que trata sobre vozes verbais, e não para definir a ideia de sujeito.

Referir-se ao sujeito como o realizador da ação verbal provoca um entendimento equivocado sobre os sentidos dos verbos. Para o aluno que aprendeu sujeito pela definição semântica, qualquer verbo pode ser identificado como de ação, inclusive os verbos de ligação. O aluno, com isso, não consegue estabelecer a relação semântica correta entre o verbo e o seu sujeito no que tange ao seu “comportamento”.

No tocante à segunda pergunta, todos os cinco informantes fizeram a mesma avaliação da abordagem e das atividades dos livros didáticos sobre a categoria sujeito.

Gráfico 5 – Abordagem e atividades sobre o ‘sujeito’ nos livros didáticos pela visão do professor



Fonte: Formulários Google baseado nos dados de pesquisa (2021)

Segundo a avaliação dos professores, os livros didáticos privilegiam exercícios envolvendo compreensão e produção de sentidos, nos quais a categoria sujeito é trabalhada no interior do texto. De fato, os livros didáticos passaram a adotar atividades de análise linguística voltadas para o texto e os sentidos que ele produz. Como se observou na análise dos livros

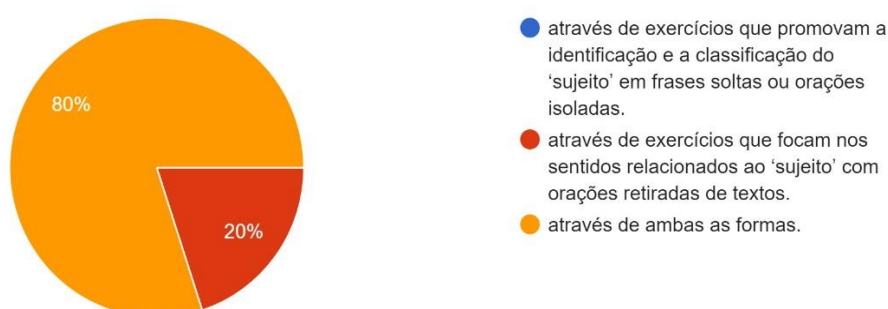
didáticos feita no segundo capítulo da dissertação, as atividades direcionadas ao ensino do sujeito utilizam os gêneros textuais como ferramenta de análise da categoria linguística, distanciando-se do modelo de atividade que prioriza a identificação e a classificação do sujeito em frases isoladas. Entretanto, verifica-se ainda o uso do texto e dos gêneros textuais como pretexto nos livros didáticos. O texto é utilizado para fins de análise gramatical e não para fins de análise discursiva. O seu conteúdo semântico-pragmático geralmente não é explorado nas atividades propostas. Da mesma forma, os conteúdos gramaticais também não são adequadamente explorados nas atividades de texto, visto que muitos aspectos relacionados ao tópico gramatical estudado deixam de ser trabalhados e aprofundados em atividades desse tipo.

Na pergunta 3, os professores foram questionados a respeito da metodologia por eles utilizadas no ensino do conteúdo ‘sujeito’. Como verificado no Gráfico 6 a seguir, dos cinco professores, quatro afirmaram trabalhar o conteúdo tanto através de exercícios que promovam

Gráfico 6– Metodologia utilizada pelo professor na abordagem do sujeito

3) Em sala de aula, eu trabalho a fixação do conteúdo ‘sujeito’ gramatical

5 respostas



a identificação e a classificação do sujeito em frases soltas quanto por meio de atividades que focam nos sentidos relacionados ao sujeito com orações trabalhadas no interior de textos. Apenas uma professora mencionou trabalhar somente com exercícios atrelados a textos. Esses resultados demonstram que, embora o trabalho com o texto e suas partes constitutivas tenha ganhado espaço nas salas de aulas e nos livros didáticos, o método tradicional, centrado no estudo da sentença e seus constituintes, ainda é utilizado pelos professores como alternativa para se ensinar o conteúdo ‘sujeito’.

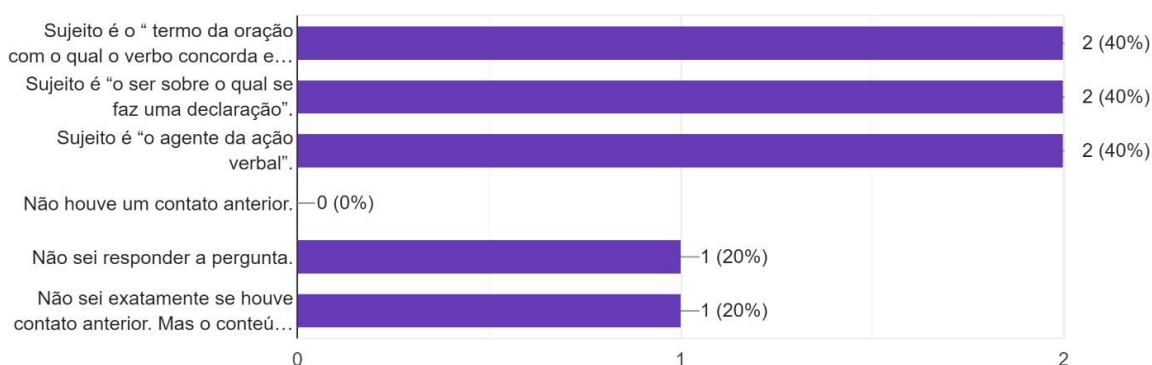
Fonte: Formulários Google baseado nos dados de pesquisa (2021)

Como se observa no Gráfico 7 a seguir, segundo o informante 1, os alunos tiveram contato anteriormente com todas as três noções de sujeito (pragmática, morfossintática e semântica). Quanto aos informantes 2 e 5, eles não souberam dizer se esse contato existiu. De acordo com o informante 3, os alunos tiveram contato com as noções pragmática e morfossintática, e, conforme o informante 4, os estudantes estudaram em anos passados a noção semântica.

Gráfico 7– Contato dos alunos com o conteúdo ‘sujeito’ em anos anteriores

4) Os alunos tiveram contato com o conteúdo 'sujeito' em anos anteriores? Se sim, a que definições de sujeito os alunos foram expostos? Você pode assinalar mais de uma alternativa.

5 respostas



Fonte: Formulários Google baseado nos dados de pesquisa (2021)

A pergunta de número 5 é sobre o nível de compreensão demonstrado pelos alunos no que tange aos processos de identificação e classificação da categoria gramatical sujeito. As respostas listadas abaixo demonstram que a identificação e a classificação do sujeito são conteúdos nos quais os alunos costumam apresentar dificuldades em sua aprendizagem.

Dos cinco professores, quatro afirmaram que seus alunos demonstram um grau de dificuldade na compreensão e identificação da categoria sujeito. Segundo dois desses professores (informantes 3 e 5) os alunos exibem dificuldade em identificar o termo sujeito em sua totalidade. Reconhecem apenas o seu núcleo como sujeito, excluindo as palavras que o determinam. Ainda conforme a informante 3, sujeitos longos também se configuram como um obstáculo à identificação do termo. A dificuldade em identificar o referente do verbo com base na definição pragmática do sujeito foi apontada pelo informante 5. Conforme sua observação, “muitos [alunos] não conseguem relacionar o predicado com o termo que funciona como sujeito, identificando outro termo da sentença que, na percepção deles, é o elemento da frase sobre o qual está sendo declarado algo.” Essas dificuldades apontadas em 5 também foram detectadas na pesquisa feita com os estudantes.

- *“Acredito que conseguem classificá-los mesmo ainda tendo dificuldades. Observando as respostas apresentadas, as justificativas, as dúvidas apresentadas por eles, etc.”* (Informante 1)
- *“A maior parte dos alunos consegue identificar e classificar o sujeito com facilidade. Essa compreensão foi identificada através de atividades em sala.”* (Informante 2)
- *“Eles entendem bem, mas têm dificuldade de identificar sujeitos que possuem adjuntos adnominais pospostos (param até o núcleo e não englobam o adjunto) ou que são maiores. São os índices de erros mais comuns em atividades.”* (Informante 3)
- *“possuem uma percepção básica e com muitas dificuldades na identificação, através de exercícios realizados pelos alunos.”* (Informante 4)
- *“Eles apresentam dificuldade na sua identificação, o que pode ser percebido pela identificação incorreta do referente do verbo. Muitos não conseguem relacionar o predicado com o termo que funciona como sujeito, identificando outro termo da sentença que, na percepção deles, é o elemento da frase sobre o qual está sendo declarado algo. A maioria também não consegue identificar o sujeito no todo, identificando apenas o núcleo como sujeito sem os seus determinantes.”* (Informante 5)

Pelas respostas, em 5, apresentadas pelos professores, e pelos resultados da pesquisa, verifica-se, portanto, que uma grande parcela dos alunos não identifica o sujeito em sua totalidade, limitando a sua identificação ao núcleo. Além disso, sujeitos longos também são mais difíceis de serem reconhecidos. Outra dificuldade atestada, ainda que não seja pela maioria, é a localização correta do sujeito tomando como referência a informação do predicado. Alguns alunos identificam outro termo na frase, sem ser o sujeito, como o elemento sobre o qual está se informando algo.

A última pergunta tem relação com os questionamentos e dúvidas apresentados pelos alunos sobre a definição, identificação e classificação do sujeito. As respostas abaixo comprovam algumas dificuldades identificadas na pesquisa, como a dificuldade em diferenciar sujeito inexistente do não expresso; dificuldade em identificar orações com verbos impessoais, confusão entre sujeito oculto e indeterminado e identificação correta do referente do verbo ou predicado.

- *“As dúvidas recorrentes se referem a própria nomenclatura apresentada e suas definições.”* (Informante 1)
- *“Qual a melhor maneira de identificar a oração sem sujeito. Como distinguir o sujeito indeterminado da oração sem sujeito.”* (Informante 2)
- *“Eles têm dúvidas sobre verbos impessoais e sobre sujeito indeterminado e oculto (fazem certa confusão).”* (Informante 3)
- *“Possuem dificuldades em classificação do sujeito.”* (Informante 4)
- *“Uma dúvida é em relação à própria definição de sujeito que diz que ele é o termo da oração sobre o qual se declara alguma coisa. Alguns alunos entendem que a declaração pode estar sendo feita em relação a outro termo da frase que não o sujeito.”* (Informante 5)

As respostas obtidas pelos professores no questionário revelaram dificuldades apresentadas pelos alunos quanto à categoria sujeito que coincidem com as dificuldades evidenciadas na análise do questionário aplicado aos alunos. Além disso, atestou-se a necessidade de o professor abordar de forma mais ampla o conteúdo ‘sujeito’, bem como algumas noções que a ele se relacionam – como as noções de contexto e sintagma, por exemplo – para que o aluno consiga analisar e identificar o sujeito com mais facilidade em análises sintáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou a investigar as noções de sujeito na perspectiva de alunos dos ensinos fundamental e médio e os contextos de realização do sujeito nos quais os alunos apresentam mais dificuldade para a identificação. Além disso, buscou-se verificar se, em sentenças cujo sujeito afasta-se do conceito prototípico, os alunos tendem a apresentar mais dificuldade para identificá-lo. A pesquisa demonstrou que, de fato, o termo consiste em uma categoria linguística de complexa interpretação, em razão das diferentes características que manifesta como função sintática.

Como previsto, é possível concluir que sujeitos que manifestam todos ou a maior parte dos traços prototípicos da categoria – [+Top], [+CV], [+Ag], [+Ant] – são mais facilmente identificados na oração, por não apresentarem traços desviantes das definições canônicas do termo apresentadas nas gramáticas tradicionais. Os alunos apresentaram mais dificuldade em identificar o sujeito quando esse apresenta um distanciamento do protótipo. Ademais, observou-se uma predominância do uso da noção pragmática do sujeito em relação às noções morfossintática e semântica, sendo que o traço [+CV] é adotado com mais frequência do que o traço [+Ag], principalmente em orações com sujeito oculto. O traço [+Ant], definidor da posição pré-verbal do sujeito, também foi citado nas justificativas para a identificação do sujeito; no entanto, em menor frequência.

Em sentenças OVS, a tendência é de que o aluno identifique o termo pré-verbal – no caso o objeto – como sujeito, justamente por estarem mais “familiarizados” com a estrutura canônica SVO. O mesmo ocorre com sentenças nas quais o adjunto adverbial aparece em posição de sujeito. Já em frases de ordenação VS, o aluno tende a identificar o sujeito como inexistente ou não expresso (oculto ou indeterminado) quando não há um constituinte antes do verbo.

Os resultados obtidos também revelam que sentenças de voz passiva pronominal e com sujeito oracional consistem em sentenças de complexa análise para os alunos, principalmente quando seu sujeito aparece posicionado no final da sentença. Devido a essa complexidade, a tendência é de que o aluno não consiga identificar o sujeito. Em contrapartida, em frases cuja estrutura se aproxima da construção canônica da oração: SVO e SV, a tendência é de que os alunos identifiquem o sujeito com mais facilidade. Verificou-se, além disso, que sujeitos de extensão curta são mais facilmente identificados, ainda que distanciados de seu elemento verbal. Já em sentenças cujo sujeito é um sintagma mais complexo, ou quando ele é oracional, é comum

que os alunos não identifiquem o termo em sua totalidade, identificando, às vezes, apenas o seu núcleo.

Este estudo confirmou, ademais, que a noção de sujeito vai além do critério sintático. O sujeito também pode ser compreendido como um componente discursivo, possível de ser identificado no âmbito do discurso e fora do domínio da sentença. É necessário que o aluno tenha a consciência desse fato, e, por isso, é preciso que, em alguns contextos linguísticos, ele volte a sua análise para outras partes da enunciação.

Em relação ao papel do professor na intermediação do conteúdo ‘sujeito’, observou-se que ele exerce uma grande influência na compreensão que o aluno tem da categoria e na forma como ele interpreta essa função na sentença. A propensão é de que a análise dos alunos quanto à expressão do sujeito nas orações se fundamente na definição ensinada pelo professor em sala de aula. Isso contribuiu para que o aluno limite a sua análise do termo à propriedade do sujeito que lhe foi ensinada. Por conseguinte, é necessário que o professor amplie o conceito de sujeito aos seus alunos, apresentando-lhes as principais características do termo e não apenas uma definição, de modo que o aluno possa utilizar mais critérios para conseguir identificá-lo em diferentes formas de estruturas.

As diversas formas de realização do sujeito também precisam ser abordadas em sala de aula, além dos critérios envolvidos em cada caso. Para isso, o professor precisa demonstrar para os alunos diferentes construções em que o sujeito aparece (orações com sujeito oracional, orações com sujeito na voz passiva pronominal, orações com sujeito pré-mencionado no discurso, orações com sujeito em posição pós-verbal, orações com sujeito distanciado do verbo, orações com sujeito oculto e indeterminado, orações nas quais o verbo não concorda com o sujeito, orações cujo verbo concorda com o sujeito e outro termo etc) e como ele se manifesta em cada uma delas. Tendo o conhecimento das diferentes maneiras de expressão do sujeito, o aluno terá mais facilidade em identificar sujeitos não prototípicos em estruturas não canônicas.

A estrutura do sintagma nominal também precisa ser trabalhada em sala de aula, dado que, geralmente, o sujeito é realizado por uma unidade gramatical desse tipo. É importante que o professor aborde o conceito desse elemento linguístico – como também a noção de constituinte – e mostre aos alunos exemplos de sintagmas nominais mais simples e mais complexos (como aqueles nos quais aparece uma oração adjetiva). O professor deve enfatizar a natureza nominal do núcleo do sujeito e mostrar que esse é determinado por outras palavras que também constituem o sintagma que atua sintaticamente como sujeito. Essa abordagem é necessária para que o aluno consiga perceber os elementos que estão relacionados ao núcleo do sintagma nominal e, conseqüentemente, o sujeito em sua totalidade.

Quanto à gramática tradicional, no que tange à abordagem da categoria sujeito, essa apresenta falhas que colaboram para a dificuldade que os alunos exibem na identificação do termo. Uma falha corresponde às definições que a gramática prescreve do sujeito. Não há consenso quanto à sua definição. Alguns autores o mencionam como o ser da oração do qual se faz uma declaração, estabelecendo uma relação discursiva entre o sujeito e o predicado. Outros o definem como o termo da oração com o qual o verbo concorda, priorizando uma análise morfossintática, e alguns o descrevem das duas formas. Essa divergência de definições nas gramáticas e livros didáticos faz com que o entendimento da categoria seja diferente entre os alunos. Ademais, defini-lo com base em uma única noção contribuiu para que o aluno faça a sua análise de identificação do sujeito por apenas uma perspectiva que nem sempre é suficiente para reconhecer um termo como sujeito.

As funções sintáticas dos termos da oração também precisam ser bem trabalhadas em sala de aula ao se abordar o conteúdo ‘sujeito’, visto que, em estruturas com inversão sintática, termos com função de complemento, predicativo ou adjunto adverbial, quando posicionados antes do verbo, são comumente confundidos com o sujeito pelo seu traço [+Ant]. O aluno precisa compreender as diferenças sintáticas e semânticas entre esses termos, além das funções que eles exercem na sentença, para que ele consiga delimitá-los na oração ainda que não estejam em sua posição canônica. Dessa forma, o aluno precisa estar ciente de que o sujeito nem sempre aparecerá em posição pré-verbal, sendo necessário considerar outros traços da categoria para identificá-lo.

Portanto, diante do que foi elucidado, é relevante uma abordagem do conteúdo curricular ‘sujeito’ mais minuciosa – tanto pelas gramáticas quanto pelos professores – envolvendo os traços da categoria, suas formas de manifestação nas sentenças e no discurso, bem como sua realização como sintagma nominal. Finaliza-se esta dissertação ressaltando a intenção de dar continuidade ao estudo sobre a categoria gramatical sujeito realizado neste trabalho. Pretende-se, futuramente, expandir esse estudo no sentido de se elaborar e sugerir uma proposta de ensino sobre o sujeito que abranja todos os seus aspectos e as suas particularidades. Além do mais, objetiva-se realizar uma pesquisa mais exaustiva sobre a categoria tópico, dada a importância de se incluir a abordagem dessa noção linguística no ensino de gramática, em razão do seu uso na língua oral e escrita.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Emília; PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do; LEITE, Ricardo Silva; BARBOSA, Severino Antônio Moreira. **Novas Palavras** 2º Ano. Emília Amaral... [et al.]. 3. ed. São Paulo: FTD, 2016. (Coleção novas palavras)
- AREAS, Eduardo Kenedy. **Curso básico de linguística gerativa**. Editora Contexto, 2013.
- AZEREDO, José. Carlos. de. **Iniciação à sintaxe do português**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BECHARA, Evanildo. **Lições de português pela análise sintática**. Nova Fronteira, 2009.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2015.
- BORBA, Valquíria; GUARESI, Ronei. **Leitura: processos, estratégias e relações**. UFAL, 2007.
- BRAGA, Maria Luíza. Construções de tópico de discurso. Relatório final do projeto subsídios sociolinguísticos do projeto censo à educação, 1986.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 22, n. 1, p. 7-39, 2012.
- CÂMARA, Joaquim Matoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 23ª. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CÂMARA, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Padrão-Livraria Editora, 1975.
- CANÇADO, Márcia. Hierarquia temática: uma proposta para o PB. **Revista letras**, v. 61, 2003.
- CANÇADO, Márcia. Manual de semântica. **São Paulo: Contexto**, 2008.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2009. P. 101-102.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática Reflexiva**, volume único. São Paulo. Editora Atual, 2013.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens**, 6º ano. São Paulo: Saraiva, 2015, 158-164.

CHAFE, Wallace. **O fluxo do pensamento e o fluxo da linguagem**. In: Discurso e sintaxe. Brill, 1979. p. 159-181.

CHAFE, Wallace. **Significado e estrutura linguística**. Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. **Introdução à linguística cognitiva**. Matraca-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, 2009, 16.24.

COSTA, Maria Angélica. **Procedimentos de manifestação do sujeito**: uma análise funcionalista. Natal, 1995.

COSTA, Rodriana Dias Coelho. Um mapeamento da função sujeito numa perspectiva tipológico gramatical, 2004.

CUNHA, Celso. **Gramática Essencial**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Revista do GELNE**, 2013, 15.1/2: 53-78.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Funcionalismo. In MARTELOTTA, Mário Eduardo (Ed.). **Manual de linguística**. Editora Contexto, 2008.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; TAVARES, Maria Alice. **Funcionalismo e ensino de gramática**. 2016.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Concordância verbal, topicalização e posposição de sujeito. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, v. 5, n. 9, p. 9-48, 1983.

DIK, Simon C. Seventeen sentences: Basic principles and application of functional grammar. In: **Current approaches to syntax**. Brill, 1980. p. 45-75.

FARIAS, Virginia Sita. Aplicação da semântica das condições de verdade à redação das definições nos dicionários semasiológicos. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 12, n. 1, p. 181-204, 2012.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. Editora Contexto, 2011.

GUNDEL, Jeanette Marie. **The role of topic and comment in linguistic theory**. The University of Texas at Austin, 1974.

GUARESI, Ronei. **A leitura e a escritura sob o paradigma conexcionista**. Anais CELSUL 6º Encontro do Círculo Linguístico do Sul. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2004.

HALLIDAY, Michael. Notes on transitivity and theme in English Part I. **Journal of linguistics**, v. 3, n. 1, p. 37-81, 1967.

HALLIDAY, Michael. Notes on transitivity and theme in English: Part 2. **Journal of linguistics**, v. 3, n. 2, p. 199-244, 1967.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985. p. 9.

JOHNSON, Keith. **Teaching declarative and procedural knowledge**. Grammar and the language teacher, 1994, 121-131.

KEENAN, Edward; LI, Charles. **Towards a Universal Definition of " Subject"** in Subject and Topic. 1976.

LIMA, Gercina Ângela Borém de Oliveira. Modelos de categorização: apresentando o modelo clássico e o modelo de protótipos. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 15, n. 2, p. 108-122, 2010.

LIRA, Solange de Azambuja. **Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian Portuguese**. 1982. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania.

LYONS, John. **Semantics**, 1977.

MICHAELIS. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=OWQE>. Acesso em: 6 de jul. 2021.

MUNHOZ, Ana; NAVES, Rozana. Construções de tópico-sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferência de traços de C. **Signum: Estudos da Linguagem**, 2012, 15.1: 245-265.

NACIONAIS, Parâmetros Curriculares. **Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/sef, 1997, 1998: 156.

NEF, Frédéric. **A linguagem: uma abordagem filosófica**. Zahar, 1995.

NETO, Pasquale Cipro; INFANTE, Ulisses. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. A gramática de usos é uma gramática funcional. **ALFA: Revista de Linguística**, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem.** 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão geral da gramática funcional. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 38, 1994.

BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. Considerações sobre as condições sintáticas da posposição do sujeito em português. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, n. 3, p. 72-86, 1979.

OLIVEIRA, Mariana Fagundes de *et al.* **O agente e o paciente em língua portuguesa: caracterização em propriedades semânticas e estudo diacrônico.** Diss. Universidade Federal da Bahia, 2009.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem 6º ano.** São Paulo: Moderna, 2018.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem 7º ano.** São Paulo : Moderna, 2018.

PAULA, FRAULEIN VIDIGAL DE. **Conhecimento morfológico implícito e explícito na linguagem escrita.** Diss. Universidade de São Paulo, 2007.

PERFEITO, Alba Maria. Concepções de linguagem e análise linguística: diagnóstico para propostas de intervenção. In: **I Congresso latino-americano sobre formação de professores de línguas-CLAFPL. Anais.** Florianópolis, UFSC. 2007. p. 824-836.

PERINI, Mário A. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios.* Parábola, 2004.

PERINI, Mario A. **Gramática descritiva do português.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

PERINI, Mário A. **Para uma nova gramática do português.** CEP, v. 1507, p. 900, 1986.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro.** Editora Vozes Limitada, 2016

PEZATTI, Erotilde Goreti. Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre tema, tópico e foco. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 42, n. 1, 1998.

PEZATTI, Erotilde Goreti. Uma abordagem funcionalista da ordem de palavras no português falado. **ALFA: Revista de Linguística**, 1994.

PINTO, M. T. de F. A. **Critérios Psicologicamente Identificadores de SNs Sujeitos em Português,** 1981.

PONTES, Eunice Souza Lima. A ordem VS em português. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, n. 7, p. 90-137, 1982.

PONTES, Eunice Souza Lima. **O tópico no português do Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 1987

PONTES, Eunice Souza Lima. **Sujeito**: da sintaxe ao discurso. São Paulo: Ática, 1986.

POZO, Juan Ignacio; CRESPO, Miguel Ángel Gómez. **A aprendizagem e o ensino de ciências**: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico. Porto Alegre: Artmed, v. 5, 2009.

REBER, Arthur S. Implicit learning of artificial grammars. **Journal of verbal learning and verbal behavior**, v. 6, n. 6, p. 855-863, 1967.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara Bloom (Ed.). **Cognição e categorização**. 1978.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. Notas sobre o conceito de protótipo e suas implicações para o ensino de gramática. **Scripta**, v. 2, n. 4, p. 107-113, 1999.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. **Dialettologia, geolinguística, sociolinguística**, v. 5, 1998.

SILVA, Mariluze Ferreira de Andrade. Platão e os fundamentos da linguagem. **CADERNOS DE ATAS DA ANPOF**. Disponível em: < <http://www.pucrio.br/parcerias>>. Acesso em 31/03/2020, v. 23, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1. e 2. graus. Cortez, 1997.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Gramática filosófica**: Parte I A proposição e seu sentido, Parte II Sobre a lógica e a matemática. Edições Loyola, 2003.

ANEXOS

Anexo 1- Justificativas apresentadas pelos alunos no questionário para a identificação do sujeito

Trecho 1

“Ainda não tô recuperado. E soube que lá (no IJF- Instituto Doutor José Frota) tá uma epidemia só, muita gente doente. E *estão dando* uma máscara pra pessoa passar um mês.” (Fonte: G1 – adaptado)

- É quem realiza a ação de dar.
- Pois o sujeito não é visto no trecho
- Porque há o sujeito, porém não está determinado na frase.
- Porque o "estão dando" se refere as máscara que o instituto estava distribuindo
- Sujeito indeterminado
- A frase indica que ele realiza a ação.
- Pois o IJF - Instituto Doutor José Frota é quem esta dando uma máscara pra pessoas passar um mês.
- não foi possível identificar o sujeito
- pois é determinado pela desinência verbal, sujeito "eu"
- "Estão" que está praticando o verbo
- Porque a desinência consiste em elementos do final da palavra que permitem identificar a pessoa verbal à qual ela se refere, compreender se a palavra é masculina ou feminina, singular ou plural, etc.
- "E (eles, pronome implícito) estão dando...", esse pronome remete ao IJF.
- O sujeito não está escrito na frase, logo não há como determinar o sujeito apenas com a conjugação do verbo.
- Não é possível indentificá-lo na oração
- Estão dando mascara, que faz ela ser osujeito na frase dita com "Estão dando"
- Ele não aparece mas é possível saber qual é
- sujeito indefinido
- O sujeito foi mencionado na oração anterior e foi retomado.
- Escolhi pois, o sujeito pode ser identificado de forma subjetiva no "estão", não estando literalmente exposto.
- Fazendo a pergunta "quem está dando uma máscara?", a resposta é o IJF.
- Pois é a pessoa da oração
- por que acho que esta certo
- Pois é ele quem pratica a ação de dar as máscaras.
- esta oculto
- Por causa do verbo flexionado em estão
- Quem dar, da algo e nesse caso o IJF é o sujeito que esta realizando essa ação
- Pois o termo "estão dando" pede um sujeito condizente com a frase, ou seja, estão dando o que ? no caso da frase em questão é a "máscara".
- Porque não está mostrando o sujeito
- Pois antes do verbo "estão", não possui o sujeito "Eles", que representaria, de certa forma, o IJF (na condição dos trabalhadores do Instituto).
- essa frase nos dá o sentido de que os médicos e enfermeiros do hospital estão dando a máscara, mas isso fica oculto na frase.
- não está visível na frase, mas que pode ser identificado pelo contexto.
- pq ele que esta distribuindo as mascaras
- o sujeito não aparece na frase
- Pq de acordo com o contexto a frase passada completa o sentido desta.

- Na frase o que pratica a ação de dar é o hospital mas não está explícito.
- Indica que o IJF- Instituto Doutor José Frota está dando máscaras
- pois essa frase tem um sujeito oculto
- Não foi definido quem são "eles".
- segunda pessoa do plural
- Pois "estão" é alguém que está dando as máscaras.
- é o mais adequado
- Esse instituto está dando máscaras
- a locução verbal está em terceira pessoa do plural, expressando uma ideia de dúvida em relação a quem está praticando a ação, sendo um sujeito indeterminado.
- Por que o sujeito da frase está oculto
- Pois na fala não sabe com exatidão quem está dando máscaras.
- Dá-se a entender que as pessoas do IJF estão dando máscaras, mas elas não aparecem na frase.
- Pois é esse instituto quem realiza a ação de dar máscaras.
- A conjugação do verbo corresponde a eles, se refere às pessoas do IJF
- Porque pelo contexto da frase, e a conjugação do verbo "estar" na terceira pessoa do plural.

- Possui mais de um núcleo (palavras)
- Complementa o predicado
- por que não aparece o sujeito só incita ter um
 - ele foi eclipsado, dado que o locutor mencionou o instituto previamente.
- Por o verbo estar na 3ª pessoa do plural o sujeito seria ele/elas que acho que se refere às pessoas do IJF
- Pois o sujeito está explícito.
- Pois o sujeito referente é o Instituto Doutor José Frota (IJF), apresentado na frase anterior e omitido na indicada.
- não aparece escrito, mas se refere a "eles" que pode ser encontrado pelo verbo "estão", terceira pessoa do plural (eles)
- É esse instituto que está dando máscaras
- De acordo com a frase, estão dando máscaras para as pessoas doentes. Porém não está explícito na frase quais são as pessoas doentes.
- Porque em "estão dando" o verbo estar está indicando a terceira pessoa do plural, sem estar se referindo a uma pessoa específica.

Trecho 2

“Coincidentemente, se *observou* uma maior movimentação de pessoas e caiu a taxa de isolamento para 50%, 49%, 47(Fonte: G1 – adaptado)

- Não há sujeito na oração.
- não é possível determinar o sujeito no trecho
- Não encontrei sujeito na frase para o verbo "observou".
- O verbo "observou" é oculto
- Sujeito não indeterminado
- O sujeito não está expresso, antes nem depois da ação realizada pelo verbo
- Pois não se consegue identificar quem observou uma maior movimentação de pessoas...
- não há sujeito na frase
- presença de verbo transitivo direto + pronome se
- Porque a frase se refere a alguém observou
- Na conjugação: ele/ela observou. Mas não é falado quem observou, poderia ser algum órgão governamental também.
- Não há sujeito na frase.
- Ele pode ser identificado
- Não diz quem observou
- Não há sujeito
- observou algm coisa
- o verbo foi flexionado em terceira pessoa
- Não consegui identificar.
- Está acompanhado pela partícula "se".
- Não existe
- por que acho que esta certo
- não é possível identificar quem praticou a ação de observar .
- sujeito oculto
- Flexão do verbo
- Na frase não mostra quem é o observador
- Pois ele pede um sujeito que o acompanha e que dê sentido a ele que no caso é movimentação.

- o sujeito não aparece na frase
- Ele não existe
- Porque não está presente na frase, mas o para ter chegado a conclusão da pesquisa alguém que "observou".
- Não se pode ter certeza por não estar presente, poderia se supor que eram os pesquisadores pois tem porcentagem mas suposição não é resposta
- Indica que foi observada uma maior movimentação de pessoas
- pois não a nenhum sujeito
- Não tem como relacionar o verbo a um pronome.
- por conta do pronome se
- porque é um conjunto de pessoas que então falado.
- é o mais adequado
- Na frase "observou" não há sujeito
- O verbo encontra-se na terceira pessoa do plural e o se reforça a ideia de dúvida em relação a quem está praticando a ação, sendo assim um sujeito indeterminado.
- Não se consegue ver um sujeito para essa frase
- A palavra "se" é partícula apassivadora
- Não existe sujeito.
- O sujeito não aparece na oração
- Acredito que tenha um sujeito mas ele não tá explícito
- O pronome se vindo antes do verbo causa uma indeterminação.
- Possui apenas um núcleo (palavra)

- Por que não só complementa como também o verbo pode vir antes e depois
- por que não aparece o sujeito só incita ter um
- não há nenhum termo que possa determinar o sujeito ligado ao verbo
- Devido a partícula se que, nesse caso, torna o sujeito inexistente
- O sujeito não está explícito na oração.
- O verbo "observou" inicia-se com "se".
- o verbo observou está se referindo a movimentação
- não há sujeito
- O sujeito não aparece na frase
- Pois o sujeito está "escondido" no verbo OBSERVOU.
- Porque não existe um sujeito exposto na frase, nem explicitamente, nem

Trecho 3

“Estamos reestruturando nossos departamentos e atividades esportivas para o segundo semestre. O momento é de prevenção no combate ao coronavírus.” (Fonte: Esporte goiano – adaptado).

- O verbo de ação está na terceira pessoa do plural.
- Pois não aparece o sujeito no trecho
- O sujeito, Nós, está oculto na frase.
- "Estamos reestruturando" é oculto e a conjugação está na primeira pessoa do plural
- Sujeito oculto
- O sujeito não está expresso nem antes nem após o verbo da frase.
- Porque não está falando quem reestruturou os departamentos e o verbo "estamos" esta na 3° pessoas do plural.
- Não foi possível identificar o sujeito
- não está explícito na oração, mas pode ser determinado pela flexão número- pessoa do verbo.
- Porque a desinência do número de pessoal indicativa da 1ª pessoa do plural estamos.
- Na conjugação: nós estamos. Mas não é falado quem está reestruturando.
- Pela conjugação do verbo "estar" na primeira pessoa do plural, é possível determinar o sujeito mesmo estando oculto na frase.
- É possível indentificá-lo
- Por ser "estamos", a frase poderia ser também "Nós estamos" e como "nós" não se apresenta na oração, eu digo que é sujeito não expresso.
- Não aparece, mas o sujeito é: "nós"
- estamos verbo estar
- o verbo foi flexionado na primeira pessoa do plural, sendo o sujeito "nós", estando este implícito na frase
- O sujeito é oculto, logo só é possível indentificá-lo através da desinência verbal.
- Pois é a pessoa da oração

- por que acho que esta certo
- por mais que não esteja explícito na frase, o sujeito oculto é identificado pela conjugação do verbo "estamos".
- por que esta oculto
- Flexão do verbo estamos
- No texto não expressa que esta realizando a ação de restaurar
- Pois ele acompanha ao "estamos reestruturando".
- Porque a palavra 'estamos' se refere ao sujeito "nós"
- O sujeito está oculto, porém ele pode ser facilmente encontrado, pois a conjugação do verbo "estar" indica que o sujeito é "Nós", ou a primeira pessoa do plural, e o pronome possessivo "nossos", antes do substantivo departamentos, também indica isso.
- esse texto dá a entender que o sujeito de estamos é nós, que está oculto na frase.
- Pois pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto e concorda com o verbo
- ele escreveu o artigo
- o sujeito não aparece na frase
- Porque não está na frase o sujeito, mas o verbos "estamos" identifica que o pronome "nós" que realiza a ação.
- Como se pode ver na frase, não tem o sujeito claro mas ao ver na fonte da para entender que quem deu essa declaração foi o esporte goiano que disse (acredito eu ser a companhia que cuida dos jogos)
- Há um sujeito porém ele não está expresso na frase

- pois a frase tem um sujeito oculto
- Estamos pode ser ligado ao pronome "nós".
- verbo na primeira pessoa do plural
- Pois a frase fala que o departamentos e atividades esportivas que está sendo reestruturado.
- é o mais adequado
- Quem está reestruturando somos nós
- Trata-se de um verbo conjugado na primeira pessoa do plural, deixando implícito o "nós" e sendo classificado como sujeito oculto.
- Pois o sujeito está oculto
- O verbo está conjugado na primeira pessoa do plural
- O termo "Estamos reestruturando" refere-se a nós, mas o mesmo não encontra-se escrito na frase.
- O sujeito está oculto na oração
- Se considerar a conjugação do verbo, esse é correspondente à pessoa nós
- Por causa da conjugação do verbo.
- Possui mais de um núcleo (palavras)
- Por que complementa o predicado
- por que não aparece o sujeito só incita ter um
- Porque, novamente, não há nenhum termo que possa determinar o sujeito ligado ao verbo

- Pois o sujeito não está explícito na oração.
- Verbo está na terceira pessoa do plural.
- os departamentos q foram reestruturados
- o sujeito "nós" não está explícito mas pode ser encontrado pelo verbo "estamos", primeira pessoa do plural (nós)
- O verbo está conjugado em "nós".
- A locução verbal está na 1ª pessoa do plural remetendo a um grupo de pessoas (em que o enunciador
- Pois o sujeito está escondido no verbo ESTAMOS.
- Ao falar "estramos reestruturando", com o verbo estar na primeira pessoa do plural, o pronome nós está implícito.
- se inclui) que está realizando a ação

Trecho 4

“Minha mãe e eu *somos* muito parceiros. Ela me incentivou a fazer faculdade fora do país.” (Fonte: Solidário Notícias – adaptado).

- Os sujeitos são parceiros (realizam o verbo).
- A palavra "somos" é usada diretamente para falar do locutor e sua mãe
- Os sujeitos estão expressos na frase. "Minha mãe e eu"
- porque "somos" está se referindo a minha mãe e eu
- O verbo se refere a "Minha mãe e eu"
- Pois os dois nomes vêm antes do verbo na frase. Indicando que são o sujeito.
- Porque o verbo "somos" refere-se a minha mãe e eu.
- Tem dois núcleos
- o verbo refere-se a mais de uma palavra
- ...
- Porque está indicando duas pessoas
- O verbo se refere em número ao sujeito, além de que é uma frase simples que pode ser dividida facilmente entre sujeito e predicado.
- Estão explícitos na frase os dois sujeitos que são "minha mãe e eu".
- Apresenta mais de 1 núcleo
- "Somos" se refere a eles como sujeito
- Eles que exercem a ação de "ser"
- ser verbo somos
- o verbo "somos" está relacionado ao sujeito "nós" (minha mãe e eu)
- De acordo com a desinência do verbo, que é "nós", "minha mãe e eu" se encaixa.
- Pois são as pessoas da oração
- são as pessoas que praticam a ação de ser.
- sujeito oculto
- flexão do verbo
- A mãe se parece com o filho
- Dá sentido a frase .
- Porque na frase, a palavra "somos" se refere a "minha mãe e eu"
- Pois esses são os termos que acompanham o verbo e que o conjugam.
- o somos está conjugado em nós, e o nós=minha mãe e eu.

- Pois pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto e concorda com o verbo
- eles estão falando deles
- Vem antes do verbo
- Porque realiza a ação do restante da frase
- O sujeito é o "eu" e "mãe"
- O autor fala que ele e a mãe são muito parceiros
- pois o sujeito não é inexistente
- Porque está explícito na oração.
- há dois núcleos: mãe; eu.
- Pois "somos" se refere a mãe e a pessoa que está falando.
- é o mais adequado
- O menino se trata dele e de sua mãe
- a frase diz respeito à esse termo e o mesmo concorda com o verbo.
- Sujeito "nós" que está oculto em "minha mãe e eu"
- Há a presença de dois sujeitos
- eu e minha mãe refere-se a nós.

- Pois é "Minha mãe e eu" que realiza a ação de "ser"
- Porque somos se refere a esse sujeito composto
- O verbo faz referência ao termo anterior.
- Possui apenas um núcleo (palavra)
- Por que temos sempre que pergunta ao predicado
- pois o verbo somos faz referência a ele
- é o termo que define quem o verbo se refere
- Porque as pessoas que são muito parecidas são minha mãe e eu
- Pois no caso quem realiza a ação é "Minha mãe e eu".
- relaciona-se com o verbo "somos", sendo quem o verbo concorda.
- eles são muito parceiros
- "minha mãe e eu" apresenta dois núcleos (mãe, eu) e completam o verbo somos.
- O verbo está conjugado em nós
- Pois o o verbo SOMOS indica que alguém somos, no caso, minha mãe e eu.
- Porque o verbo somos, está se referindo a minha mãe e eu.

Trecho 5

“Espero ganhar pelo menos mais um título brasileiro no ano que vem, porque provavelmente esse ano não *haverá* mais competições.” (Fonte: Folha pé – adaptado)

- verbo haver no sentido de existir
- O que não haverá são as competições
- Pois "haverá" fala diretamente sobre as competições que não ocorreram
- Não encontrei o sujeito para "haverá".
 - ...
 - Porque está indicando o tempo
 - Não sei.
 - Não há sujeito
 - Porque mostra que o que não haverá é competições, tornando ela o sujeito na frase e também tornando o sujeito simples.
 - Nn tenho certeza
 - haver sujeito de haverá
 - o verbo "haver" não tem sujeito indicando tempo
 - O verbo haver neste caso tem sentido de "ter".
 - Não existe
 - é o que não irá haver mais no ano que vem.
 - nao tem sujeito
 - nao achei
 - Quem esta esperando o titulo é o narrador do texto.
 - Pois não haverá mais competições, que tipo de competições ? título brasileiro.
 - Porque na frase, a palavra "haverá" se refere a "competições"
 - Por ser o termo que rege a oração
 - as competições não irão acontecer esse ano, logo, esse ano é o sujeito.
- está justificando
- O verbo haverá se refere ao termo mais competições.
- Porque acho que haverá está ligado ao mais competições.
- Não a sujeito na frase

- eu não consigo explicar, mas acredito que seja pelo verbo haver não exigir que alguém faça a ação.
- Não há sujeito, "não haverá" não há ninguém envolvido pois o "provavelmente" está apelando ao destino sem ninguém que pratique a ação
- Indica que não haverá mais competições
- não obtem sujeito a frase
- Não há como ligar o verbo a um pronome pessoal.
- Pois o "haverá" está se referindo as competições que não vão acontecer.
- é o mais adequado
- não existe sujeito nessa frase
- O verbo haver não possui sujeito.
- Não há sujeito para esse elemento
- O verbo está flexionado para o substantivo competição
- pois o que não haverá mais são as competições.
- Esse ano é onde não haverá mais competições.
- fiquei na dúvida entre sujeito inexistente ou esse mas pra mim faz mais sentido estar se referindo a competições
- Pelo contexto da frase.
- Possui apenas um núcleo (palavra)
- Completa o predicado
- pois o verbo haverá faz referência a ele
- o verbo haver não admite sujeito
- Pois o verbo haver está sendo usado com sentido de acontecer

- Pois o sujeito não está explícito na oração.
- está no sentido de "acontecer".
- o verbo haverão se refere as competições
- "mais competições" possui apenas um núcleo (competições), completando o sentido do verbo "haverá"
- Não sei responder essa questão
- Pois o verbo está no futuro, o que indica que a ação ainda não existiu.
- Porque na frase não possui sujeito.
- O verbo refere-se a ele
- O verbo haver está com sentido de acontecer

Trecho 6

“Estamos com problema grave de empresas na beira do desastre, seja por um motivo, ou, principalmente, porque essa restrição *tem sido* um abuso por parte de governadores estaduais”. (Fonte: FDR – adaptado)

- É quem tem sido.
- Pois o "tem sido" fala sobre o que tem sido da restrição
- O sujeito está expresso na frase, no caso "essa restrição".
- está justificando
- "tem sido" se refere a ele
- Tem sido se refere a essa restrição.
- Porque ao perguntar ao verbo que e/ou quem, é a parte da oração em que mais se encaixa.
- Não a sujeito na frase
- verbo "ser" na indicação de tempo
- ...
- Porque está indicando alguém falando do acontecido
- Pois a locução verbal remete ao substantivo antes dele, que é o sujeito.
- O sujeito está explícito na oração.
- É possível indentificá-lo
- Eu não tenho certeza, mas acho que o sujeito seria "restrição" quem vem antes de "tem sido".
- A restrição tem sido
- tem sido algo inesperado
- é o primeiro termo antes do verbo
- .
- Não existe
- é a restrição que não tem sido um abuso por parte de governadores estaduais.
- sujeito oculto
- analisei a frase e coloquei isto
- Nesse caso a restrição tem sido um abuso
- Não sei justificar
- Porque na frase, as palavras "tem sido" se refere a "restrição"
- Pois é a restrição que tem sido um abuso para parte dos governantes.
- o abuso foi a restrição, logo, essa restrição foi o sujeito.

- Pois pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto e concorda com o verbo
- porque é citado no texto
- Vem antes do verbo
- Pois antecede a ação de ter sido um abuso
- O sujeito seria "restrição" pois ela é o "abuso por parte de governadores"
- Indica que a restrição tem sido um abuso
- não obtém sujeito a frase
- Porque é o termo que o verbo concorda.
- está relacionado ao sujeito: restrição
- é o mais adequado
- O sujeito não está expresso na frase
- É o termo que está concordando com a locução verbal "tem sido".
- Não se encontra sujeito para este elemento
- Os verbos referem-se ao termo restrição
- "tem sido" refere-se à restrição. A restrição que tem sido.

- As restrições é o que tem sido um abuso por parte de governadores estaduais.
- É o termo que vem antes e se refere a ele
- O termo se relaciona com o sujeito diretamente.
- Possui mais de um núcleo (palavras)
- Completa o predicado
- pois a locução verbal tem sido faz referência a ele
- é o termo o qual o verbo fala sobre
- O que tem sido um abuso é a restrição
- É um sujeito oculto e sofre a ação de um problema.
- é o termo a que o verbo concorda.
- a restrição q tem sido(...)
- o sujeito é "nós", do verbo "estamos" sendo oculto, não expresso na frase
- Tem sido se refere a "restrição".
- Quem ou o quê tem sido? A restrição.
- Porque a locução verbal "tem sido" se refere a essa restrição.

Trecho 7

“Nos momentos de choro, dengo, insegurança do seu filho, esteja perto, acolha e abrace sem desfazê-lo. Mas é primordial mostrar os aspectos positivos da escola.” (Fonte: Mundo Marketing – adaptado)

- Porque é o primordial.
- Não encontrei o sujeito na frase, para o verbo "é".
- porque está especificando
- o verbo se refere a ele
- Pois o verbo indica e se refere a esse termo.
- Porque eu o verbo é está concordando com a frase: primordial mostrar os aspectos positivos da escola.
- Não a sujeito na frase
- não sei explicar
- Porque está indicando uma pessoa o seja a mãe

- Esse "é" funciona como verbo de ligação
- Não sei.
- Não há sujeito
- Não determina um sujeito, e não está oculto.
- "mostrar os aspectos positivos da escola" É importante
- Conferir se o sujeito concorda com o verbo
- o verbo está relacionado com o que vem depois dele

- Não existe
- sujeito oculto
- pois não achei
- pois dá sentido a frase
- Porque o sujeito não existe
- Pois nenhum termo antecede o verbo o conjugando
- ele é um verbo intransitivo
- não tem sujeito
- pq é quem escreveu
- não há sujeito
- Não sei
- Não se refere a ninguém apenas a algo que deve ser feito para ter bons resultados
- Indica o que é primordial
- não a sujeito na frase
- Não tem como relacionar o verbo a um pronome.

- verbo ser
- Pois se refere ao sentimento primordial de mostrar os aspectos positivos.
- é o mais adequado
- Não existe sujeito nessa frase
- Não foi determinado quem praticou a ação, fazendo com o verbo não exija sujeito.
- Não tem sujeito
- Não há sujeito.
- Pois "é" é verbo de ligação
- Não soube explicar
- O verbo "ser" é intransitivo.
- Possui apenas um núcleo (palavra)
- Por que complementa o predicado
- na frase não existe um sujeito
- é o termo o qual o verbo fala sobre
- Pois mostrar os aspectos positivos da escola que é o primordial
- É um sujeito simples e o "filho" sofre a ação.
- concorda com o verbo indicado.
- >defeito na questão<
- não há sujeito
- Quando o verbo é de ligação, não se tem um sujeito, pois não indicam uma ação.
- A frase não possui um sujeito.
- O termo destacado se refere a ele

Trecho 8

“O Pedro Pernambuco, que se tornou um grande amigo meu, *veio* me *dar* umas dicas.” (Fonte: GShow – adaptado)

- É quem veio.
- Pois fala a ação feita pelo grande amigo do locutor
- O sujeito é Pedro Pernambuco.
- porque o verbo "veio" está fazendo referência ao Pedro
- o verbo se refere a ele
- Pois o verbo indica que ele praticou a ação expressa.
- Porque quem veio dar umas dicas a ele é o Pedro Pernambucano.
- é um sujeito simples
- não sei explicar
- Pq ele que veio
- Porque está indica duas pessoas
- "(ele, pronome implícito) veio me dar umas dicas." Tal pronome remete ao sujeito da primeira oração.
- Está explícito na frase o sujeito "Pedro Pernambuco" que é o único sujeito da frase, sendo simples.
- Possui apenas 1 núcleo
- Mostra que o sujeito é pedro > grande amigo
- O Predro Pernambuco que veio
- var verbo de veio
- o verbo foi flexionado na terceira pessoa do plural, relacionando o sujeito e a ação
- É o que responde à pergunta "quem veio?".
- é ele que veio dar as dicas.
- sujeito oculto
- por causa do contexto
- Pois o veio pede um sujeito, quem veio? o grande amigo.
- Porque o sujeito não existe
- O sujeito é oculto, mas por inferências textuais, podemos descobrir que é Pedro Pernambuco.
- ele veio até a mim.
- Pois pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto e concorda com o verbo
- é ele que vai dar a dica
- Esta se referindo a ele.
- Pois ele está realizando a ação do verbo ir.
- O Pedro que veio dar as dicas
- Indica quem veio dar as dicas
- pois e um sujeito oculto
- Quem "veio" foi o Pedro Penambuco.
- Pedro praticou a ação de ir, "Pedro" é o sujeito
- Pois na frase afirma que Pedro que foi dar umas dicas.
- é o mais adequado
- Pedro veio me dar umas dicas
- Ele que praticou a ação na frase.
- Pois na frase da a se entender que quem foi velo foi o Padre

- Ele se encontra explícito
- Foi o Pedro Pernambuco quem realizou a ação de vir.
- É quem realiza a ação de "vir "
- Se refere a ele que corresponde a Pedro Pernambuco
- O que ou quem veio? Pedro Pernambuco. Escolhi pelo contexto.
- Possui apenas um núcleo (palavra)
- Por que complementa o predicado
- pedro pernambuco um grande amigo meu são referentes um ao outro logo veio é capaz de se conectar a ambos
- é o termo o qual o verbo fala sobre
- Quem veio foi Pedro Pernambuco
- Pois o sujeito realiza a ação de se tornar um grande amigo.
- Porque ele é o autor da ação, sendo quem o verbo concorda.
- ele q deu as dicas
- o sujeito é "O Pedro Pernambuco" possui apenas um núcleo (Pedro Pernambuco), sendo retomado pelo verbo "veio", completando-o
- Não sei responder essa questão
- Quem veio me dar umas dicas? O Pedro Pernambuco.
- O verbo "veio" se refere a esse termo.

Trecho 9

**.. "os pacientes que precisam de internamento, aqueles que tinham a indicação relativa, muitas vezes, *são mandados* para casa e voltam já um pouco mais graves."
(Fonte: G1 – adaptado)**

- São quem são mandados.
- Pois a ação de ser mandado é o que acontece com os "pacientes que precisam de internamento"
- O sujeito são "os pacientes".
- Porque são mandados está fazendo referência aos pacientes
- o verbo se refere a ele
- O verbo indica que eles realizaram a ação.
- Porque os pacientes que precisam de internamento que são mandados para casa.
- são mandados --> os pacientes
- não sei explicar
- Pq eles q foram mandados
- Porque se refere a alguém a cituando o acontecido
- A locução verbal concorda em número com o sujeito.
- Está explícito na frase o sujeito "os pacientes".
- Possui apenas 1 núcleo
- Os *pacientes* que são mandados pra casa, tornando eles o sujeito.
- Apenas aqueles pacientes que tinha indicação relativa são mandados
- sao mandados escolhidos
- o verbo está flexionado na terceira pessoa do plural, se relacionando com o termo anterior, "pacientes" no plural

- É o termo que responde à pergunta "quem são mandados?".
- Pois é a pessoa da oração
- eles são mandados para a casa e voltam já um pouco mais graves.
 - sujeito oculto
- devido a flexão do verbo e a palavra no plural
- pois ele que dá o sentido requerido a frase.
- Porque nessa frase as palavras "são mandados" se referem a "os pacientes"
- Pois eles, os pacientes, é o termo que conjuga o verbo, porém as partes são separadas pelo apostrofo, entretanto, isso não muda o sujeito.
- eles são mandados pra casa, logo, eles são os sujeitos da frase
- Pois pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto e concorda com o verbo
- porque o artigo esta falando deles
- Estão se referindo a eles
- Porque quem está realizando a ação da frase são os pacientes.
- O sujeito é os pacientes
- Indica que é mandado para casa
- pois e sujeito oculto
- Porque concorda com o verbo.
- pois "são mandados" está se referindo aos pacientes que foram mandados para casa.
- é o mais adequado
- Quem é mandado para casa são os pacientes
- O verbo concorda com esse termo, sendo o mesmo que pratica a ação.

- Q ação é direcionada a eles
- Encontra-se explícito na frase
- são os pacientes que precisam de internamento que são mandados
- São os pacientes quem são mandados para casa.
- É um sujeito composto e seguindo a linha de raciocínio, se refere a este
- Pelo contexto, e nesse caso usa "são mandados" para não ocorrer repetição da mesma palavra, no caso "os pacientes".
- Possui mais de um núcleo (palavras)
- Por que complementa o predicado
- aqueles que tinham a indicação relativa são os pacientes logo os que são mandados são os pacientes se tornando eles o sujeito
- é o termo o qual o verbo fala sobre
- São os pacientes que são mandados para casa
- Porque "Os pacientes" que são mandados para casa sofrendo a ação.
- Porque ele está relacionado com a oração seguinte, sendo o sujeito anterior ao verbo de ligação.
- eles q foram mandados
- o sujeito de "são mandados" é "Os pacientes", pois tem apenas um núcleo (pacientes) , retomam pelo "são mandados", completando-o
- Ele dá nome aquelas pessoas que são mandados para casa.

Trecho 10

“A série ‘Aruanas’ me deu chance de contar uma história de pessoas que lutam pelas suas utopias. *Foi escrita* por ativistas.” (Fonte: O Globo – adaptado)

- É o que foi escrito.
- Pois "foi escrita" é usada para falar por quem foi escrita a série
- O sujeito é "A série".
- Porque está fazendo referência a série Aruanas
- o verbo se refere a ele
- O verbo indica que ação foi praticada por eles.
- Porque pode se observar que a série Aruanas "foi escrita" por ativistas.
- não foi possível identificar o sujeito na frase
- não sei explicar
- Pq ela que foi escrita
- Porque está indicando uma pessoa não identificada
- "(ela, pronome implícito) foi escrita por ativistas." Tal pronome se remete ao sujeito da primeira oração.
- Pois está implícito na frase que se inicia mas na primeira é explícito o sujeito "A série 'Aruanas'".
- Possui 1 núcleo
- Mostra no texto os ativistas como sujeito de "foi escrita" dizendo que Aruanas foi escrita por eles.
- A série que foi escrita
- esta explicitamente o sujeito
- a locução verbal na segunda oração, se relaciona com o sujeito presente na oração anterior
- É o termo que responde à pergunta "quem foi escrita?".
- Pois é a pessoa da oração
- foi ela que foi escrita por vários ativistas.
- está oculto
- analisei o contexto
- pois dá o sentido a frase.
- Porque nessa frase as palavras "foi escrita" se referem a "série aruanas"
- Pois se trata de uma oração diferente, entretanto falando sobre o mesmo tema, ou seja, a série.
- ela foi escrita, então a série é o sujeito
- Pois pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto e concorda com o verbo
- porque é citado no texto
- Fala da série na frase.
- Porque a locução verbal "foi escrita" exige que alguém ou algo realize a ação, e o termo mais próximo e que mantém o sentido é a série Aruanas.
- Quem escreveu, fez o ato de escrever foram as ativistas
- Indica quem escreveu
- pois o sujeito é oculto
- Concorda com o termo verbal.

- sujeito: ativistas
- Pois são as pessoas que escreveram.
- é o mais adequado
- Pois a série é que foi escrita
- o verbo concorda com esse termo e a frase está falando sobre a série.
- A serie foi escrita por ativistas
- Encontra-se explícito na frase
- os ativistas que realizaram a ação de escrever
- É a série quem foi escrita por ativistas
- Foi escrita se refere a série Aruanas porque faz sentido de acordo com o contexto
- No contexto da frase o que foi escrito foi a série.
- Possui mais de um núcleo (palavras)
- pois a locução verbal foi escrita faz referência a ele
- é o termo o qual o verbo fala sobre
- Pois foi a serie que foi escrita por ativistas
- Pois a série foi escrita por ativista.
- Pois o sujeito referente é "a série 'Aruanas'", apresentado na frase anterior e omitido na indicada.
- a série arunas q foi escrita
- o sujeito da frase é "A série 'Aruanas'", apresenta apenas um núcleo, "foi escrita" se refere à série, retomando-a
- O verbo foi conjugado usando esse sujeito
- Na frase é explícito que a ação do verbo foi feita pelos ativistas.
- Pois o sujeito no qual o verbo se refere não está explícito na frase.

Trecho 11

“Esfriou bastante em todo Sudeste, no Centro-Oeste, no Sul até num pedaço da Região Norte.” (Fonte: G1 – adaptado)

- Se trata de um fenômeno natural, logo não tem sujeito.
- Pois a palavra "esfriou" é usada de forma que não é possível descobrir qual seria o sujeito
- Não há um sujeito para o verbo "esfriou".
- Porque não está explícito
- Sujeito indeterminado
- O sujeito é inexistente na frase.
- Porque está ligado a um fenômeno da natureza.
- Não a sujeito em fenômenos naturais
- pois tem a ver com fenômenos da natureza
- Pq o sudeste que esfriou
- Porque está referido o tempo eo estado de temperatura
- Se refere a uma condição climática.
- Não tem como saber o sujeito somente pelo verbo.
- Não está presente na oração
- Se referem a eles quando dizem que algo esfriou
- O sujeito não aparece na frase, é um sujeito indeterminado
- verbo esfriou

- verbos que indicam eventos climáticos, não tem sujeito
- O verbo esfriou refere-se a um fenômeno natural.
- Pois é a pessoa da oração
- não é possível identificar quem praticou a ação de esfriar.
- oracao sem sujeito
- nao achdi
- não sei
- Porque o sujeito não existe
- Nenhum termo acompanha o verbo, mas por inferências, podemos dizer que se trata do clima ou do tempo.
- esfriar é um fenômeno da natureza, e esse tipo de fenômeno é considerado verbo intransitivo
- está relacionado com o fenômeno da natureza
- é citado no texto
- não há sujeito
- Porque o verbo esfriou, é de tempo e esse tio não exige algo para realizar a ação.
- Não tem sujeito na frase pois é algo da natureza
- Não indica o que esfriou
- não a sujeito
- Porque são os lugares onde se "esfriou".
- verbo que indica fenômeno natural

- Pois está se referindo a lugares em que esfriou
- é o mais adequado
- Pois o que esfriou foi o tempo
- O verbo não exige sujeito.
- Não se refere a nenhum sujeito
- Pois se trata de fenômeno da natureza
- Verbos que indicam fenômenos da natureza não apresentam sujeito.
- O sujeito é oculto na oração
- expressa fenômeno natural
- Fenômenos da natureza não têm sujeito.
- Possui apenas um núcleo (palavra)
- Por que complementa o predicado
- pois o verbo esfriou faz referência a eles
- porque indica fenômeno da natureza
- Esfriar é usado como se fosse um fenômeno da natureza
- A oração não tem sujeito explícito.
- Pois o verbo aparece de forma impessoal, relacionado ao clima.
- foram esses lugares q esfriaram
- não há sujeito na frase
- Pois na frase diz que esfriou em algum(ns) locais. Ou seja, Sudeste, Centro
- Pois a oração não possui um sujeito.

Trecho 12

"Em muitas situações existe um conflito." (Fonte: G1 – adaptado)

- É quem/o que existe.
- Pois é usado para falar sobre o que há nestas "muitas situações"
- O sujeito é "Um conflito".
- Porque está especificando que em muitas situações existe um conflito
- o verbo se refere a ele
- Pois inicia a frase e realiza a ação expressa pelo verbo.
- Pois acho que o verbo concorda com esse termo.
- Não a sujeito na frase
- não sei explicar
- ...
- Porque está indicando uma frase em terceira pessoa
- Está explícito na oração o sujeito.
- Apenas 1 núcleo
- Conflito é o que existe em muitas situações, tornando ele o sujeito
- Em muitas situações que existe algo
- existe verbo
- o verbo está conjugado na terceira pessoa, caracterizando o sujeito "em muitas situações"
- Segue a mesma norma do verbo haver.
- Pois é a pessoa da oração
- é o conflito que existe em muitas situações.
- sujeito oculto
- analisei e achei
- não sei a resposta
- Porque nessa frase a palavra "existe" se refere a "um conflito"
- Pois o termo "em muitas situações" não conjuga o verbo.
- existir com sentido de haver é considerado verbo transitivo direto, mas impessoal
- Pois pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto e concorda com o verbo
- porque é citado no texto
- vem antes do verbo
- Eu não sei explicar.
- Não se sabe qual situações que há o conflito
- Indica em que existe um conflito
- não a sujeito
- É nela que "existe" o conflito.
- verbo existir
- Pois está se referindo as situações.
- é o mais adequado
- Existe um conflito
- É o termo referente ao verbo.
- Existe se refere as situações
- Pois quando o verbo existir não tem sujeito
- o que existe é um conflito.
- Pois são em muitas situações que os conflitos existem
- Existe se refere a conflito
- Pois é um verbo intransitivo.

- Possui apenas um núcleo (palavra)
- Por que complementa o predicado
- pois o verbo existe faz referência a ele
- é o termo o qual o verbo fala sobre
- Um conflito é o que existe
- Pois na oração tem sujeito indeterminado.

- Porque o verbo é impessoal.
- essa eu chutei a resposta kkkk
- não há sujeito na frase
- Pois o verbo é impessoal, ou seja, permanece sempre na terceira pessoa do singular.
- Porque o verbo faz referencia ao mesmo.

Trecho 13

“Meu foco principal é o retorno ao esporte, ainda tem muita coisa para acontecer.”

(Fonte: Folha pé – adaptado)

- É o foco na frase.
- Pois o "é" é usado para dizer qual é o foco
- O sujeito é "Meu foco"
- porque está explicando qual é o foco principal
- O verbo se refere a ele
- Pois inicia a frase e realiza a ação expressa pelo verbo.
- Porque na oração não se fala de quem é o foco principal do retorno ao esporte.
- Não foi possível identificar o sujeito na frase
- não sei explicar
- ...
- Por que está indicando somente uma pessoa
- O sujeito está explícito na oração.
- Apenas 1 núcleo
- Porque é o que ele se refere como sujeito
- Aquilo é seu foco principal
- verbo ser
- o verbo vem logo após o sujeito, caracterizando-o
- Ele é o que responde à pergunta "qual é o foco principal?".
- Pois é a pessoa da oração
- ele que pratica a ação de ser.
- sujeito oculto
- Analisei o contexto
- pois ele acompanha o sujeito dando sentido a ele.
- Porque nessa frase a palavra "é" se refere a "o retorno ao esporte"
- Pois, se tratassem de mais de um foco, seria utilizado: "meus principais focos são".
- ser é verbo intransitivo.
- Pois pode ser substituído por um pronome pessoal do caso reto e concorda com o verbo
- é citado no texto
- Não há sujeito

- O verbo "é" como um verbo de ligação, esta ligando o termo do sujeito que realiza a ação com o complemento de predicado
- O foco "é" "meu"
- Indica o foco principal
- não a sujeito na frase
- Possui concordância com o verbo.
- que ou quem "é"? meu foco principal.
- Pois o "é" está se referindo ao retorno ao esporte.
- é o mais adequado
- Não existe sujeito nessa frase
- É o termo referente ao verbo.
- Se refere ao foco de alguém
- Pois quem pratica a ação é a primeira pessoa do singular
- pois o foco principal que é
- Pois "Meu foco principal" é quem realiza a ação de "ser" o retorno ao esporte
- De acordo com o contexto, é se refere ao meu foco principal

- É o termo a qual se refere.
- Possui apenas um núcleo (palavra)
- Por que complementa o predicado
- por que não aparece o sujeito só incita ter um
- é o termo o qual o verbo fala sobre
- Pois é o foco principal que é o assunto
- Pois o foco é o principal retorno.
- Porque ele está relacionado com o complemento da oração sub. subst. predicativa, que é o predicativo do sujeito.
- 'o retorno ao esporte' apresenta apenas um núcleo (esporte), completa o sentido do verbo "é"
- Não sei responder essa questão
- Pois o verbo é transitivo direto de ligação. O que significa que não representa nenhuma ação.
- Pois o verbo ser nesse caso, faz referencia ao foco principal do locutor

Anexo 2 – Questionário nº 1 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos Área de Concentração:
Linguística Teórica e Descritiva Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso**

Pesquisa: Teoria X Práxis: As noções de sujeito para além das gramáticas, na perspectiva de alunos do ensino fundamental e médio.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Tenuta

Orientanda: Marília Lacerda

Professor: _____ Escola: _____ Ano(s) e turma(s) que
leciona: _____

1. Como foi apresentada a categoria gramatical ‘sujeito’ para os seus alunos?

Você pode assinalar mais de uma alternativa.

☐ Sujeito é o “termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa” Neto e Infante (2008, p. 347)

☐ Sujeito é “o ser sobre o qual se faz uma declaração”. Cunha e Cintra (2016, p.136)

☐ Sujeito é “o agente da ação verbal”. Bechara (2009, p. 94)

☐ Outra _____

Eu avalio a abordagem e as atividades sobre ‘sujeito’ no livro didático adotado como

☐ enfocando apenas a identificação e a classificação do sujeito em frases isoladas e descontextualizadas, fora do texto.

☐ através de exercícios envolvendo compreensão e produção de sentidos, nos quais a categoria sujeito é trabalhada no interior do texto.

Comente:

2. Eu trabalho a fixação do conteúdo ‘sujeito’ gramatical em sala (minha prática didática- pedagógica em relação) como

☐ através de exercícios que promovam a identificação e a classificação do ‘sujeito’ em frases soltas ou orações isoladas.

☐ através de exercícios focando nos sentidos relacionados aos ‘sujeitos’ de orações retiradas de texto.

Comente:

3. Os alunos tiveram contato com o conteúdo de sujeito em anos anteriores? Se sim, a que definições de sujeito os alunos foram expostos? Você pode assinalar mais de uma alternativa.

☐ Sujeito é o “termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa”.

Neto e Infante (2008, p. 347)

☐ Sujeito é “o ser sobre o qual se faz uma declaração”. Cunha e Cintra (2016, p.136)

☐ Sujeito é “o agente da ação verbal”. Bechara (2009, p. 94)

☐ Outra _____

4. No processo de identificação e classificação da categoria gramatical ‘sujeito’, como você avalia, no geral, o nível de compreensão demonstrado pelos alunos? Como você identificou essa compreensão?
-
-
-

5. Que questionamentos ou dúvidas recorrentes os alunos apresentaram sobre a definição, identificação e classificação do sujeito?
-
-
-

Anexo 3 – Questionário nº 2 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos Área de Concentração:
Linguística Teórica e Descritiva Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso**

Pesquisa: Teoria X Práxis: As noções de sujeito para além das gramáticas, na perspectiva de alunos do ensino fundamental e médio.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Tenuta

Orientanda: Marília Lacerda

Escola:

Ano/Turma:

Atividade:

Nos trechos linguísticos abaixo, **identifique** o ‘sujeito’ dos elementos verbais **negritados**, em seguida, **apresente a justificativa** para sua escolha - o que o(a) levou a essa identificação.

Observações:

- Se, para você, não houver um sujeito para esse elemento verbal, identifique-o como: sujeito inexistente.
- Se, para você, haja um sujeito, mas ele não esteja aparecendo escrito na frase por ser indeterminado ou oculto, identifique-o como: sujeito não expresso.

Trechos linguísticos:

1. “Ainda não tô recuperado. E soube que lá (no IJF- Instituto Doutor José Frota) tá uma epidemia só, muita gente doente. E **estão dando** uma máscara pra pessoa passar um mês.” (Fonte: G1- adaptado)

O sujeito é

Eu escolhi este termo como sujeito porque

2. “Coincidentemente, se **observou** uma maior movimentação de pessoas e caiu a taxa de isolamento para 50%, 49%, 47%. (Fonte: G1- adaptado)

O sujeito é

Eu escolhi este termo como sujeito porque

3. “**Estamos reestruturando** nossos departamentos e atividades esportivas para o segundo semestre”. O momento é de prevenção no combate ao coronavírus.” (Fonte: Esporte goiano - adaptado)

O sujeito é

Eu escolhi este termo como sujeito porque

4. “Minha mãe e eu **somos** muito parceiros. Ela me incentivou a fazer faculdade fora do país.” (Fonte: Solidário Notícias - adaptado)

O sujeito é

Eu escolhi este termo como sujeito porque

5. “Espero ganhar pelo menos mais um título brasileiro no ano que vem, porque provavelmente esse ano não **haverá** mais competições.” (Fonte: Folha pé - adaptado)

O sujeito é

Eu escolhi este termo como sujeito porque

6. “Estamos com problema grave de empresas na beira do desastre, seja por um motivo, ou principalmente porque essa restrição **tem sido** um abuso por parte de governadores estaduais”. (Fonte: FDR - adaptado)

O sujeito é

Eu escolhi este termo como sujeito porque

7. “Nos momentos de choro, dengo, insegurança do seu filho, esteja perto, acolha e abrace sem desfazê-lo. Mas **é** primordial mostrar os aspectos positivos da escola.”
(Fonte: Mundo do Marketing - adaptado)

O sujeito é

Eu escolhi este termo como sujeito porque

8. “O Pedro Pernambuco, que se tornou um grande amigo meu, **veio** me dar umas dicas.” (Fonte: GShow - adaptado)

O sujeito é

Eu escolhi este termo como sujeito porque

9. ... os pacientes que precisam de internamento, aqueles que tinham a indicação relativa, muitas vezes, **são mandados** para casa e voltam já um pouco mais graves. (Fonte: G1 - adaptado)

O sujeito é

Eu escolhi este termo como sujeito porque

10. “A série ‘Aruanas’ me deu chance de contar uma história de pessoas que lutam pela suas utopias. **Foi escrita** por ativistas.” (Fonte: O Globo - adaptado)

O sujeito é

Eu escolhi este termo como sujeito porque

11. “**Esfriou** bastante em todo Sudeste, no Centro-Oeste, no Sul até num pedaço da Região Norte.” (Fonte: G1 - adaptado)

O sujeito é

Eu escolhi este termo como sujeito porque

12. "Em muitas situações **existe** um conflito.” (Fonte: G1 - adaptado)

O sujeito é

Eu escolhi este termo como sujeito porque

13. “Meu foco principal **é** o retorno ao esporte, ainda tem muita coisa para acontecer.”
(Fonte: Folha pé)

O sujeito é

Eu escolhi este termo como sujeito porque
